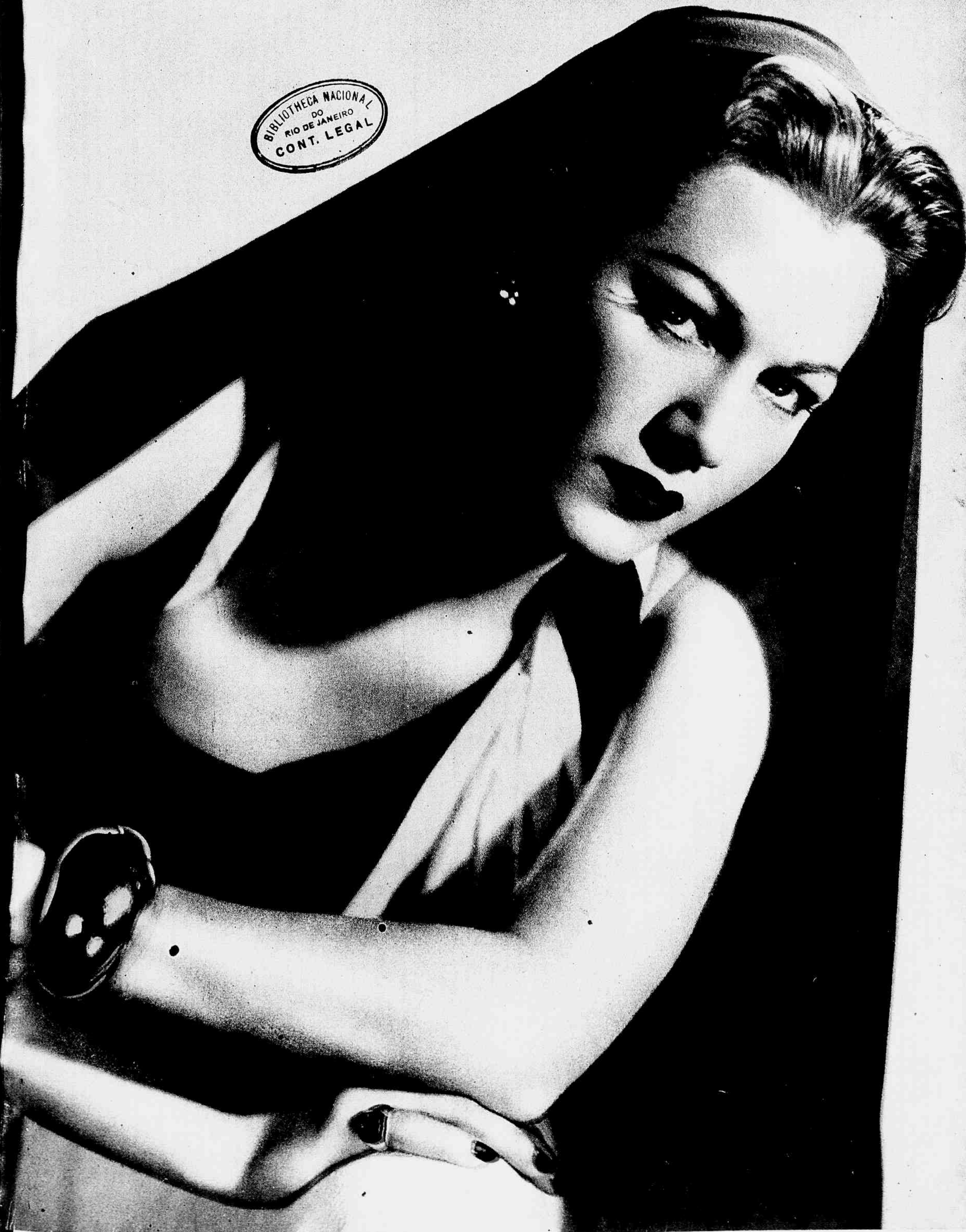


REVISTA DA SEMANA

Nº 9

CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

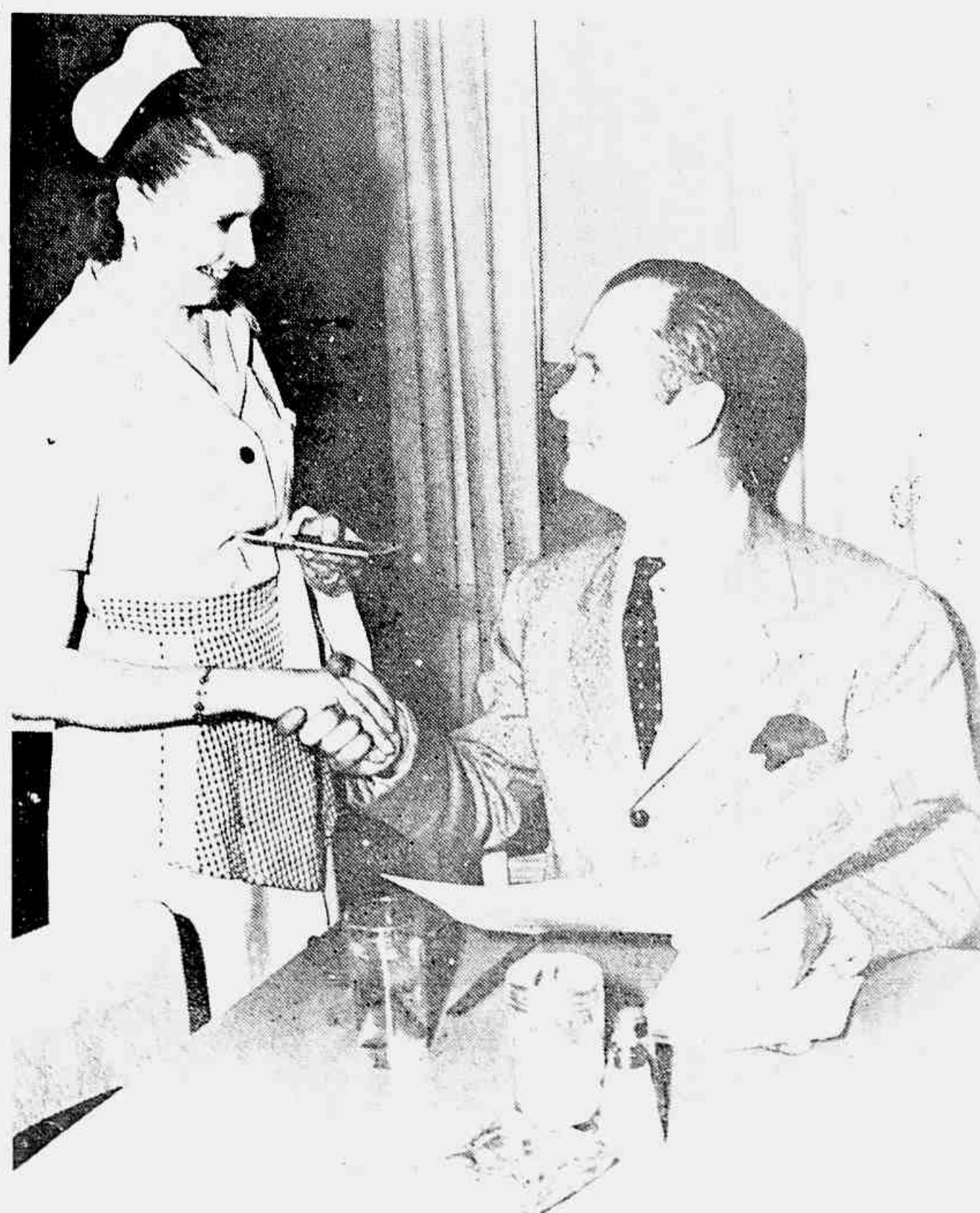
1 - 3 - 47





ROBERT MONTGOMERY em trajes civís

Robert Montgomery foi desincorporado do serviço militar após quatro anos de atividades nas zonas de batalha. E voltou disposto a enfrentar a "camera" e dirigir seus próprios filmes. Começou a aventura em "Fomos os sacrificados" (They were expendable). Em seguida dirigiu e fez o papel principal de "Lady in the lake", como galã de Audrey Totter. Robert Montgomery aproveita suas horas de folga para rever seus velhos amigos do estúdio em que trabalha, onde é querido de todos.





PASSOU o carnaval e, passado o carnaval, o ambiente teatral está começando a se movimentar... Mesquitinha, voltando à liberdade depois de uma prisão injusta, está fazendo sucesso no Rival, onde apresenta sua segunda peça, "Rodrigues, o extranumerário", estupidamente proibida pelo extinto DIP, no tempo em que o mesmo e o DASP eram soberanos... No Serrador, Joracy Camargo, o nosso mais brilhante autor teatral, está ensaiando sua nova peça, que ali será apresentada sob o título de "Mocinha". Maria Sampaio, que se colocou num lugar de primeiro plano no nosso teatro, está ensaiando uma peça de outro autor de grande merecimento, Ernani Fornari, — "As três encarnações de Romeu e Julieta". E a senhora Henriette Risner Morineau vai dar, no Regina, pela primeira vez, uma peça do grande poeta e dramaturgo francês Jean Cocteau em nosso idioma. Henrique Pongetti, outro talento de escol do teatro brasileiro, está terminando uma nova comédia, em que se reflete a vida da sociedade elegante do Rio. E Alma Flora toma providências para a estréia de sua companhia no Ginástico, ainda no mês de março. Isto sem falar em Jaime Costa que, estimulado, talvez, pelo êxito da chanchada "O Bonitão", no ano passado, vai dar agora "O Piratão", adaptação nova de uma velha peça de Jacques Deval, executada pelo senhor Renato Alvim. Por falar em teatro, vem aí uma companhia francesa de tragédias, com Marie Bell e Maurice Escande, afim de ocupar o Teatro Municipal. Essa companhia anunciou que está incluída no seu repertório a "Tosca", velha peça de Victorien Sardou, que, no Brasil, já passou ao repertório dos circos de cavalinhos... A idéia de dar a "Tosca" é detestável... Aquilo é uma droga intolerável, que nem mesmo com música se salva... Os automóveis continuam a matar gente impunemente nesta heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro... Ainda há dias, num trecho do Flamengo, um ônibus passou sobre um casal de noivos, morrendo ambos instantaneamente, e domingo, no Lido, um automóvel atirou à distância um pedestre, cujo corpo foi logo em seguida novamente triturado por um ônibus que passava a toda velocidade... O coitado ficou reduzido a uma espécie de pasta de goiabada. Mas isso não tem nenhuma importância, porque no Rio o pedestre nunca tem razão e os atropeladores jamais são condenados... Quando aparecerá um deputado para emendar o Código Penal, reforçando as penas contra os atropeladores... O jornal integralista "Vanguarda" julga ter descoberto a pólvora, anunciando uma série de reportagens sobre a fúria dos autos... E disse que no Rio há mais desastres do que em Nova York. Ora, isso não é nenhuma novidade e a propósito de atropelamentos "Vanguarda" não está descobrindo coisa nenhuma... Não faz seis meses, REVISTA DA SEMANA esgotou esse assunto, numa reportagem subordinada ao título de "30.000 atropelamentos em dez anos!" Pegou fogo, em Londres, o apartamento da atriz cinematográfica Bibi Ferreira, que ali se acha, participando da filmagem de "The End of The River", filme inglês que também já foi anunciado como "Green days and blue days". E' que Bibi Ferreira se esqueceu de desligar o fogareiro elétrico de que ela e sua mãe, dona Aida Esquerido Ferreira, se serviam para preparar refeições ligeiras, naquela cidade fria e sem criadas... Fez um grande sucesso o novo filme da Atlantica, "Este mundo é um pandeiro", com Oscarito e Marion, tendo entrado na segunda semana de exibição em vários cinemas. A propósito, acaba de ser encerrada a filmagem de uma nova película nacional "Querida Suzana", com Madeleine Rosay e Nelson Vaz. Vinte e três aviadores brasileiros visitaram o trio Dorothy Lamour-Bob Hope-Bing Crosby, no "set" da Paramount, durante uma filmagem de "The Road To Rio". O cicerone foi o ator Raul Roulien, dizem os telegramas. Acompanhado, aliás, de Rosina Cozzolino, uma das Irmãs Pagãs... "Chuva", com Dulcina, no Teatro Astral, em Buenos Aires, já passou de cento e cinquenta representações. O governo trabalhista que preside os destinos da Inglaterra impressionou muito favoravelmente a opinião mundial ao anunciar que, em junho de 1948, os ingleses se retirarão da Índia, entregando-a ao governo indú que está em vias de formação... E' um belo procedimento. O que nos espanta, entretanto, não é isso, mas o contraste entre essa atitude tão humana e aquela outra, tão drástica e tão antipática, dos ingleses contra os pobres judeus da Palestina... Tem sido triste, no caso da Índia, é o papel reacionário do senhor Winston Churchill, que parece disposto a alienar muitas das simpatias que conquistou pela maneira viril e desassombrada com que conduziu a Inglaterra na guerra... Sua Eminência, o cardinal Cerejeira, patriarca de Lisboa, acaba de descobrir que o fascismo, o nazismo e o comunismo se equivalem, como formas do totalitarismo... Antes tarde do que nunca. Essa opinião "desassombrada" do ilustre pastor de almas, a esta altura dos acontecimentos, fazendo a apologia da "democracia cristã", parece demonstrar que a estrela do seu amigo Oliveira Salazar está em declínio... A menos que o senhor Oliveira Salazar seja o homem que ele tem em vista, em Portugal, para chefiar a tal "democracia cristã"... De qualquer modo, as palavras do cardinal patriarca de Lisboa mostram que o mundo marcha e muita gente o acompanha, ainda que mais ou menos constrangidamente...

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

...

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

...

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre



OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — So serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer.

CONCURSO DE ROMANCES — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Licio Rizzo; "O destino e que nos leva", de Graciema P. Genoire; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. "Atlântida Soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal e "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo). Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso e Berilo Neves.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÚLTIPLAS
COM EXATIDÃO

ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

Joalheria

R. CARIOCA N.º 28

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



CARNAVAL

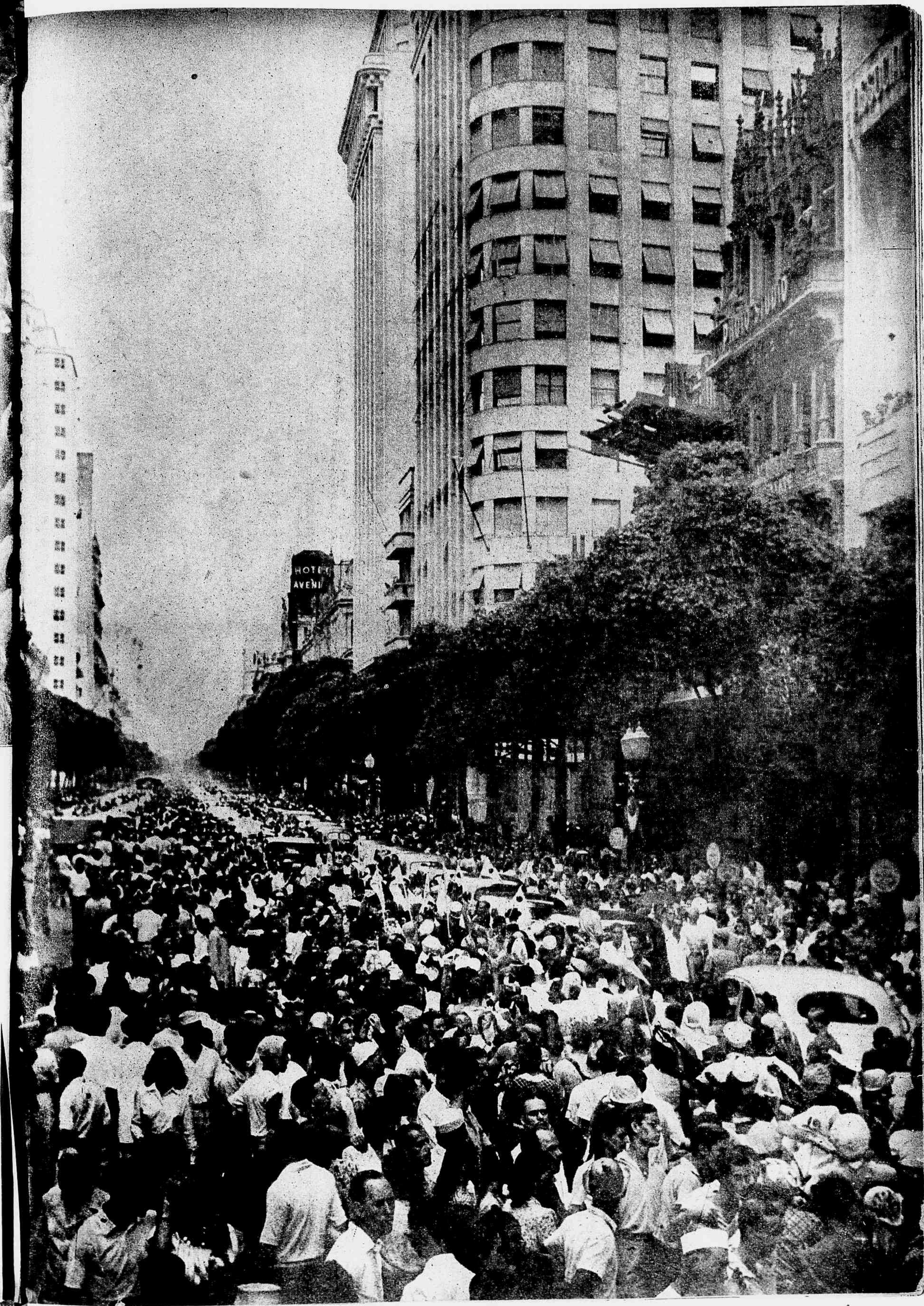
ATE' DEBAIXO D'AGUA

Como decorreu a grande folia de 1947 no Rio de Janeiro — Nem as chuvas nem os "tubarões", nem as dificuldades de transportes intimidaram os carnavalescos cariocas...

O CARNAVAL DE 1947 teria sido um carnaval na verdade excepcional, um carnaval notabilíssimo, um carnaval digno das mais gloriosas tradições da cidade mais foliada do mundo, se não tivesse chovido implacavelmente, continuamente, torrencialmente, durante quase todo o período compreendido entre o sábado gordo e a quarta-feira de Cinzas. Os preparativos para a quadra carnavalesca foram animadíssimos e, por toda parte, reinava verdadeiro entusiasmo. As fantasias, mal eram colocadas nas vitrines das casas de modas, logo desapareciam, como que por encanto. As escolas de sambas realizavam ensaios rigorosos. As estações de rádio berravam sambas carnavalescos e marchinhas saltitantes, divulgando o que havia de melhor para ser cantado em honra de Momo. E para complemento de tudo isso o chefe de Polícia, general Lima Câmara, num gesto compreensivo e benevolente, levantou a maioria das exigên-

cias draconianas do período ditatorial, inclusive a proibição do uso de máscaras em recinto fechado, — e do mesmo modo cancelou a ordem absurda que proibia injustificadamente o desfile das pequenas sociedades, — blocos, ranchos e cordões, — através da Avenida Rio Branco. Só três coisas restavam para atrapalhar os desígnios carnavalescos dos cariocas: a dificuldade de transportes, a ganância dos tubarões e a instabilidade do tempo. Dessas três coisas, os foliões não conseguiram se livrar. Os "tubarões" conseguiram aumentar o tabelamento do preço das bebidas, como de tudo o mais; o sistema de transportes para a grande massa de carnavalescos ainda foi o bonde, com gente dependurada por todos os lados; e quanto ao tempo, foi "molhado", durante os três dias de pandega... O carnavalesco carioca, o folião de verdade, entretanto, não se aperta com coisas como essa. Era só o tempo melhorar ligeiramente, haver uma pausa por pe-

Em cima: a onda humana rolando pela avenida, ao som da "Odalisca" e do "Pirata da Perna de Pau". Ao lado: um folião tristonho, mas apesar de tudo intérprete dos sentimentos dos carnavalescos em geral. Passa sem tudo, menos sem folia... Na página à direita, um flagrante da Avenida Rio Branco, atropetada de carnavalescos, de ponta a ponta, num momento em que o aguaceiro se atenuou...







Na página à esquerda: A esquerda, dois carnavalescos se exibem em frente ao Teatro Municipal, ao som da "Odalisca"... A "linda jovem" tem um belo par de bigodes, mas isso não faz mal... Em cima: dois carros no corso... Sim, dois carros abertos, coisa rara hoje em dia... O corso está acabando em razão de só aparecerem agora automóveis fechados... Em baixo: a folia dos índios Tapajós... Falsos índios, índios do Grajaú e adjacências...

quena que fosse no aguaceiro, — e logo o centro da cidade ficava regorgitando de foliões. Não há dúvida: se não fosse a chuva, mesmo com os transportes como são e apesar das explorações, o

carnaval de 1947 teria sido um dos maiores, senão o maior destes últimos vinte anos...

★

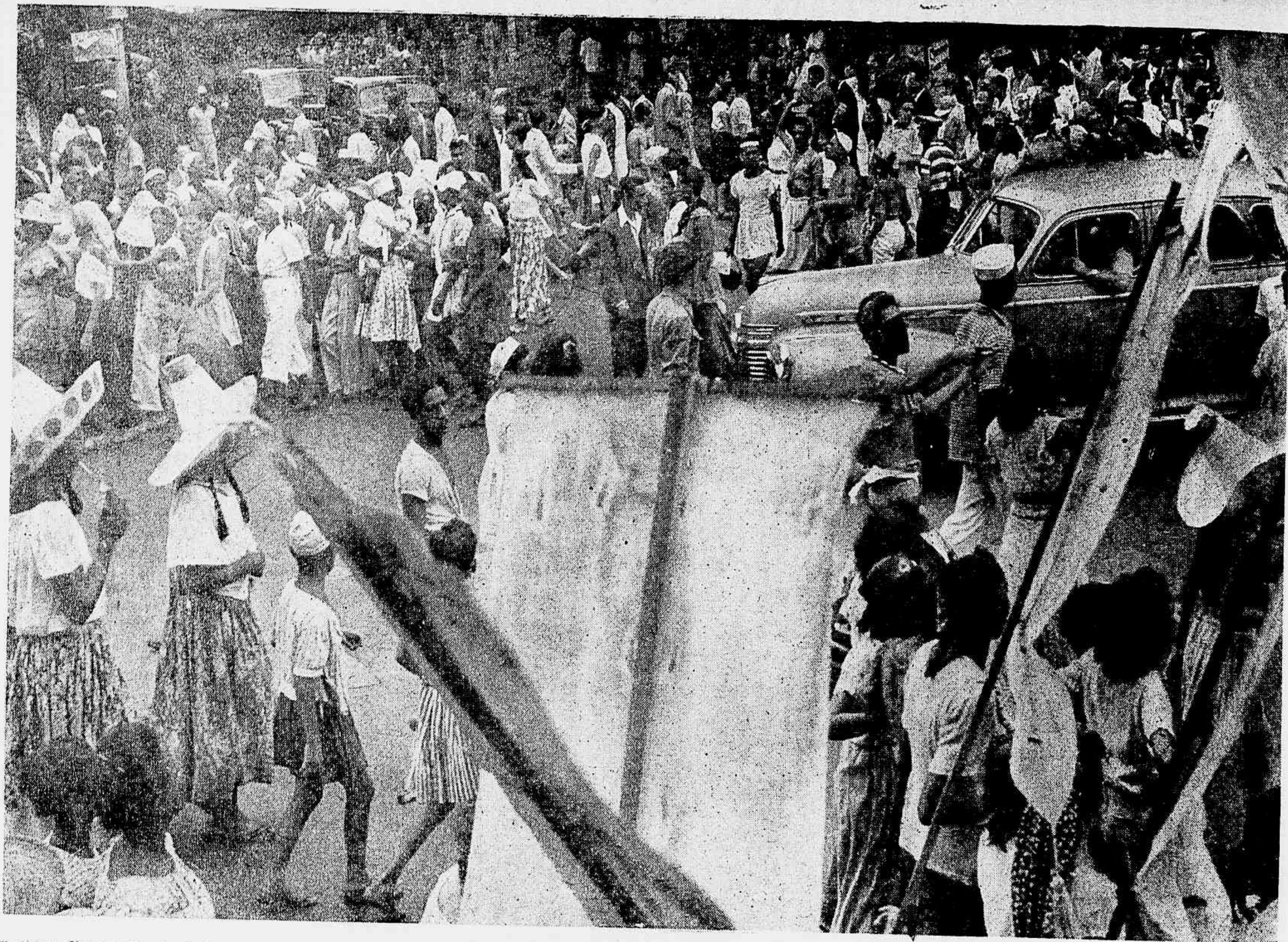
Podia ter sido, dissemos. Mas, na verdade, não foi. E, não tendo sido, pode-se dizer que não sofreu modificação a curva de declínio do carnaval carioca. Por exemplo: ainda este ano, não tivemos os grandes prêmios da terça-feira de carnaval, com que habitualmente surpreendiam a cidade os velhos clubes, Democráticos, Fenianos, Tenentes do Diabo e Pierrots da Caverna. Parece que morreu o entusiasmo dos velhos carnavalescos,



outrora tão aguerridos e que, por pouco, não degenerava em verdadeiras batalhas campais, tal era a rivalidade existente entre os clubes. Não era de boa política comentar a vitória de um e a derrota dos outros, porque os derrotados se ressentiam. Um cronista brasileiro, citando um gesto democrático do presidente Delfim Moreira, que assumiu o governo por morte do presidente eleito Rodrigues Alves, até se fazer nova eleição, disse que o chefe do executivo veio à Avenida Rio Branco assistir o desfile dos prêmios e, interrogado, depois, sobre qual o vencedor, declarou que todos, para evitar desgostos e para não ferir a qualquer deles...

Hoje, entretanto, esses clubes parecem mortos, limitando-se a dar um ou outro baile, — e nada mais. É verdade que os prêmios por eles organizados viviam não só do entusiasmo dos seus sócios e das contribuições angariadas no comércio, através do "livro de ouro", como ainda de subvenções do governo municipal, a título de estímulo ao turismo. Hoje, porém, não temos turismo, porque não há sequer hotéis para hospedar os visitantes estrangeiros, como ainda o próprio governo toma estranhas decisões, como a de suspender os passaportes "para judeus e asiáticos", etc. Ora, não havendo como receber turistas,





Em cima : Um aspecto da folia nas ruas, com algumas balanas, muitos "sujos" e duas mexicanas; em baixo : uma lição de democracia que pode servir muito bem ao Hotel Serrador, onde negros não podem se hospedar : uma crioula, uma branca e uma cabocla, unidas na roda do samba... Atrás vem um Orfeu suburbano com uma lira desencantada... Na página à direita : uma das muitas "Gildas" que apareceram este ano... Dizem que uma delas, "Gilda" a valer, gastou cinco mil cruzeiros com uma cabeleira postiça... Não houve no carnaval outra "Gilda" como aquela...









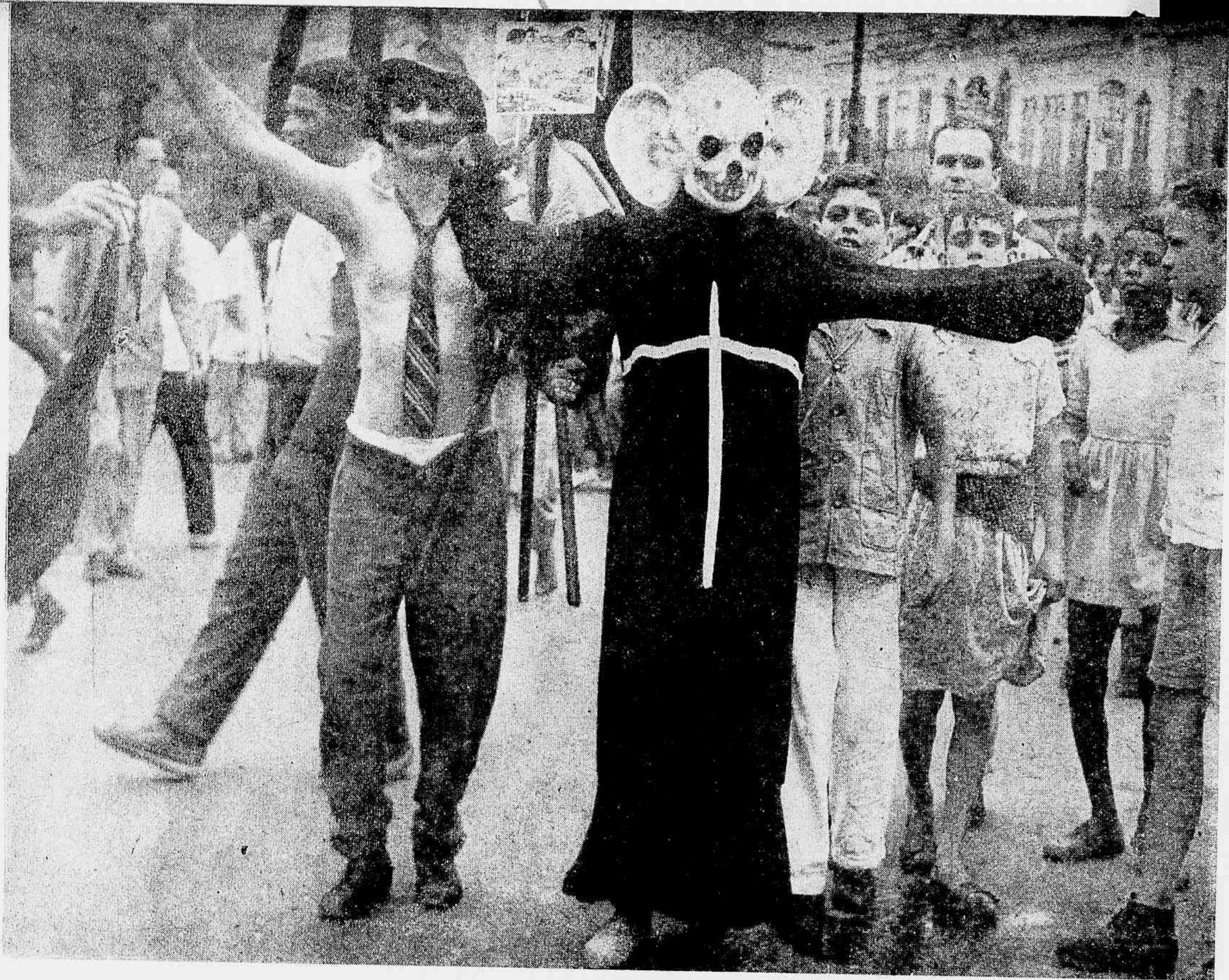
Na página ao lado : dois gatos solitários; um trio de foliões dos diabos... uma sereia que não entrou no concurso de Copacabana; e um grupo de "gregos" de banheiro... Em cima : os clássicos índios de espanadores; em baixo : o mahatma Gandhi quando era menino e um grupo de pequenas do barulho prevalecendo-se da liberdade de usar máscaras...

não ha, também, porque dar dinheiro para a feitura de préstitos carnavalescos, tanto mais que, com a inflação, para organizar um préstito seriam necessários de trezentos a quinhentos mil cruzeiros... Assim, desapareceu esta nota pitoresca do carnaval carioca, que eram os préstitos alegóricos, com seus "enredos" por vezes estapafúrdios, seus fogos de bengala e pequenas de plástico escolhidas, as quais, plantadas lá em cima, distribuíam generosamente marcheias de beijos aos "fans"... Mas como não mudar o carnaval, se o preço do "material de campanha" está cada vez mais caro? Como não mudar o carnaval, quando um modesto lança-perfume, que custava cinco mil réis custa hoje nada menos de quarenta cruzeiros?

★

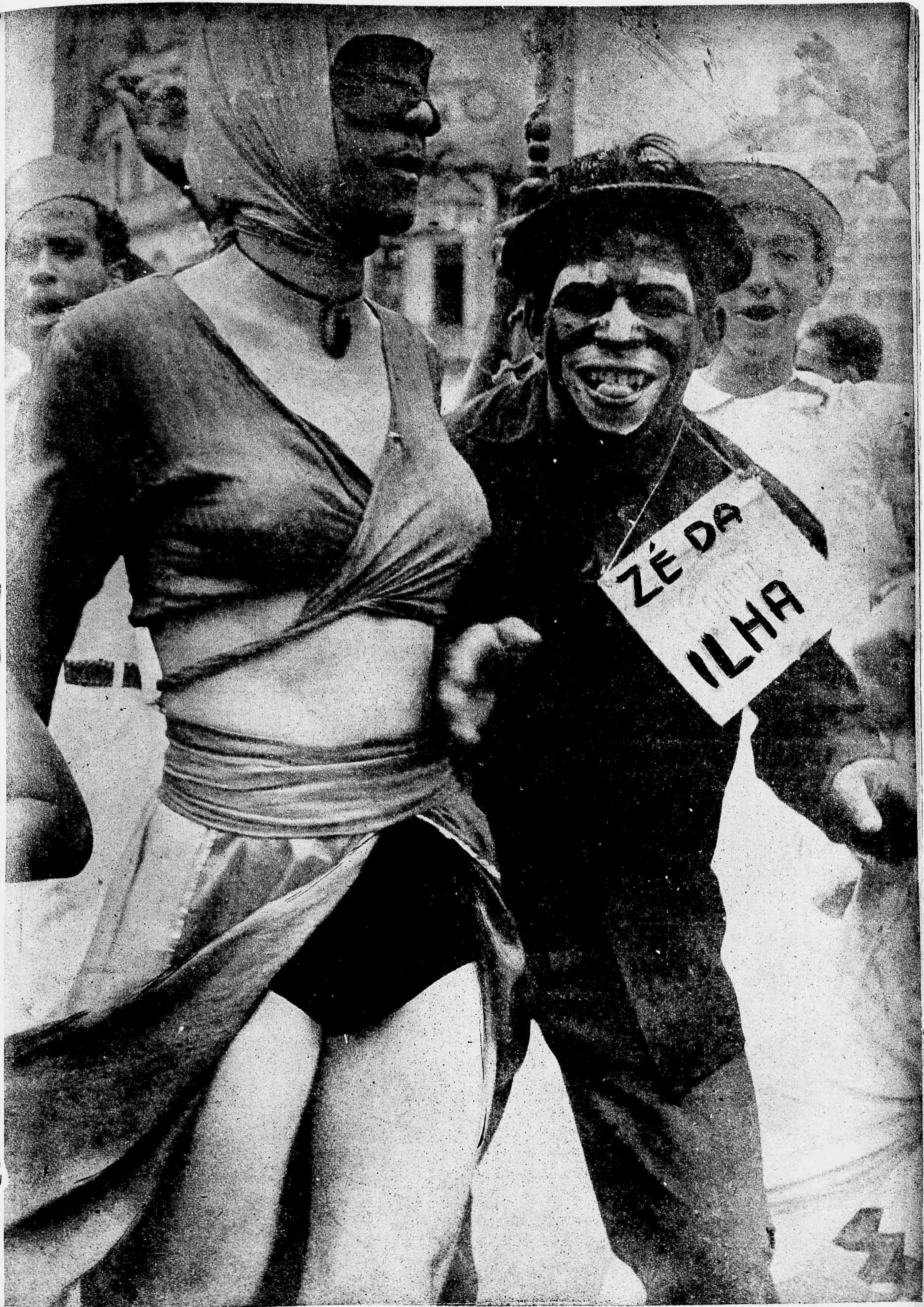
O carnaval mudou e acabará, se não receber um balão de oxigênio, uma boa injeção de óleo canforado e um pouco de penicilina. Os préstitos precisam voltar. Este carnaval, apesar de tudo, provou que o entusiasmo popular ainda existe. Mas não devemos contar só com ele. O verdadeiro carnaval carioca não é o carnaval dos bailes elegantes, mas o carnaval das ruas, com os mascarados espirituosos, os "sujos", os "índios", os "piratas" ou mesmo as "Gildas", que foram, este ano, em grande número... Não deixemos que esse carnaval acabe, especialmente depois de ter ele conseguido fama no mundo inteiro...





Em cima: a Morte, máscara fúnebre que jamais deixou de comparecer ao carnaval, ao lado do Comendador Lambe-Lambe, seu fotógrafo oficial, fez um sucesso...; em baixo: o Sete Facadas, montado na "Mula Maneca", ao lado do seu amigo fiel, Zé Massabruta; e um pobre anão que, para parecer maior, tem a mania de usar a cartola de um gigante...









Na página à direita: quatro grupos de foliões, em plena fuzarca carnavalesca, desafiando a chuva, os "tubarões", a resaca e tudo o mais...; em cima: duas "formosas sereias" que deixaram de representar a Praça Onze e a Praça Tiradentes no recente concurso de plástica de Copacabana, dois "índios de luxo" e, em baixo, o carnaval de bonde, uma das modalidades da grande folia...





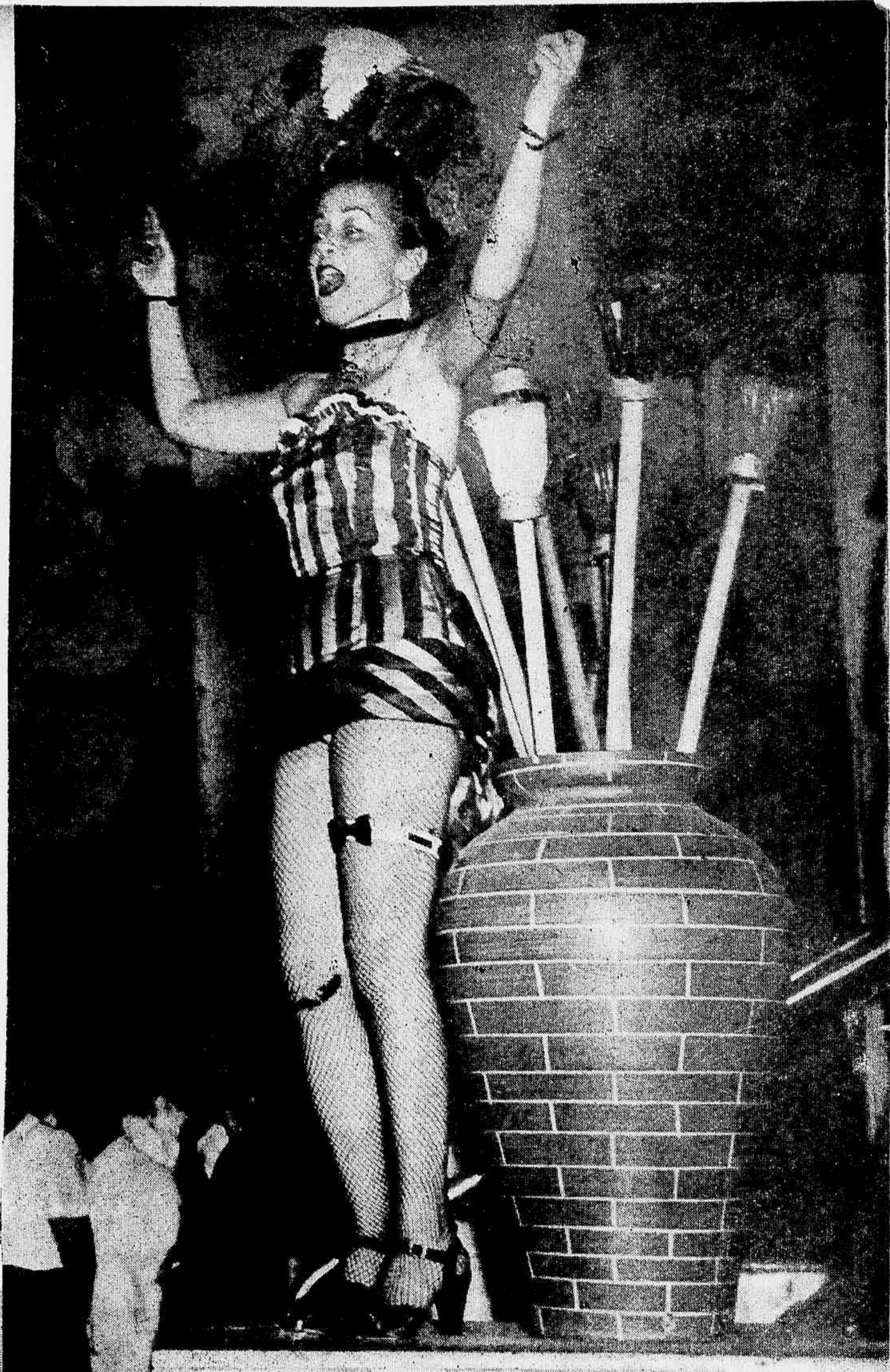
Os bailes dos artistas

Os bailes da Associação dos Artistas Brasileiros foram realizados neste carnaval no recinto da antiga Urca, de saudosa memória, al-





cançando e mais brilhante sucesso. Num ambiente refrigerado e agradável, ao som de excelentes orquestras, os foliões se divertiram a grande, de sábado a terça-feira de carnaval. Pode-se, sem exagero, dizer que os bailes da Associação dos Artistas Brasileiros substituíram este ano o clássico e famoso baile do Teatro Municipal, que deixou de se realizar por motivo das obras na nossa maior casa de espetáculos. Nestas duas páginas apresentamos uma série de sugestivos flagrantes colhidos nos referidos bailes, onde não faltaram pequenas bonitas e foliões animados.







O BAILE DAS ATRIZES E A COROAÇÃO DA RAINHA

O Baile das Atrizes constituiu uma das notas sensacionais do carnaval que passou. E a nota culminante desse baile foi a coroação da nova rainha, a atriz dramática Wahita Brasil, que tão grande sucesso conquistou ao lado de Maria Sampaio em "Perfídia" e "Luz de Gás". Na página à esquerda, vemos Wahita Brasil, chegando ao teatro e sendo coroada; nesta página, em cima: uma foliã sambando em cima de uma mesa, três "viúvas alegres" e em baixo, a multidão de foliões que encheu literalmente o João Caetano, a ponto de quase ninguém poder se mover dentro dele...



Um caso de família"

NÃO me dou por mal pago em ter alurado a caturrice de Tavinho, durante doze anos. Ele era um homem insuportável, no conceito geral. Solteirão por princípio, vivia enclausurado na sua torre de marfim, como um caramujo. Nunca ninguém o viu emitir a sua opinião sobre qualquer assunto. Nas conversas a que era obrigado a intervir, limitava-se, apenas, a ouvir e dar de vez em quando um curto sorriso de lábios fechados para encobrir umas gengivas, onde somente pontos enegrecidos demarcavam os lugares em que, em outros tempos, cresceram dentes.

A nossa amizade nem eu mesmo sabia explicar, mas a verdade é que Tavinho gostava sinceramente de mim, não obstante a nossa grande diferença de idade. Lembrou-me que o vi pela primeira vez — ou pelo menos notei-lhe a presença — quando ambos piruávamos um choque de veículos. Tavinho olhou para os lados, com medo que alguém o ouvisse e arriscou-se a fazer esta censura, que, no seu entender, era uma temeridade:

— E' isso. Pensam que a rua é pista de corrida...

Foi, então, que, com o meu temperamento expansivo, aprovei-lhe, enfaticamente, o conceito. E dali já saímos juntos. Cada dia que passava, mais se cimentava a nossa amizade, a ponto de Tavinho fazer-me uma visita — um verdadeiro milagre! Mas a sua reserva era enervante. Nunca consegui saber mais nada a seu respeito, além do concurso a que se submetera na Alfandega, onde trabalhava. Já era um homem velho, mas meteu a cara. E passou. Vem, então, aqui, uma pontinha de vaidade que o meu amigo sempre me repetia:

— E botei muitos mocinhos no bolso...

Realmente, Tavinho não era um homem tão curto de vistas, quanto deixava transparecer. Colecionava selos e moedas e gostava imenso de canários. Era capaz de dizer em que dia Luís XVI mandara cunhar esta ou aquela peça da sua coleção numismática. Quanto aos canários, não era menor a sua sapiência: podia dizer quantas cruzas tinha qualquer espécie só pela coloração das penas. Morava sózinho com a mãe e a sua casa era um museu de coisas velhas e mofadas. Rotineiro em tudo, os seus móveis furavam o tapete sonado, porque ele era incapaz de os mudar um centímetro da disposição que tomaram há vinte ou trinta anos atrás.

Pois é justamente por causa dessa reserva de Tavinho que eu não gosto de repetir a história que ele me contou certa tarde. Tenho certeza que ninguém acreditaria. Não era possível. Então Tavinho iria contar uma coisa dessa a um homem que poderia ser seu filho? Mas contou...

Penso que o homenzinho estava cansado do seu mutismo, do seu alheamento e aborreceu-se. Também o dia em que abriu a boca, não pediu reservas e narrou uma história que faria inveja a um potequeiro de tarimba. Aquilo devia ser uma explosão de confidências que Tavinho retinha avidamente desde a mocidade. E naquele dia desembuchou sem rodeios.

Notei no início do nosso costumeiro passeio em redor do jardim, que o meu interlocutor estava diferente. Falava com maior desembaraço. Estava até mais bem posto que de costume e dava o seu meio sorriso com maior frequência.

Numa das voltas, passamos pelo nosso amigo comum, o Tupi. Era um moço de bom aspecto, sempre com uma postura que lembrava menino mimado. Cumprimentou-nos agradável e, afetuosamente, chamou-me pelo nome:

— Olá, Juca...

E passou na sua passada bem medida, com aquele ar emproado, que lhe dava um certo quê de vaidade. "Rempli de soi-même", como diria um recém-formado.

Tavinho olhou-o pelas costas numa mirada longa, o que já contrariava os seus hábitos reservados e iniciou a conversa:

— Pois é, seu Juca, esse rapaz tem uma história que daria um romance.

— ??

Continuei na minha curiosidade muda e Tavinho prosseguiu:

— Para contar a sua história (a dele, entenda) talvez esta tarde seja pouco. Temos que começar fazendo um retrocesso de vinte anos e depois chegaremos aos trinta, que é a idade exata do Tupi. Há vinte anos passados ha-

via aqui uma professorinha que deu tratos à língua de muita gente. Ela dava aulas no Grupo Escolar, onde o então menino Tupi era aluno. O seu pai se lembra dela. Chamava-se Dona Lourdes de Figueiredo e Correia, mas todo mundo a tratava por Dona Lourdinha. Pois essa moça tinha verdadeira loucura por esse seu aluno. Ela é que ia buscá-lo em casa e levá-lo, fiscalizava-lhe os brinquedos nos recreios, dava-lhe presentes, enfim, fazia tudo pelo rapaz. E quem se doa com isso era Dona Fina, mãe do Tupi. A princípio aquilo tudo parecia muito natural. Afinal, não havia mal nenhum em uma professora gostar do aluno...

Notava-se que Tavinho ganhava eloquência a cada frase. O seu entusiasmo pela narrativa atingia ao auge. Puxou do bolso duas balas de hortelã (seu único vício), ofereceu-me uma e convidou-me para sentar. Nem bem tomáramos posição no banco, recomeçou a narrativa:

— Como ia dizendo, não havia mal nenhum naquilo, mas tudo que é demais aborrece a alguém. E esse alguém não era outro que a Mãe do Tupi, a qual chegou a proibir que o menino acompanhasse Lourdinha no seu caminho de escola. Chegou mesmo a destratá-la ásperamente:

— A senhora está botando o meu filho a perder...

Lourdinha retrucou e Dona Fina deu-lhe a cartada final:

— Tenho muita dúvida na conversação dessas Madalenas arrependidas como a senhora...

Tavinho voltou a me explicar um detalhe que justificava o dito malicioso da velha: contou-me então que, não obstante a sua regeneração, a professora já tinha sido muito falada na sua mocidade. Diziam-se coisas horríveis a seu respeito.

— E isso — prossegue o meu informante — calou fundo no espírito da mãe de Tupi, que atribuía à amizade da professora pelo filho um fundo puramente sexual e doentio. Por muitas vezes pôs o menino em interrogatório, mas este não se traía nas respostas. Segundo as suas informações, Lourdinha dava-lhe bons conselhos, se interessava muito pela sua saúde e selecionava-lhe as amizades.

A minha curiosidade ia se aguçando. A tarde ia a meio. Um sol de inverno distanciava de nós a silhueta da árvore sob cuja sombra nos sentáramos. Fiz então a Tavinho a minha primeira interrogação expressa:

— E que diabo de amor era esse? Concorro plenamente com Dona Fina. Havia safadeza e da grossa em tudo isso...

Mas o meu pacato amigo revelou-se um bom contador de histórias. Não era capaz de adiantar um detalhe que se alongasse na rigorosa ordem cronológica. Notava-lhe no rosto uma como que alegria sádica pela minha curiosidade, que o fazia alongar-se em detalhes, distanciando-se do desfecho que aguardava sofregamente. Finalmente, depois de uma demorada procura nos bolsos, pôs-se novamente a chupar balas e continuou, não sem antes me dar uma lição de paciência:

— Não tenha pressa. Disse-lhe que talvez a tarde fosse pequena para contar a história toda...

E prossegue:

— De maneira, seu Juca, que estava difícil de apurar a cumplicidade de Lourdinha nas suas relações com Tupi, compreendeu? Mas Dona Fina não estava por essas. Tinha sofrido muito para pôr o filho ao mundo. Ficara meses no fundo da cama com o parto do seu Tupizinho e agora não seria essa serigaita que lhe haveria de arrebatá-lo o amor da criança. E mudou o menino do Grupo. Pô-lo no Colégio. A professora, como por pirraça, ia todos os dias ver como passava o seu pupilo. Foi nesta altura que a velha estourou de ciúmes e despeito. Disse nomes feios à professora, revolveu-lhe o passado nebuloso, fez-lhe ameaças, mas Lourdinha era impassível. Respondeu-lhe com um lacônico sorriso de desprezo. E continuou procurando o seu ex-aluno.

Tavinho toma um fôlego, esfrega as mãos e recomeça:

— Pois Dona Fina foi ao ponto de queixar-se da amizade da professora ao Diretor do Grupo. E não escondeu o receio de que se tratasse de um caso patológico:

— Ela está pondo o meu rapaz a perder — teria afirmado.

Mal Dona Fina vira as costas o Diretor chama a pro-

fessora ao gabinete e transmite-lhe a queixa, acrescentando — como para provar o seu estado de não intervenção — que como educador, não via nenhuma maldade nesse afeto, mas dá a entender a suspeita da velha:

— A senhora sabe, Dona Lourdes, a maldade humana não tem limites... Se um acha certo, quatro ou cinco reprovam. E nisso tudo entra a maledicência de Dona Josefina (era este o nome verdadeiro de Dona Fina). Ela insinua coisas horríveis nas suas relações com o Tupi. Até chega a suspeitar qualquer desvio da sua parte. E sabe, isso é bom evitar...

— Nessa altura, seu Juca, como nas fitas de cinema, a moça caiu em prantos. Aquela mulher que parecia imune às lágrimas. Aquilo era uma infâmia. Então ela não podia estimar com todas as veras do seu coração a uma criança tão boazinha? Tudo não passava de uma calúnia, mas ela compreendia a situação do Diretor. E prometeu que não procuraria mais o menino, embora — afirmasse — aquilo fosse um sacrifício inaudito. Iria embora para o Rio. Empregar-se-ia e não daria mais motivos a bate-bocas. Mas Lourdinha era uma criatura inteligente e compreendeu, pelos modos do Diretor, que também ele desconfiava daquela amizade e não se conteve...

— E daí, seu Tavinho? interroguei de olhos arregalados.

— Pois nessa altura — continuou Tavinho soltando as sílabas gota a gota — ela revelou o grande segredo: Tupi era seu filho...

— O que me diz, seu Tavinho?!



— Era mesmo, sen Juca. Era filho da moça, no duro, como se diz, mas faça de conta que Lourdinha está contando a história ao Diretor:

— Não vê que nos meus tempos de moça... O senhor sabe... Dei um mau passo... E nasceu o menino. A família encobriu o quanto pôde. Nessa época Dona Fina estava esperando criança também. E dizem que no dia do parto, descobriram que ela não estava grávida... Era um quarto. O médico operou, mas Dona Fina ficou gira e só queria a sua criança. Pedia, chorava e dava ataques. Meu pai sabia de tudo e com a cumplicidade do médico — amigo da família — levou o meu filho (nesta altura Lourdinha tem um acesso de choro convulso). Levou o meu filho... O meu lindo filho... E a língua do povo silenciou, mas o meu coração nunca abandonou aquele que saiu do meu ser. O senhor é pai e compreende... Sabe agora o motivo do meu grande amor por aquele menino, que eu ainda hoje vejo pequenino como quando nasceu...

— E, seu Juca, a moça abriu e nunca mais ninguém soube parte dela, até hoje. Faz isso uns vinte anos...

Fiquei embasbacado com aquele final e não pude dissimular a minha dúvida a respeito da autenticidade daquele dramalhão. Tavinho, porém, era sagaz e me tranquilizou o espírito, batendo-me de leve o ombro, ao mesmo tempo que se levantava vagarosamente:

— Pode crer, seu Juca. O Pai do Tupi é este seu criado...

E com certa cautela:

— Que ele nunca saiba...





MARIO BRASINI entrou no nosso rádio como um triunfador. Instalou-se na nossa maior estação, a Rádio Nacional, com um contrato vantajoso, quer como ator, quer como autor. Colaborou em várias novelas, quer cômicas, quer dramáticas, como "O velho Menelau", "Clarisse", etc. Interpretou numerosos papéis, em novelas e outros programas. Mas parece que o que o levou ao rádio foi uma simples curiosidade ou que logo se cansou da rotina radiofônica. O fato é que Mário Brasini, dentro em breve, terá voltado ao teatro, no qual em breve há de ter um lugar semelhante ao que teve Leopoldo Fróes. É uma das mais perfeitas figuras de galã que apareceram na nossa cena nos últimos trinta anos, aliando à juventude e à robustez uma boa cultura e grande autoridade. Vindo do Teatro Universitário, brilhou em peças como "Dias Felizes", "3.200 metros de altitude", "Luz de gás" (sucesso na verdade notável), "Uma mulher sem importância", etc. Trabalhando ao lado de Maria Sampaio, Sarah Nobre e outras figuras de grande tirocinio, revelou-se um ator capaz e brilhante. Agora, juntamente com outras figuras jovens, — Milton Carneiro, Vanda Lacerda e Alberto Perez, bem como, ainda, a veterana Abigail Mala, — Mario Brasini vai fundar sua própria companhia de comédia. No cinema, ele se distinguiu em "Gente honesta", "Vidas solidárias", "Fantasma por acaso", etc.



CLEIA BARROS é uma figura gentil que o rádio brasileiro, — e também o teatro e o cinema nacional — acabam de perder, em benefícios dos estúdios cinematográficos ingleses. Nascida em Porto Alegre, em 1928, Cléia Barros começou sua carreira artística aparecendo numa peça teatral intitulada "Rancho Fundo", com a Companhia Lyson Gaster, que então excursionava pelo sul. Em seguida, estreou no rádio, na capital gaúcha, e ao mesmo tempo procurava aperfeiçoar suas qualidades artísticas, através do estudo do canto. Aprendeu também um pouco de francês, de inglês e de italiano. Vindo para o Rio, cantou em várias estações de rádio e foi chamada por Dulcina, para representar a seu lado, no Municipal, na famosa peça "Rainha Vitória", de Lourenço Housman. Logo em seguida, obtinha contratos vantajosos para cantar nos cassinos e era chamada a fazer o principal papel de "Jardim do pecado", filme nacional de Alexandre Wulffes. Filmou, ainda, "No trampolim da vida" e, ao vir ao Rio a caravana da Archer's Films, concorreu a um "test", para um papel de mestiça, com Bibi Ferreira e Mary Gonçalves. Bibi conseguiu o papel, mas o "test" de Cléia foi tão bom que a contrataram por sete anos. Adeus, rádio, cinema e teatro nacionais... Ela está agora em Londres, queixando-se do frio, aperfeiçoando seu inglês e estudando arte dramática...

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

A treze de dezembro de 1923, nasceu Simone Morais, cujo verdadeiro nome é Risoleta Pires Louzada. Sua paixão pelo rádio, levou-a a ingressar no mesmo, na qualidade de cantora, através da Mayrink Veiga, emissora que mais tarde trocou pela Nacional, no decorrer de 1946. Na PRA-9, não só interpretava valsas e canções, como ainda trabalhava nos espetáculos do "Teatro pelos arcos", na "Cortina Sonora" e nas novelas. Nessa estação veio a conhecer o "radio-man" Armando Louzada, de quem se tornou esposa, depois de breve romance. E quando seu marido se transferiu para a PRE-8, Simone Morais o acompanhou, passando a tomar parte nas histórias em capítulos, irradiadas por essa estação, e em alguns programas escritos pelo próprio Armando Louzada. A jovem artista é refretária à publicidade. Não acredita em superstições; gosta da cor azul, sem desprezar o rosa e o preto; torce pelo Clube de Regatas do Flamengo; exercita-se na equitação; pratica a natação e admira o futebol. Pesa quarenta e quatro quilos, tem um metro e sessenta e dois de altura; fala com desembaraço; é francamente em favor de uma feijoada completa; adora as excursões; tem suas preferências em matéria de perfumes; é "fan" de Cordélia Ferreira e Ismenia dos Santos; no cinema, gosta de Van Johnson, Gary Cooper e June Allyson; em teatro gosta de todos e na literatura admira vários autores, que vão de Joracy Camargo a Alexandre Dumas. Simone Morais acredita no nosso cinema. Nunca trabalhou nele, mas espera fazê-lo em breve.

LUIS DE CARVALHO nasceu em Diamantina, Minas Gerais, a primeiro de fevereiro de 1919. Estudou no curso local e depois ingressou na Escola de Odontologia de Belo Horizonte. No segundo ano de estudos, veio ao Rio com uma caravana de estudantes, integrando o conjunto musical universitário, do qual era "crooner". Seduzido por um concurso para "speaker", então aberto pela Rádio Tupi, inscreveu-se no mesmo, logrando ótima colocação. A seguir, juntamente com Urbano Lóes, J. G. de Araújo Jorge e Cecília Leite, tomou parte noutro concurso para locutores, realizado pela Rádio Nacional. Mais uma vez conseguiu obter excelente colocação, permanecendo por alguns meses naquela emissora. Por motivos contrários à sua vontade, Luis de Carvalho deixou a PRE-8, ingressando na Rádio Educadora, onde veio a lançar o programa "Um presente musical para você...", que lhe deu enorme popularidade. Criou ainda o "Programa da vozinha", "Surpresas B-7" e "Reportagens B-7". Com o novo advento da PRE-7, transferiu-se para a Rádio Globo, lançando com absoluto sucesso o popular "Chá das três". Na PRE-3, tem animado diversos programas, inclusive "Variedades", quando da saída de Manuel Barcelos. Também tomou parte em algumas novelas e gravou a valsa "Primeiro amor", de Miguel Gustavo, lançada pela Continental. É o narrador dos "shorts" cinematográficos "Esporte em marcha", "Marcha da vida", e dos jornais da Brasil Vita-Filmes. Luis de Carvalho é torcedor do Fluminense, pratica a natação, joga "basket-ball" e é campeão de "flirt"...



COMBATIDO por Napoleão na Europa, o Príncipe Regente D. João veio combatê-lo na América. Tem a política o seu olho por olho, o seu dente por dente. As agressões cada um recorda como pode e nisto as nações se não diferenciam dos indivíduos, cabendo à História tomar conhecimento das surras internacionais e suas tristes consequências.

Apenas no Rio de Janeiro, o Príncipe Regente tratou de hostilizar Napoleão preparando expedição contra a Guiana Francesa. Em Conselho de Estado foi exposto o plano de bipartir as operações de guerra da expedição de 1808. Tentar-se-ia primeiro a invasão da Guiana, depois a tomada da sua capital, Caiena.

Forças de terra e de mar comportam a expedição ao comando do tenente-coronel Manoel Marques. Nas forças navais portuguesas incluía-se bastante marujá inglesa. Inimiga de Napoleão, a Grã Bretanha ajudava a ferir-lo fosse onde fosse.

Desejar as mais exatas e minudentes informações sobre os sucessos da conquista da Guiana e a acerca do desenvolvimento de suas operações militares, é ter de consultar duas monografias de excelente ordem, uma de 1939, ("A conquista de Cayenna"), outra de 1945 ("Uma epopéia Paraense").

E' da lavra do comandante Lucas Boiteux a primeira monografia, a segunda da pena do coronel Amílcar Salgado dos Santos.

Ambos os autores recomendam-se pela cópia, variedade e valor de pesquisas de numerosos trabalhos a bem da história pátria. Sabe-o quem a estudar.

No Pará, governado pelo tenente-general José Narciso Magalhães de Menezes, a expedição de 1808 encontra o seu melhor ponto de partida e apoio, a favorecer o duplo fim da expedição, conquistar a Guiana, apossar-se de Caiena. Era apetite para dois bandos.

Proclama-se o segredo a alma dos negócios. A expedição de 1808 teve tal alma. Quando Napoleão soube da expedição contra a Guiana ela estava concluída, o socorro enviado à colônia obrigado a viagem de ida e volta. Lucas Boiteux e Salgado dos Santos dão exata conta das operações e dos sacrifícios dos invasores para chegarem a seus fins chegando a Caiena.

Governada a Guiana por Victor Hughes, dado como militar distinto, procurou ele defender quanto e como pôde o pedaço de solo francês encravado na América do Sul.

Ao império de circunstâncias, à mingua de reforços imediatos, Hughes capitulou a 12 de janeiro de 1809, subcrevendo ato de capitulação também assinado pelo comandante Marques e por Gomes Lucas Yes, chefe das forças navais da expedição.

No brilho de um dia todo sol, de um céu todo azul, a expedição de 1808 entrou em Caiena, havendo Hughes estabelecido como condição de capitulador que as forças francesas, depondo armas, marchariam para fora de Caiena com honras de guerra, levando cavalos e bagagens.

Curiosa em documento bélico, a última cláusula da capitulação confiava aos vencedores a conservação do horto botânico, chamado "La Gabrielle", onde se cultivavam especiarias e onde vicejavam árvores transportadas da Ceilão.

A cerimônia da entrega de Caiena à expedição de 1808 foi impressionante como são sempre os atos nos quais o vencido defronta o vencedor.

Formadas as forças portuguesas em face das francesas no recinto da cidade, procedeu-se à descida de bandeiras, o pavilhão tricolor francês substituído pelo tricolor lusitano, saudado por salva de 21 tiros.

Estava a Guiana Francesa anexada ao Brasil, tinha a expedição de 1808 dado conta de sua missão.

Assinalou-a o Príncipe Regente de vários modos. Criou a medalha militar comemorativa da campanha de Caiena, em ouro, prata dourada e cobre, aos expedicionários de 1808 conferindo uso de distintivo especial na manga direita da farda.

A CONQUISTA DA GUIANA

ESCRAGNOLLE DORIA

Constava o distintivo de um círculo vermelho no centro do qual, em letras brancas, a palavra "Caiena" se destacava.

Recompensando oficiais participantes da expedição, elevando-os a postos superiores, o Príncipe Regente se não esqueceu dos pequenos. Por atos de bravura promoveu a tenente o furiel Mendonça mandando assegurar às viúvas dos soldados da expedição o soldo dos maridos.

Enquanto o Príncipe Regente premiava, a Guiana Brasileira recebia o seu primeiro administrador, o mesmo Manoel Marques que a conquistara, logo depois se revelando acima de tudo um gestor de alta probidade, consagrada por Salgado dos Santos em justiça póstera.

Manoel Marques achou os armazéns de Caiena repletos de cravo, canela, nóz moscada, pimenta e de outros artigos que, por descuido ou adrede não inventariados.

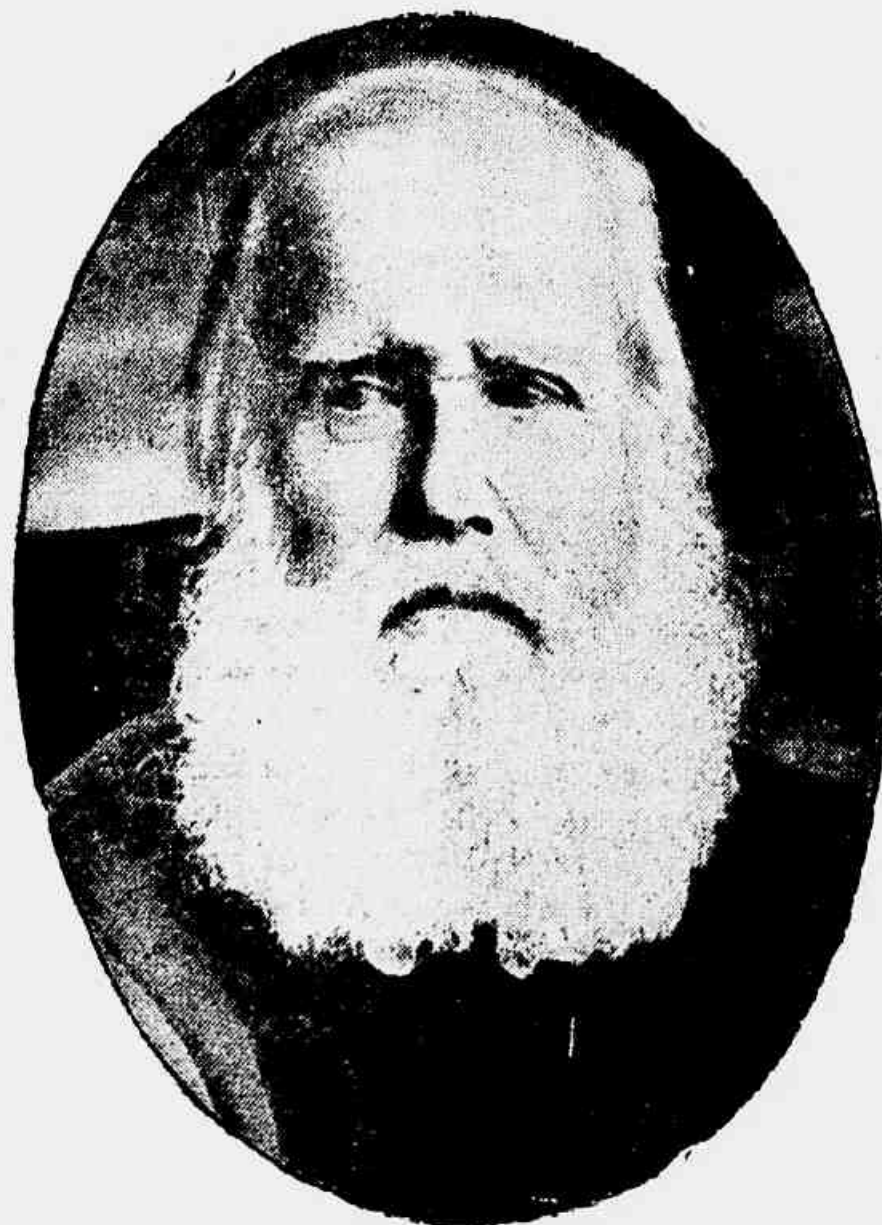
Marques tudo remeteu para Belém, nada faltando à remessa de honestidade. Oh! as consciências puras, oh! as mãos limpas!

Manoel Marques pediu substituto. Ao homem de farda veio render homem de toga, o desembargador João Severiano Maciel da Costa, nascido mineiro em Mariana, Marques, o português beirão, nascido em Penamacor.

A população caiense prezava Manoel Marques por seu exemplo moralizador. Maciel da Costa, à magistrado,



O senador José da Silva Mafra (Ilha de Santa Catarina 1788 — Rio de Janeiro 1871)



soube continuar o antecessor por espaço de sete anos. Vindo a Caiena em maio de 1810 só a deixaria em novembro de 1817.

Administrador esclarecido, Maciel como tal tinha a vantagem de falar bem francês, o que muito facilitava relações entre governador e governados.

Administrando a Guiana a contento, estimado em Caiena, Maciel da Costa fora da pátria teria notícias de tudo quanto ia sucedendo na Europa e no Brasil.

Da Europa viriam ao governador da Guiana as grandes notícias do declinar do poderio napoleônico, o evadido da ilha d'Elba, o ressurgido dos Cem Dias, o aniquilado de Waterloo afinal preso em Santa Helena, entregue um rochedo àquele ao qual um continente não bastava.

Uma vez Napoleão em Santa Helena, a Europa tratou de repor mais ou menos no seu lugar tudo quanto fora desarrumado no Velho Mundo pelo Primeiro Império e seu avassalador constante.

Assim o tratado de Paris dispôs-se a querer a restituição à França da sua Guiana. Bravo participante da expedição que transferira a Guiana a Portugal, ficara em Caiena o tenente José da Silva Mafra, auxiliar das administrações Manoel Marques e Maciel da Costa e auxiliar por ambos os governadores muito estimado.

Mafra teve papel distinto na entrega de Caiena e portanto da Guiana aos franceses. Para tanto o governo de Luís XVIII mandou à América um comissário, o conde Carra de Saint Cyr, seguido de estado maior.

Com Saint Cyr, no impedimento do governador enfermo, dirigiu-se o tenente Mafra ao forte de Caiena conhecido por do Castelo.

No recinto do forte estavam fincados dois mastros paralelos e próximos. A um dos mastros subiu a bandeira francesa saudada com 21 tiros de artilharia. A outro mastro subiu a bandeira portuguesa também saudada por 21 tiros.

Um contingente francês trocando continências com força portuguesa, começou a render guardas e sentinelas dos ex-ocupantes da cidade, o que feito, a bandeira portuguesa desceu de vez do mastro ao qual içada.

Momento solene, estava finda a ocupação da Guiana. Naquele momento, refere Lucas Boiteux, muitos colonos tinham os olhos rasos d'água, muitos soluçavam.

O fato causou espécie ao Conde Carra Saint Cyr. Voltou-se ele para o tenente Mafra, dizendo-lhe:

"E' espantoso que franceses ao flutuar de cores nacionais, sinais de dominação pátria, derramem lágrimas de saudade da administração anterior", portuguesa e brasileira.

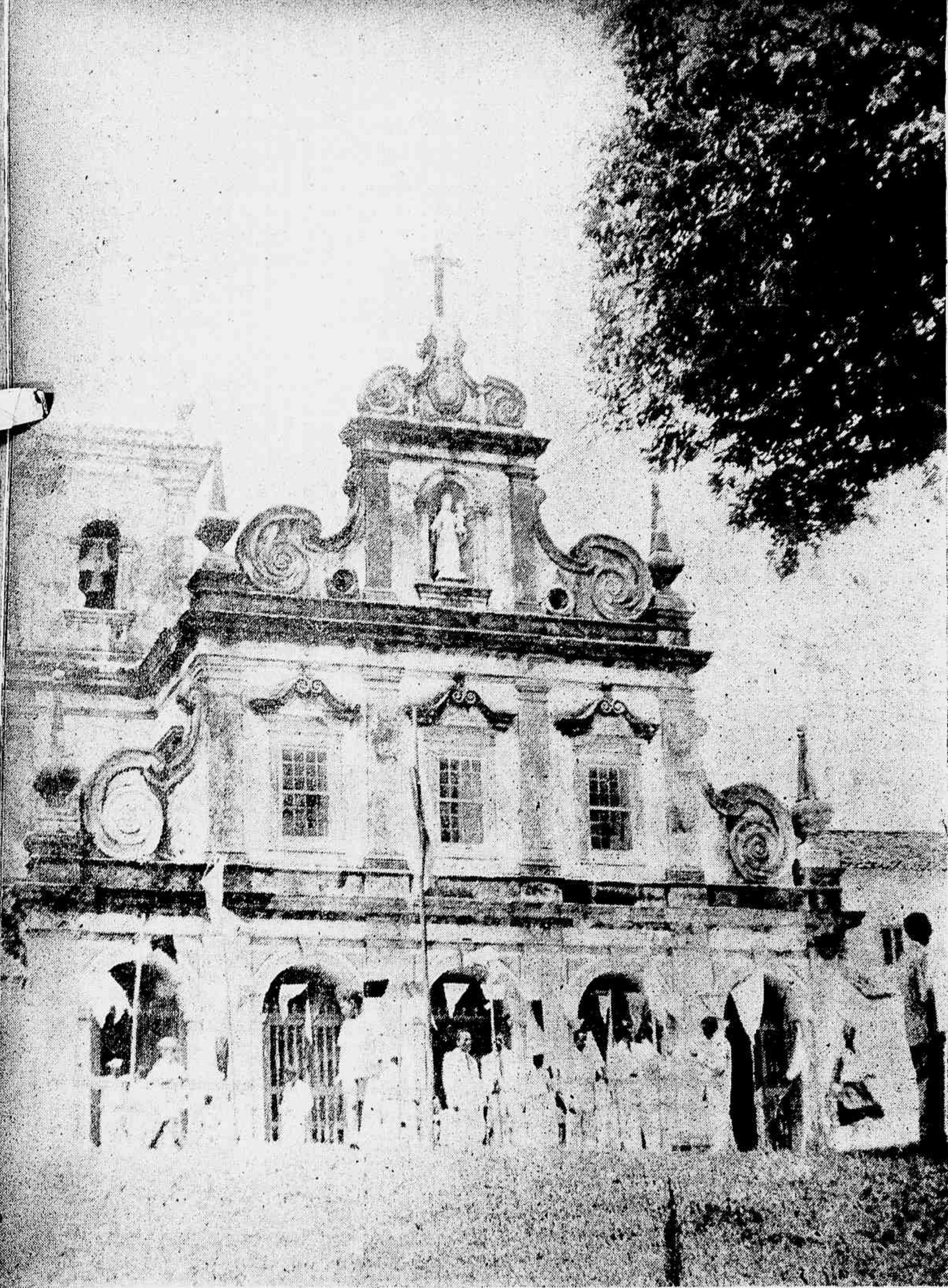
O testemunho é insuspeito e impõe conclusão, a de que o governo da Guiana, de 1809 a 1817, honrando Portugal e Brasil honra Manoel Marques e Maciel da Costa. Os maus governos ao findarem cabe um ufl de alívio por parte dos governados.

Soldado de Caiena, soldado da Independência, encerraria Mafra sua carreira militar no posto de tenente-coronel, com o soldo de 28\$ mensais, indo viver em Santa Catarina, terra natal.

Em 1844, por morte do padre Lourenço de Andrade, abriu-se vaga no Senado do Império, pela província catarinense.

Catarinense era o ministro da Guerra de então, Jerônimo Francisco Coelho. Amigos dele levantaram sua candidatura ao preenchimento da vaga corrente. Não, disse o candidato, o senador deve ser o Mafra.

E foi escolhido em 1844. No Senado tornou-se credor da estima pública e de seus pares, que o escolheram para 1º secretário da Mesa do Senado. Quem nesse cargo o visse idoso e calmo certo não se lembraria mais do ardoroso tenente de vinte anos Silva Mafra tratando de igual para igual com o representante de Sua Majestade Cristianíssima para a devolução da Guiana.



Convento de São Francisco (Século XVIII) em Cairú.

À BUSCA DO TEMPO PERDIDO

Saque em massa — Procuram tesouros, ainda por cima — Conciliação de passado e presente — Ressurreição de valores — Atividade nova — O Museu da Catedral da Bahia.

Texto e fotos de HERMAN LIMA



Especial para REVISTA DA SEMANA

SACHEVERELL SITWELL, autor de "Arte barroca alemã", livro considerado pela crítica européia um modelo de monografia artística, pretendeu um dia estender suas pesquisas e considerações até a América Latina, do que resultou outro excelente trabalho de interpretação, "Spanish Baroque Art". O prefácio desse livro encerra porém uma queixa que mal encobre a revolta do artista e do estudioso. E' assim que, acentuando as penosas dificuldades com que teve de lutar para a colheita de material de informação e documentação, diz Sitwell:

"Infelizmente ficou comprovada a impossibilidade de dar mais do que uma ínfima descrição de edifícios na América do Sul. Esses existem, em quantidade, no Peru e no Equador; de fato, não há um só país na América do Sul que não possua belas relíquias do nosso período. Particularmente o Brasil; mas, ninguém no Brasil parece ter o mais remoto interesse por essas coisas. Há uma falta absoluta de informações e, por conseguinte, esta parte do projeto deve ser, por enquanto, posta de lado".

O livro de Sitwell é de 1931. Não se leve, pois, a mal a acrimônia do estrangeiro culto e desapegado, pois todos

nós sabemos de sobra o que foi o incrível descaso que durante décadas o governo e os particulares votaram ao nosso patrimônio artístico. Não é preciso entrar em detalhes, por ser do domínio público a verdadeira devastação levada a efeito impunemente, em particular nos Estados de Minas Gerais, da Bahia e do Rio de Janeiro, no que se relaciona com a joalheria, as alfalás, os móveis, a cerâmica, tantas vezes ligados à mais alta fase da história do Brasil social, intelectual, político e religioso.

No que diz respeito à Bahia, por exemplo, basta lembrar o que vem numa recente publicação oficial, o "Guia do visitante do Museu do Estado", na parte relativa a certas grades belíssimas que decoram o "hall" da antiga residência Góes Calmon, hoje transformada em museu: "As grades que fecham a sala foram reconstituídas pelo Doutor Góes Calmon, em circunstâncias que indicam o descaso em que nosso patrimônio artístico já viveu. Por mais incrível que pareça, há cerca de trinta anos atrás, foram adquiridas por preço insignificante a um carroceiro que pretendia usá-las para lenha".

Isso diz tudo, mas não se trata de nenhuma revelação

tendenciosa, pois vem num catálogo destinado a correr mundo. E' que a dolorosa verdade é essa mesma. Ainda agora, acabo de voltar de velhas cidades do sul da Bahia, Valença, Cairú, Nilo Peçanha e Taperoá — e das indagações que fiz a respeito conclui que não escapou absolutamente nada à ganância dos compradores judeus e ao desconhecimento da população local quanto ao valor intrínseco e extrínseco, dos antigos objetos de arte. Considerando-se o que já foi no passado a região, com os seus imensos casarões de inúmeras janelas de guilhotina, os seus salões maiores do que certos apartamentos de luxo de hoje em dia, a importância que teve no desenvolvimento do sul da província, sua inverossímil riqueza de madeiras preciosas, permitindo dizer sem sentido pejorativo que jacarandá é mato, porque é mesmo, as famílias tradicionais que lá viveram e se foram dispersando com o tempo, acarretando a perda e o extravio dos seus pertences valiosos, pode-se calcular o que tenha ocorrido a esse respeito. E o que se deu por lá foi o mesmo que se passou no Recôncavo, como na Zona da Mata, nas Lavras Diamantinas, no alto São Francisco.

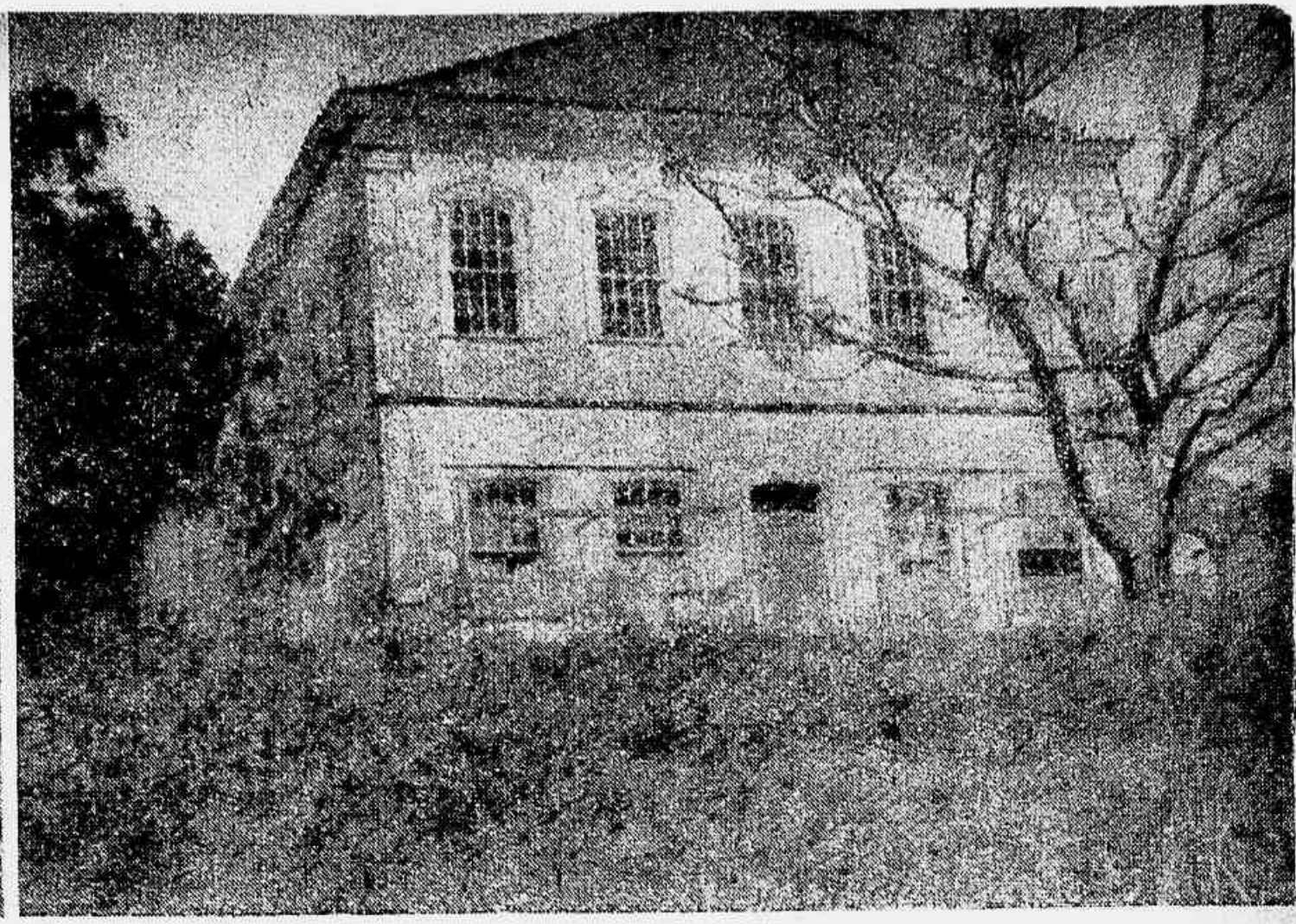
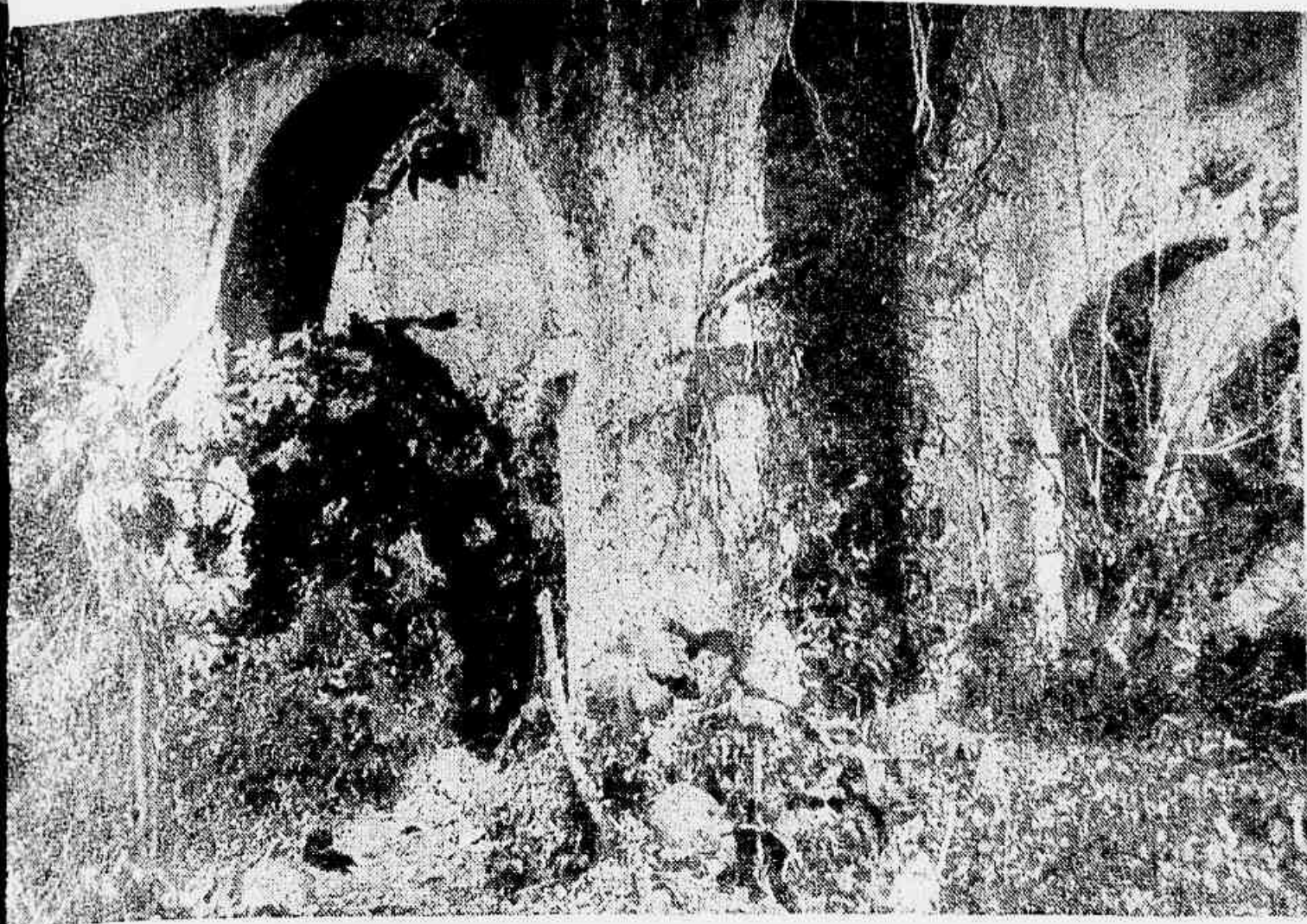
O mal, porém, não parou ainda. Não faz muito, tive ocasião de citar o crime duma torrefação de café em Pernambuco, vizinha à magnífica igreja de S. Pedro dos Clérigos e que, indiferente a leis e sentenças judiciais, vem brutalmente, dia e noite, baforando a fumaça negra do seu boeiro contra o templo venerável, emporcalhando-o todo, sem que se descubra o meio de dar qualquer paradeiro a semelhante monstruosidade.

Muito embora o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico tenha feito o tombamento do edifício mais importante da região sul da Bahia, o Convento do Cairú, construído em 1739 e hoje entregue a sérias pesquisas dum frade holandês de grande cultura e amor pelo passado da região, frei Menandro, os atos de vandalismo ainda se sucedem até hoje. Há poucos meses mesmo na vizinha povoação do morro de São Paulo, apareceu uma senhora, cujo nome ninguém se preocupou em saber sequer e acompanhada por três indivíduos, ante o estardalhaço da população da terra, constituída quase toda de veranistas, dirigiu um verdadeiro assalto a uma fonte admirável que vinha correndo incólume desde o princípio do século XVIII. A força de picareta e a pretexto de procurarem tesouros enterrados não se sabe por quem nem por onde, os vândalos revolveram o interior dum túnel por onde a fonte corria e puseram abaixo, não somente a maior parte do teto abobadado que a abrigava, como o capitel encimado por uma belíssima inscrição lapidar, assinalando a benfeitoria à administração do Conde das Galveas, em 1736. Tão grande foi o atentado que a lápide não foi sequer removida, para lugar seguro, mas posta abaixo, estúpida e espantando-se grande parte da inscrição. Não faz um mês que a vi, jogada com outras peças da cimalha, num monturo de capim.

Do mesmo modo, a grandiosa fortaleza do morro, que Silva Campos, no seu excelente livro "Fortificações da Bahia", ensina ter sido iniciada em 1628 e concluída pelo Conde da Sabugosa, em 1736, para defesa da costa sul da antiga capitania, está vindo também literalmente abaixo. Não somente o mar começa a vencer a resistência das ameias seculares, apesar de argamassadas com o pó de conchas marinhas, como também não se sabe quem anda demolindo sistematicamente trechos e trechos das muralhas vetustas, dos arcos poderosos, das barbâcas seculares, enfim, do que é possível ser delapidado. E não é demais lembrar que dezenas de canhões da época, que até então guardavam a fortaleza, desapareceram todos, dizem que vendidos como "ferro velho", durante a guerra de 14.

Infelizmente, ainda não foi só isso que aconteceu na Bahia, em matéria de desapareço pelo nosso passado.

Na capital teremos de lamentar para sempre a destruição da velha Sé, contra o que se levantou celeuma tão grande em todo o país, encabeçada pela revolta inútil de José Mariano Filho. E ainda mais recentemente houve a destruição da Ladeira da Praça, com o seu aspecto de incomparáveis características de rua como não há muitas no mundo (só me lembro de ter visto uma parecida em Toledo). Não é que eu seja contra o progresso urbano, contra os direitos ao conforto do público. Mas, não acredito que não houvesse outro meio de se evitar a derrubada de tantos sobrados tão típicos, principalmente pela sua admirável situação, que era um dos "cachets" permanentes da Bahia velha e de que hoje só restam escombros, lembrando estranhamente as ruínas de cidades européias sob os bombardeios aéreos. Progresso não é somente botar abaixo. Ai das cidade multiseculares da Europa se todos os prefeitos entendessem assim. Já não quero referir-me a burgos medievais, como Nuremberg, Bruges, Gand, Toledo e tantos outros que foi preciso a estupidez da guerra para



A esquerda : Os grandes arcos de pedra da fonte do morro de S. Paulo, com a investida da mata. A direita : Sobrado colonial do Conselheiro Cunha, em Valença, construção típica na zona.

violentar, quando os homens, por dezenas de gerações, os tinham respeitado como coisa sagrada e intocável. Não somente elas, mas a maior parte do perímetro de Paris, Roma ou Londres estaria condenada. O que se tem a fazer nesses casos é traçar os limites do que deve permanecer inalterado e levar o surto de renovação para as zonas livres, ou seja a criação de novos perímetros urbanos. Porque ninguém se iluda. Ninguém vai à Bahia, para ver o arranha-céu do edifício Oceania, na Barra, nem o prédio da Sulacap, na ladeira de São Bento. O que a gente vai ver lá e não acha noutra parte é a igreja de S. Francisco, é a Catedral, é a Conceição da Praia, é a ladeira da Montanha, são os bequinhos da Sé, a rua da Oração, o Maciel de Baixo, o Jogo do Lourenço, a rua das Verônicas.

Mas, graças ao Senhor do Bonfim nem tudo estava perdido. De repente o milagre se deu. Primeiro, foi o maravilhoso livro de Edgard Cerqueira Falcão, "Relíquias da Bahia", já hoje passando para o abominável setor de raridade bibliográfica, devido à ganância de certos livreiros, quando deveria continuar a ter a maior e mais fácil divulgação, pelo que representa como documentário inigualável do fabuloso acervo de móveis, jóias, cerâmica, pintura, toreutica e tesouros arquitetônicos da Bahia, que temos a obrigação de tornar conhecidos do resto do mundo. Depois, Afrânio Peixoto, lançando há dois anos o magnífico "Breviário da Bahia", que há de ficar como o mais ilustrativo dos mementos da velha província, pela erudição torrencial com que lhe apreciou todos os aspectos essenciais, como pela emoção e pelo amor com que são evocadas as glórias, a ternura da gente, a graça das mulheres, a doçura e a fecundidade da terra. Jorge Amado também nos deu um guia, embora ineficiente, pelo inegável aedamento com que o compôs, quando tanto se podia esperar do seu lirismo envolvente por tudo o que recorda a Bahia. Ao mesmo tempo, na imprensa do Rio começaram a aparecer certas fotografias da Bahia, que não eram somente os célebres postais do elevador Lacerda e do convento de S. Francisco, mas uma série de aspectos deliciosos, devidos à objetiva dum novo mestre da arte do documentário, Voltaire Fraga.

E' preciso, porém, dar um pulo à Bahia, para ver o que, apesar de todo o acervo de faltas contra o seu passado histórico e artístico, vem fazendo já hoje um grupo de

idealistas, afervorados na preservação dessas glórias, tão malbaratadas até há pouco.

O movimento renovador se iniciou com a passagem de Jorge Calmon pelo DEIP.

A criação do Museu do Estado, na residência Góes Calmon, homem de raro gosto, de largos recursos e da melhor estirpe do colecionador ilustre, foi um grande passo. Seu diretor, José Valadares, deu ao solar maravilhoso pela coleção que encerra mobiliário, cerâmica, pintura, talha, escultura religiosa — uma instalação modelar, de acordo com a melhor técnica de museus do mundo. O pequeno catálogo é ótimo. A distribuição das peças, sem acúmulo, harmoniosa e sugestiva. O conjunto, duma impressionante visão de riqueza e esplendor duma época.

Outro serviço inestimável é o que vem realizando outro moço, Osvaldo Valente, no Arquivo Geral da Prefeitura. Organizador cheio de iniciativa, de amor ao seu métier e de sólido conhecimento do setor que dirige — coisas que em geral "hurlent de se trouver ensemble" na maior parte talvez dos nossos administradores — o que Osvaldo Valente já conseguiu fazer em três anos, honra um serviço público. Sua fototeca é notável, pela beleza dos aspectos fixados na sua quase totalidade pelo mesmo Voltaire Fraga, como pelas legendas ilustrativas, com referências históricas e bibliográficas. Só a parte referente às "balanas", à toreutica, à joalheria balana, vale como um padrão de documentário. A par dessa contribuição, a saída do primeiro número dos "Arquivos", dedicado a documentos inéditos sobre a invasão holandesa, é um verdadeiro triunfo.

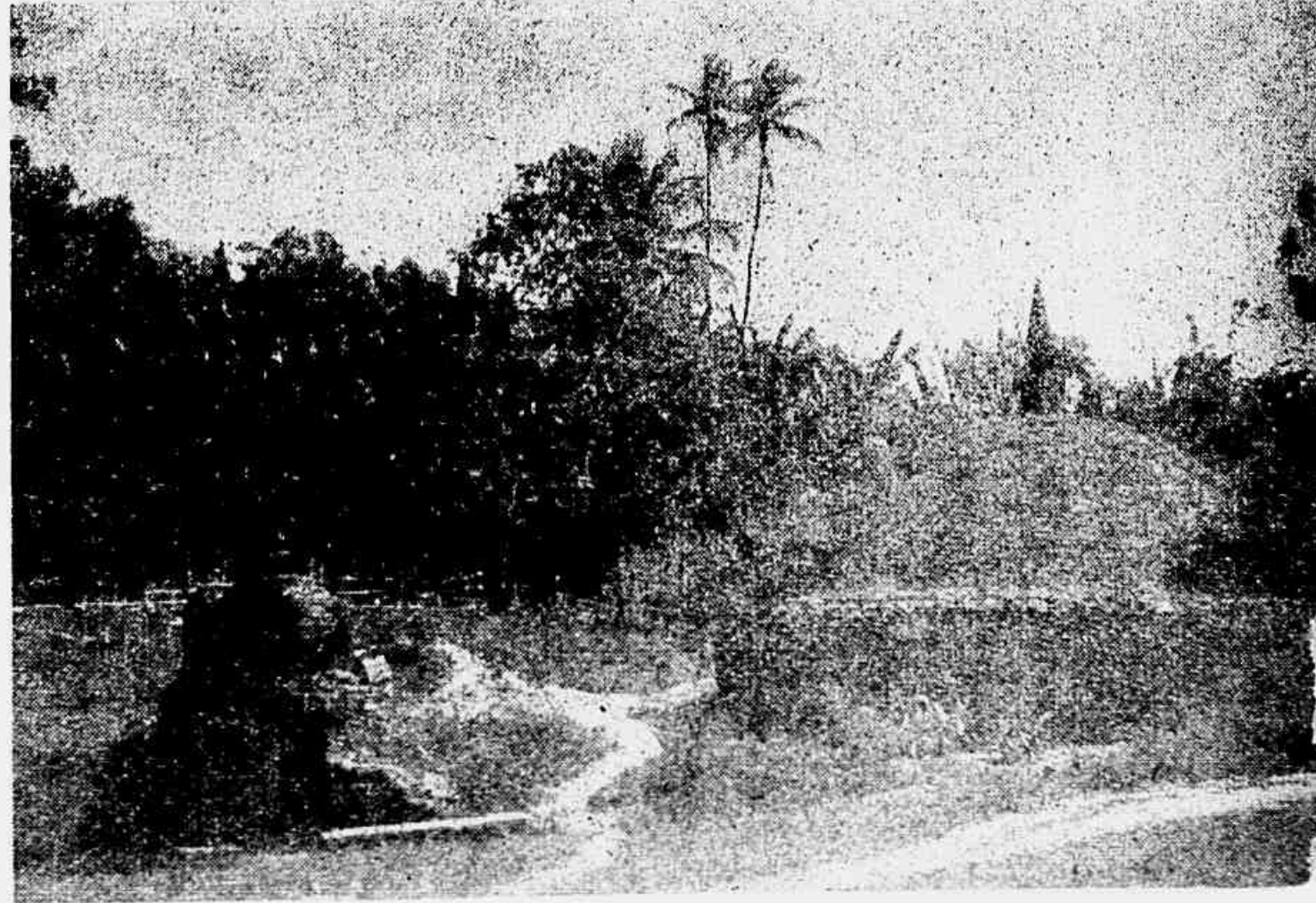
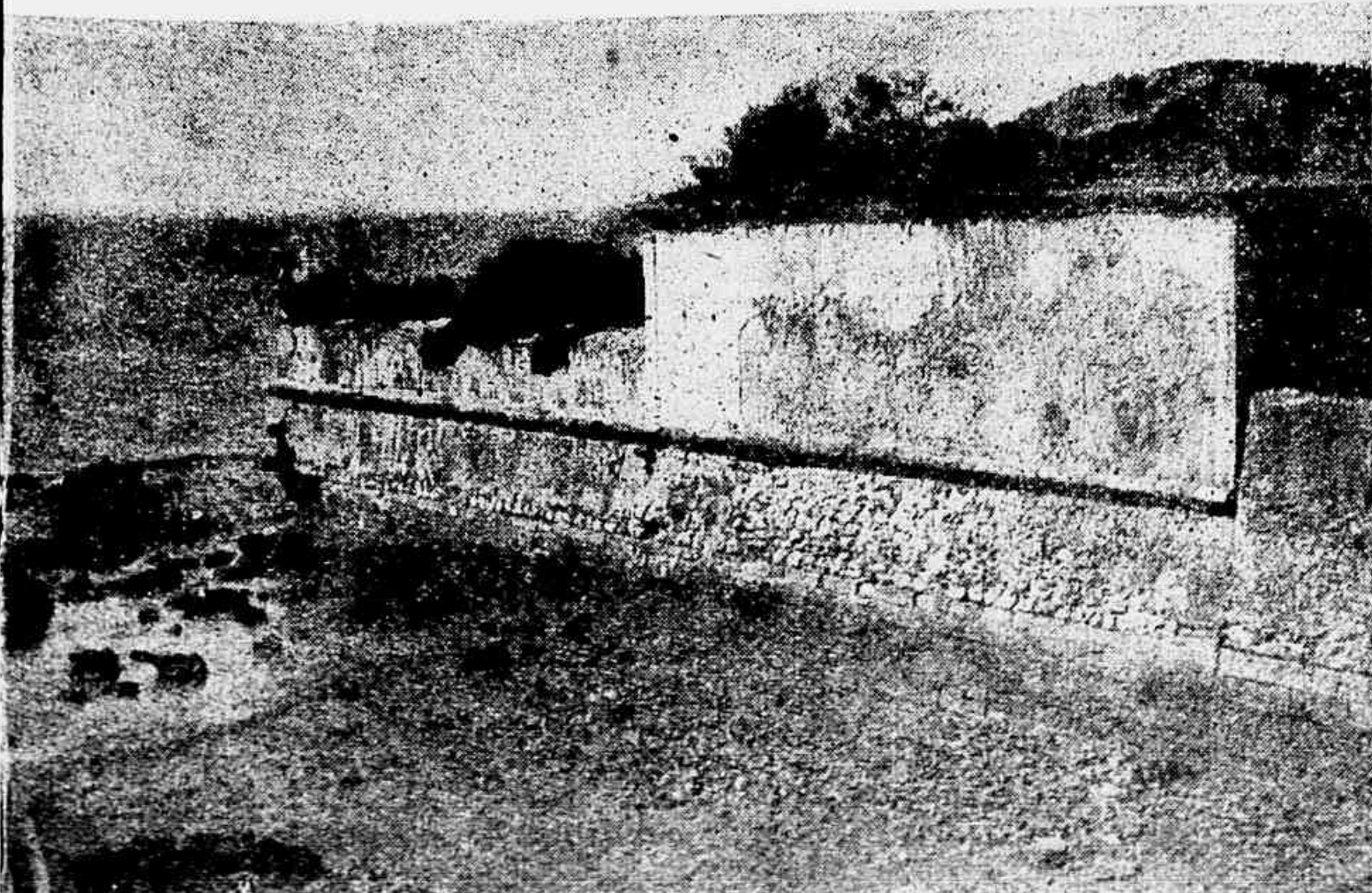
Além disso, representará verdadeiro achado a próxima publicação dum trabalho do jovem diretor, relativo à chancela dos ourives do Reino licenciados para trabalhar no Brasil. Fundando-se num inestimável livro de termos de responsabilidade, encontrado na Prefeitura do Salvador e até então inteiramente desconhecido, no qual se acham registradas todas as chancelas ou marcas de fábrica dos artistas da época, esse trabalho vai permitir a identificação de algumas das mais belas peças da prataria brasileira, como a reconstituição de seus períodos característicos, tudo do mais alto valor para o assunto, como para os colecionadores.

Finalmente, para compensar daquele largo período de letargo oficial, a que me referi de início, cabe citar ainda

outra contribuição, essa pode-se dizer que puramente pessoal, porque até hoje na dependência exclusiva do entusiasmo, da dedicação, do zelo e da probidade dum simples sacerdote. O Vigário da Catedral da Bahia, Padre Odilon Moreira, com um amor que só as grandes coisas da arte e da fé se acham em condições de determinar, vem há dez anos, sozinho, desajudado de qualquer amparo oficial, colecionando num imenso salão das dependências da igreja secular, tudo o que lhe aparecera disperso, não somente nos socavões do tempo venerável, como dos remanescentes da Sé destruída e de outras igrejas da Bahia, no mais valioso conjunto de arte sacra que seria possível apresentar na América Latina. São dezenas e dezenas de imagens de santos, Madonas e Crucificados, anjos e carlidades, alguns de mais de quatro séculos e duma altíssima expressão artística, representativa de elevado grau de cultura renascentista, outros de inestimável valor histórico, como a imagem de Nossa Senhora, toda de prata e madeira esculpida, diante da qual o Padre Antonio Vieira sentiu o estalo revelador. São altares de talha primorosa, outros de prata e de ouro — como certo altar lateral da Sé, todo de metal precioso que, só pelo peso, há dez anos, foi calculado em seicentos contos de réis — telas preciosas, quadros pintados em lâminas de cobre, jarros monumentais, custódias riquíssimas, alfaias de valor inestimável, enfim, um relicário incomparável, que os poderes públicos têm o dever de amparar, facultando ao seu guarda atual os meios de preparar um museu que não terá similar no continente. Para se dizer da importância da coleção, basta ver o número de personalidades que infalivelmente o vão procurar, de passagem pela Bahia. Ainda há pouco um ilustre viajante lá foi ter, por ter visto fotos de certas peças do museu, numa publicação americana em Tóquio. No entanto, para que o reverendo vigário conseguisse despertar a atenção local, foi preciso colocar na entrada do templo um convite em inglês. Mas já hoje, é certo que todo o mundo culto da Bahia conhece o museu e o tem na devida conta, o que não impede continue faltando à iniciativa de Padre Moreira qualquer apoio de ordem oficial.

Assim, tendo em vista o que pretendi registrar nesta nota de impressões de surpresa e encantamento, não é também menos certo que Mr. Sitwell, se pretendesse hoje levar avante o seu trabalho, não bateria mais em portas fechadas nem falaria de novo a orelhas moucas.

A esquerda : As ameias do forte que o mar começa a desmoronar. A direita : Fonte construída pelo Conde das Salveas, em 1736 e recentemente mutilada.





CONTO DE RIBEIRO COUTO



ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS

N A estação de Saudade, Augusto viu aquela cabeça de campeã esportiva, confundida num grupo de passageiros à espera do trem. O cabelo castanho claro tinha reflexos de cobre, um cabelo abundante que sugeria saúde e força. O rosto fino era rosado, talvez sardento, em todo caso queimado de sol. A desconhecida viera talvez da Bocaina, andara em excursões pela serra. Estava com botas de montar. O casaco de casimira cinzenta modelava-lhe seios pequenos de pontas duras, e ancas magras, de musculatura seca. Os viajantes espalharam-se, à procura de lugares nos carros, e Augusto perdeu a moça de vista. Abriu um jornal e esqueceu-se.

Já o trem estava em movimento quando ele viu crescer por cima do jornal a cabeça com reflexos de cobre; a moça passava de olhos indagadores, à procura de um banco. Augusto não fez nenhum oferecimento: havia bancos vazios em todos os carros. Tornou a absorver-se no jornal, mas desta vez com um interesse fingido: queria saber por mera curiosidade, onde ia sentar-se a moça. Estava sózinha? Não: atrás ia um inglês velho. Devia ser um inglês. Augusto imaginava que todos os ingleses têm caras assim, vermelhas, bem barbeadas; e que todos deviam trajar-se como aquele, com roupas amplas, de padrão europeu: cheviote cor de café com leite, com listras enxadrezadas, fazendo pensar (não sabia porque) num diretor de circo em viagem mundial. Nunca pudera vestir-se com elegância. Não que já não houvesse experimentado excelentes alfaiates das capitais: inútil. As melhores casemiras morriam no seu corpo desajeitado de juiz de direito de Baependi. Em Caxambú (distrito que pertencia à sua comarca), frequentando rodas de aquáticos, esse problema o assaltava a cada instante: porque razão as roupas não realçavam nele? Era moço, não tinha nenhum defeito físico; suas maneiras eram naturais.

Como se explicava (o espelho do guarda-casaca dava-lhe essa certeza) que não pudesse ficar elegante? Via homens velhos, obesos, que com qualquer paletó, qualquer colarinho, qualquer gravata, adquiriam esse ar de verdadeira elegância masculina, que não está somente nos indivíduos, está também nas roupas, no espontâneo prazer com que elas envolvem os corpos, palpam um ombro, um peito, um ventre. Seu futuro sogro, por exemplo. Serpa Rodrigues tinha sessenta anos batidos. Homem de negócios, parecia não pensar senão na especulação de terrenos. No entanto, quando se levantava da mesa de pôquer em Caxambú, seus casacos desciam moles e suaves, sem rugas, como se a elegância do vestuário fosse uma das razões essenciais da sua vida: as roupas obedeciam, nele, a um comando interior. Augusto sacudia a cabeça, para afastar pensamentos importunos e frívolos. Só o cansaço da viagem podia justificar tão absurdas reflexões. Reflexões que insistiam: sim, ele nunca acertava com as combinações de tom. Também as tesouras, por melhor que cortassem, não correspondiam ao seu íntimo ideal. No entanto, os tecidos eram dos melhores — como os de Serpa Rodrigues, que só fazia roupas no Nagib David. O defeito, portanto, não era dos alfaiates, era dele, de uma oposição natural que seu corpo oferecia, principalmente às casemiras claras. Aquele inglês que acompanhava a moça levava um padrão escandaloso: café com leite com listras enxadrezadas. Incrível. Mas, como lhe ia bem! Ia-lhe bem com as largas espáduas, com a alta estatura, com a cara bem barbeada, o queixo quadrado, a boca feita a canivete num pedaço de pau. Era velho, mas parecia jovem com o toalete de viagem. Pai da moça?

O apito do trem, virando uma curva, tirou-o da perplexidade. Debruçou-se à janela: na paisagem do entardecer, tudo era azeus. Invejou as casinhas brancas

de cal, à beira da linha: atrás das cercas de arame verdejavam jardimzinhos pintalgados de flores, com meninos a engatilhar entre os canteiros. Seriam felizes aquelas vidas de empregados ferroviários?

Augusto sentiu que a vida para ele era um solo firme onde poderia erguer sem cuidados o seu futuro de magistrado. Nomeado havia dois anos para aquela comarca, tinha já no banco as suas economias. Aliás, elas não representavam nada, nada mesmo, diante da fortuna de Serpa Rodrigues. Madalena era filha única. Um tanto feia, já não muito moça, mas filha única. Se o pôquer ou os maus negócios não levassem o dinheiro de Serpa Rodrigues, Madalena seria um dia proprietária de alguns milhares de contos.

Augusto não pôde deixar de sorrir... Sorte. Entre os seus companheiros de turma, quantos não haviam saído da Faculdade com a idéia fixa de uma noiva rica? Ele, Augusto, nunca se preocupara com isso. Seu ideal era de carreira: queria ser desembargador antes dos quarenta anos. Por isso, aceitara a delegacia de polícia de Patos; fora depois promotor em Bambuí; antes que o concurso prestado no Tribunal da Relação lhe abrisse as portas do primeiro juizado. Estudava com entusiasmo. Aproveitava o mínimo despacho para revolver toda a livreria que lhe forrava as paredes e fazia o espanto de Baependi, porque as janelas da sua casa, no Largo da Matriz, eram baixas: quem passava, podia ver o juiz de direito curvado à mesa, entre pilhas de volumes. Toda gente repetia dele: "É um moço sério". Nunca ouvira: "É um moço inteligente" ou "É um sujeito brilhante", conforme se dizia de outros colegas, em geral portistas, que tinham o verbo fácil e faziam discursos em todas as oportunidades. Dele só se falava que era "um



moço sério", mas Augusto não se humilhava com isso: não tinha pretensões a outra coisa. Chegaria a desembargador pelo seu afino no estudo, pela sua austeridade, por aquela auréola de caráter sólido, insensível às fantasias, que o cercava desde o início da carreira. Seria desembargador, sim...

Sim, mas era urgente casar com Madalena. O ambiente de Baependi, sonolento e monótono, já não o absorvia tanto, depois que passara a frequentar Caxambu durante a estação. Aqueles grupos de veranistas, com mulheres viajadas, formosas, de provocantes maneiras e sorriso um pouco cínico, eram como rajadas que ameaçavam apagar a chama do seu bom senso e das suas ambições judiciais. Vinham-lhe ímpetos, às vezes, de fazer uma asneira. Qualquer asneira que o sacudisse. Sentia-se abafado por cinco anos de existência em comarcas de roça, cumprimentando com gravidade o presidente da Câmara e dando prosa com o vigário, à tardinha, à porta da casa parquial.

... Alguém dissera o seu nome? Salu daquele torpor engorgitado de idéias mal-sãs. Voltou-se: a campeã esportiva estava agora sentada no banco de trás, com o inglês velho.

— Que valor! dizia a moça.

Com efeito, fazia um calorão dentro do trem! O rosto fino e sardento, emolurado do cabelo côr de cobre, estava esboçando um sorriso, mas não para ele Augusto: para a paisagem. Sorriso perdido, diluído no ar em movimento. O inglês, austero, lia um jornal.

Vontade de dar um beijo naquele rosto. Era melhor adormecer.

Não adormeceu, mas conservou-se de olhos cerrados até a próxima estação.

— Titio, não toma café?

Augusto levantou-se ouvindo aquela pergunta feita ao inglês. Era uma boa idéia, um láfê. Caminhou até a plataforma do carro e esperou que o trem parasse. Barra do Piraí.

— Pá licença?

Era a moça que queria saltar. Desculpou-se, súbitamente confuso; desceu primeiro e estendeu a mão à moça: ela desceu apoiada.

Dava prazer sacudir um pouco os músculos, espantar o torpor da imobilidade. Sorriam com o mesmo pensamento.

— A senhora não vai tomar um café? perguntou Augusto, enchendo-se de audácia:

— Prefiro uma laranjada.

A palavra "laranjada" adquiriu todas as cores do arco-íris. Augusto precipitou-se. Varou a multidão que se acotovelava (calpiras de camisa de chita e roupa caqui, com sapatórras sonoras, a caminho dos carros de terceira classe; mulheres com crianças ao colo; meninos com cestas maiores do que eles mesmos, de olhar morto, pálpebras inflamadas, pancinhas redondas de opilação precoce). No bufê era impossível chegar: mais de vinte pessoas disputavam xícaras de café.

— Tem aí laranjada?

Por cima dos ombros daqueles homens todos continuou gritando:

— Laranjada?

Ninguém prestava atenção. Voltou-se: a moça tinha desaparecido. Salu à procura dela. Encontrou-a dois passos adiante, de olhos pregados numa vitrina de livros. Onde estava o caixeiro da livraria?

— Encontrou alguma coisa que lhe interessa?

Ela fez que sim: e o cabelo de cobre teve reflexos repentinos. O caixeiro, porém, não vinha. Um vendedor de jornais, italiano, curvado ao peso da carga, passou de pescoço torto, viu a freguesa escolhendo um livro e chamou:

— Anunziato! Anunziato!

Não se sabia de onde (parecia que do chão), surgiu um velho de barba branca:

— Signorina?

O rosto sardento sorriu para o velho. Surpreso, Augusto viu a mão delicada pegar num gula ferroviário, depois pro-

curar uma moeda na carteira: nada! Não havia um único níquel na carteira! Augusto puxou de uma nota de cinco mil réis, pediu licença, pagou o gula ferroviário. Lembrou-se da laranjada: talvez houvesse menos povo no balcão do bufê.

— Não quer a sua laranjada?

Correu a ver se ainda conseguia ser atendido. Ouviu-se o sinal de partida.

— Cuidado!

— A moça era ágil: saltou no estribo do trem. Augusto saltou atrás, tristíssimo com a capa amarela do gula ferroviário que a moça levava na mão.

— Vou apresentá-lo a meu tio.

Augusto declinou o nome, o inglês levantou-se, ouviu o que a sobrinha contava, puxou da carteira, pagou os cinco mil réis, sentou-se de novo, de novo abriu o jornal.

Chocado com aquela atitude, Augusto teve uma idéia:

— Vamos ver se há laranjada no vagão-restaurant?

— Oh! que ótimo!

Ótimo era sumir dali, da presença do inglês.

Sentados os dois à mesinha do vagão-restaurant, Augusto cravou os olhos em...

— Bárbara. Bárbara Gray, sua criada.

... cravou os olhos em Bárbara e sentiu que um terrível amor aparecia dentro dele, sinistro e inútil, como um casco de navio que naufragou em praia solitária e a maré vasante põe a descoberto. Não pôde deixar de compará-la a Madalena, morena graciosa, um pouco gorda, conjugal. Bárbara não era conjugal, era elástica e esportiva. Devia ter músculos fortíssimos. O gula? Para que o gula ferroviário?

— Para ler os nomes das estações.

A simplicidade da resposta humilhou Augusto. Começou a reparar nos olhos de Bárbara: cinzentos, vagos, qualquer coisa de longínquo e perverso na pupila esverdeada.

— Titio tem uma fazenda em Bananal. O senhor gosta de caçar?

Tinham vindo da fazenda: um mês a perseguir veados, cotias e pacas. Na Inglaterra, a caça à raposa era muito elegante. Ele conhecia a Inglaterra?

A satisfação de ter adivinhado que o velho era inglês consolou Augusto de não conhecer a Inglaterra.

Bárbara estivera três anos num pensio-nato dos subúrbios de Londres. Era filha de mãe brasileira e pai inglês. Londres... Ah, que cidade! Que mundo!

Lá fora passavam campos desertos que pediam instalação de famílias agrícolas, mulheres fecundas, homens industriais, canaviais, cafés, usinas de leite. Augusto suspirou.

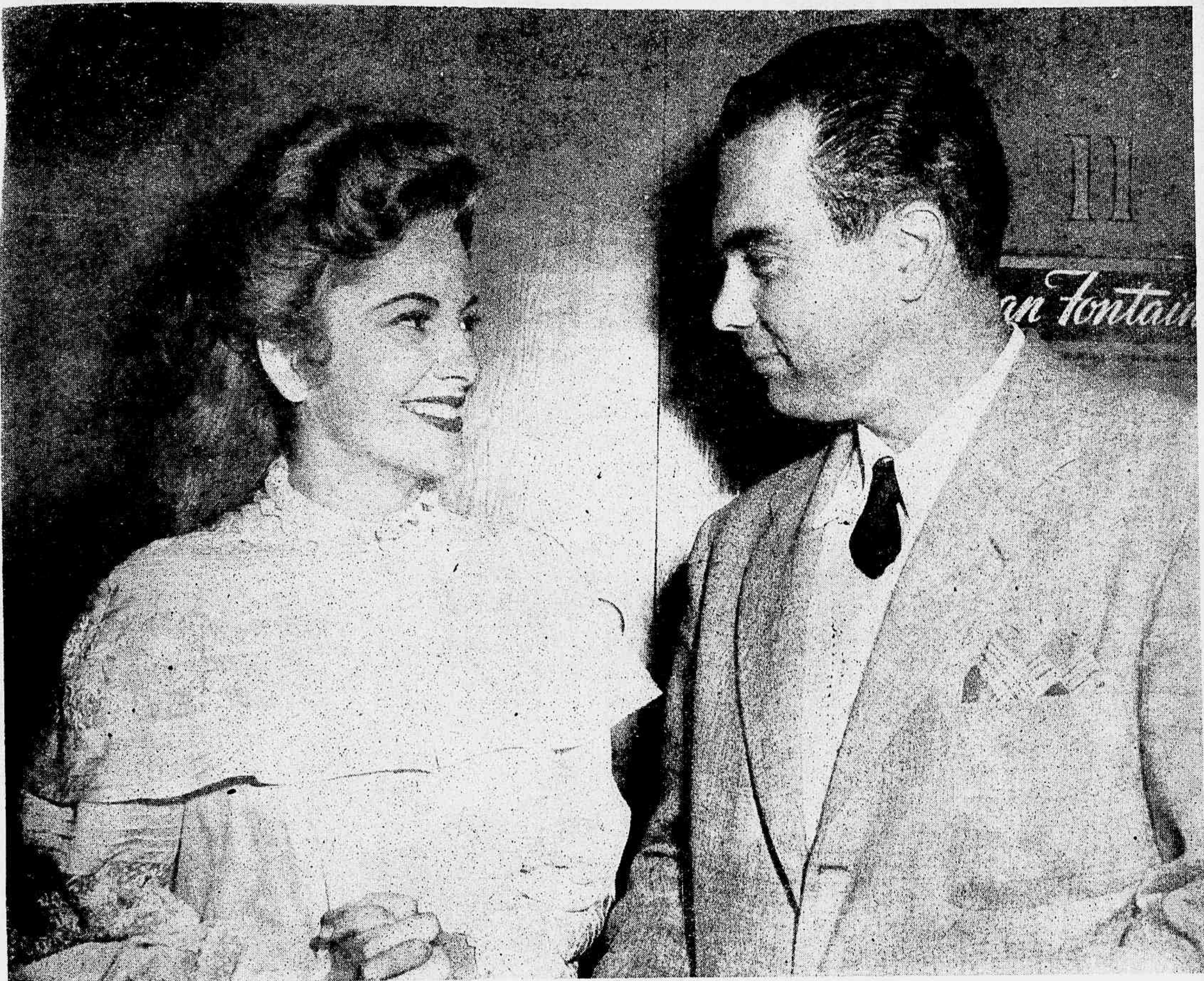
Veio a laranjada finalmente. Bárbara chupou o líquido pelo canudinho de palha, com delícia. O garção perguntou se queria mais gelo: Bárbara fez que sim.

(Continua na pág. 48)

Antologia Brasileira do Conto

RIBEIRO COUTO, o autor de "O Crime do Estudante Batista", "Balaninha e outras mulheres", "O Clube das esposas enganadas" e tantas outras obras, é antes de tudo um dos nossos grandes contistas, embora seja igualmente um poeta moderno de magnífica inspiração e um romancista de merecimento incontestável. No conto, tem verdadeiras obras-primas, como "O Bloco das Mimosas Borboletas" e "Simão, o dileitante de ambientes". Mas, por muito conhecidos que são esses contos, tão frequentemente transcritos em revistas e em antologias, preferimos reproduzir nesta página o conto "Tentação", que faz parte do volume "Largo da Matriz", o último que Ribeiro Couto publicou no Brasil.





Na página à esquerda: Joan Fontaine, a intérprete de "Rebeca" e de "Suspeita", já premiada pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, torceu para que sua irmã, Olivia De Havilland, também recebesse o "Oscar", pelo seu trabalho em "Só resta uma lágrima". Ao alto: Joan Fontaine falando a Luis Serrano, correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood, à porta do seu camarim, na Universal. Em baixo: Joan Fontaine, quando posava uma cena de "A valsa do imperador", na Paramount. O galã desse filme é Bing Crosby e o ator Richard Haydn nele faz o papel do imperador Francisco José, da Austria.

OUVINDO JOAN FONTAINE EM HOLLYWOOD

HOLLYWOOD, fevereiro — Joan Fontaine, que me recebeu tão amavelmente no estúdio da Universal, é uma artista de fama e brilha hoje no "estrelato" de Hollywood, mas só conseguiu tantos sucessos depois de haver lutado duramente contra os revezes da sorte. A sua vitória no cinema foi conquistada à custa de sacrifício, abnegação e perseverança, sobretudo. Foram incontáveis os obstáculos que encontrou em seu caminho a brilhante "estrela" que ganhou o prêmio da Academia para a melhor "performance" feminina de 1941. Um desses obstáculos foi a sua péssima saúde. Por causa de uma moléstia de que sofreu, Joan Fontaine passou horas amargas em sua vida passada, completamente dominada por um complexo de inferioridade. Mas afinal de contas, era ela a irmã mais jovem de uma brilhante artista de cinema: Olivia De Havilland. Contava com o auxílio e o prestígio artístico de sua famosa mana.

Joan Fontaine começou, então, uma verdadeira campanha científica com o fito de se curar. Mas a sua principal preocupação era vencer na tela. A glória de Olivia De Havilland não a desanimava nem a eclipsava. Servia-lhe antes era de estímulo e de desafio. A frase: "Se Livvy (assim é que ela chama a irmã) é capaz de fazer uma coisa eu também sou" — tornou-se o seu lema e eterno estribilho.

As duas "estrelas" nasceram em Tóquio, capital do Japão, mas são filhas de pais britânicos. Desde a sua mais tenra infância que Joan Fontaine lutava contra doenças. Os médicos que a viam em criança duvidavam que ela vingasse, com uma constituição tão frágil e tão enfermiga.

Mas para maior espanto de todos esses escúliptos a criancinha doente e débil ia vencendo galhardamente os anos. Foi, então, que alguns desses médicos aconselharam a seus pais que mudassem de clima para o completo restabelecimento da menina. Em razão disso, vieram todos para a América do Norte e passaram a residir na Califórnia. A salubridade do clima californiano fez milagres e

"A valsa do imperador", com Bing Crosby, e "A história de Ivy", com Richard Ney, são os últimos filmes da ex-esposa de Brian Aherne — Torceu por Olivia De Havilland.

Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood).



restabeleceu a saúde de Joan Fontaine. Tudo isso ela me conta jovialmente e diz que agradece à sua doença o brilhante futuro artístico que teve. Na Califórnia, Joan passou a frequentar uma escola. Poucos anos mais tarde ela estava já uma mocinha com a cabeça cheia de sonhos e ilusões. Sua irmã, Olivia, a princípio uma simples bibliotecária, começou, então, a sua brilhante carreira artística e isso foi como que um exemplo para Joan. Mas se observarmos o início da vida profissional dessas duas "estrelas" irmãs notamos uma diferença sensível: enquanto que Olivia subiu ao "estrelato" sem encontrar tropeços em seu caminho, Joan Fontaine nos primeiros anos lutou duramente para conquistar o lugar que hoje ocupa merecidamente no firmamento de Hollywood. Usou vários nomes, menos o de Havilland, e tentou várias vezes alcançar o "estrelato". Finalmente, sob o nome de Joan Fontaine, fez sucesso nos palcos de Los Angeles como integrante da companhia Henry Duffy Players. Jesse L. Lasky, atualmente um dos produtores da Warner Brothers, notou a sua atuação nessa





Ao alto: Cena de "A história de Ivy", filme da Universal, dirigido por Sam Wood e no qual Joan Fontaine interpreta o papel principal. Em baixo, à esquerda: Joan Fontaine, no papel central de "A história de Ivy". Nesta cena, ela é despertada ao ouvir vozes no outro quarto, na manhã seguinte à da morte de seu marido. A direita: Joan Fontaine, tal como aparece em seu último filme, "A história de Ivy", que Sam Wood está dirigindo para a Universal.

peça, que se chamou "Call it a day", — "Vamos brincar de amor", na versão cinematográfica, — e não hesitou em contratá-la para o cinema. Singularmente, porém, foi Olivia de Havilland quem filmou, no cinema, o seu papel na peça...

Foi então que Joan Fontaine passou a fazer um pequeno papel ao lado de Katharine Hepburn em "Rua da Vaidade" (Quality Street). Depois foi a "leading lady" de Fred Astaire em "Cativa e cativante" (Damsel in distress). Fez mais outras películas. Mas o filme em que começou a se impor definitivamente à admiração dos "fans" foi "Gunga Din", em que desempenhou o principal papel feminino.

A sorte começa, realmente, a sorrir para a "estrela". David O. Selznick a escolheu, dentre inúmeras candidatas, para fazer o papel de protagonista do sensacional filme "Rebecca" — papel este que lhe valeu uma menção honrosa da Academia. No ano seguinte Joan Fontaine firmou o seu valor conquistando o prêmio para a melhor atriz do ano, a que fez jus pela sua brilhante "performance" no filme "Suspeita" (Suspicion). A seguir trabalhou no filme que marcou época e que se chamou "De amor também se morre" (The Constant Nymph), ao lado de Charles Boyer.

Entre os seus filmes mais recentes podemos citar "Galvota Negra" (The Frenchman's creek), em que Joan Fon-

taine aparece ao lado de Arturo de Cordoba; "Os amores de Susana" (Susan Affairs); "A valsa do imperador" (The Emperor Waltz) uma das mais recentes produções da Paramount, na qual Joan Fontaine tem como galã Bing Crosby; e "A história de Ivy" (The story of Ivy), na Universal, com Patric Knowles e Richard Ney nos principais papéis masculinos.

Joan Fontaine hoje é um nome prestigioso nos círculos artísticos de Hollywood. E isso porque o seu talento e tenacidade autorizam o seu justo prestígio. Perguntei-lhe:

(Continua na pág. 53)



A VIDA DE FREDERICO, O GRANDE

(1712 - 1786)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com o Livraria do Globo, de Porto Alegre).

N O século dezoito a Prússia era apenas um dos insignificantes estados que faziam parte do Santo Império Romano. Estava situada ao norte — um mesquinho e obscuro ducado cujo soberano, até pouco tempo antes de começar a nossa narração, nem sequer possuía o título de rei. Os duques da família Hohenzollern, que governava o pequeno estado, davam-se por muito satisfeitos com o privilégio de segurar a bacia para o imperador da Austria lavar as mãos nas cerimônias oficiais. Não eram senão os peixes maiores dum pequeno e turvo charco político. E quando o charco foi transformado em reino e o duque cingiu a corôa, foi uma decisão magistral do Divino Diretor-de-Cena dar a Frederico Guilherme Hohenzollern o papel de segundo monarca reinante. Seu pai, o primeiro a vestir a púrpura, obtida por alguma manobra política, era um Hohenzollern muito imponente que quase rebentava de orgulho pela grande honra que lhe fora concedida. Frederico Guilherme vivia desculpando-se da extravagância do pai. Parecia-lhe inconcebível que aquele ousado velho fizesse planos para um funeral aparatoso, o que importava em atirar dinheiro aos vermes. O rapaz era assombrosamente circumspecto. Desde os oito anos adquiriu o hábito de esconder todas as moedas a que conseguia deitar a mão, e trazia-as anotadas num livro a que chamava "Registro dos Meus Ducados". Logo que subiu ao trono despediu dois terços da criadagem, reduziu a um terço as despesas da corte, aboliu o luxo descomedido dos sofás e poltronas, substituindo-os por cadeiras de pau, e deu ordem para que de então em diante os cortesãos pusessem de parte as suntuosas cabeleiras empoadas e passassem a usar modelos rabichos. Seus conselheiros e amigos tiravam de frio depois que começou a economizar a lenha da chaminé, e até sua mulher ficava revoltada quando ele se punha a contar as velas e jurava que preferia ficar no escuro a gastar desnecessariamente um florim. "Schweinhunde", eis como qualificava todos aqueles que desperdiçavam dinheiro. "Schweinhunde!"

Embora não fosse naturalmente pródigo, a natureza fora pródigo com ele. Construíra-o rente ao chão, com um torso redondo como a lua cheia, um pescoço de barril de chope e faces vermelhas como cerejas. Dera-lhe uma língua fértil em tremendas imprecações, e um caráter atrabiliário. Frederico andava pelo seu reino de três milhões de almas, sempre vigilante, à cata de ociosos. Quando encontrava algum dos seus súbditos mandriando pela rua atirava-se a ele de bengala em punho e ministrava-lhe uma boa sova "em nome de Deus e da pátria". Esse gorducho Hohenzollern governava o seu reino com uma bengala, cuidava pessoalmente dos cavalos da estabulação, quebrava os dentes aos seus solícitos conselheiros quando davam um parecer que não lhe agradava, bebia cerveja até ficar com o rosto purpúreo, e puxava as orelhas a quem quer que ousasse ler livros franceses ou falar a língua francesa. Odiava os franceses; chamava-os de bonifrates e escarnecia das suas maneiras afetadas. "Schweinhunde!" Eu sou um príncipe alemão. Que tenho que ver com eles?"

Só se permitia um luxo — o de organizar e manter um exército. Toda a sua economia, toda a sua avareza, toda a sua mesquizez tinham por fim reunir um exército maior e melhor. Vinham-lhe lágrimas aos olhos quando pensava na sua querida guarda de Potsdam — os granadeiros do palácio, conhecidos em toda a Europa pela sua estatura elevada. Nenhum desses homens tinha menos de seis pés de altura. Eram os seus soldados-adorados, a paixão que lhe absorvia a vida. Mandava agentes a todas as partes da Europa afim de lhe trazerem os ho-

mens mais altos que encontrassem. Não é de admirar que não lhe sobrasse tempo para banquetes, sofás de veludo ou festas suntuosas na corte. Todas as horas de que dispunha eram consumidas na instrução dos seus regimentos na Schlossplatz. Marchavam para cima e para baixo — um, dois; um, dois; um, dois — ao compasso enérgico do pequeno e sólido instrutor que ia à frente. Era constante motivo de troca em toda a Europa o fato de que, embora exercitasse os seus soldados tão assiduamente, Frederico Guilherme não os usou em combate nem uma só vez, durante os vinte e seis anos do seu reinado. Não importava. Eram soldados de parada, regimentos de opereta, que palmilhavam o cascalho da manhã à noite para uma exuberante audiência de um só homem. "Schöne, lange Soldaten!" Eram a sua única ambição, o centro mesmo dos seus sonhos. Direita, volver; esquerda, volver. E então, em resposta à ordem "Heraus, heraus!" um enorme urso emergia dum dos flancos, esgueirava-se até a primeira fila e punha-se a marcha com os seus camaradas de caserna dum lado na Schlossplatz.

— E se, algum dia, eu pudesse ter um gigante maior que os outros todos... — murmurava Frederico com um olhar sonhador. Mas sua mulher iria decepção-lo. Ela não estava à altura daquele rei-sargento beberão. Detestava as cadeiras toscas, a comida simples, a contagem das velas. Delicada e gentil, não estava acostumada às estrepitosas imprecações prussianas. O filho que deu a Frederico Guilherme era uma criaturinha enfezadinha, e não o gigante hercúleo que ele sonhara.

— "Mein Gott!" — resmungou o rei, a primeira vez que pôs os olhos no filho. — Então é este o herdeiro do trono da Prússia?

★

A medida que crescia, o menino ia adquirindo os hábitos "dandy". Apren-

dia a tocar flauta (ai dele se o pai um dia descobrisse a existência de tão efeminado instrumento na sua casa!) e passava os dias envolvido num roupão, lendo história, filosofia e literatura francesas. Não sentia o mínimo entusiasmo à vista dum uniforme. Odiava os exercícios militares. Detestava a sua obrigação de decorar todos os pequenos pormenores da história militar dos Hohenzollern, embora o pai tivesse ordenado ao tutor que lhe meteresse Inteligência na cabeça rebelde. "Não seria melhor", escrevia o preceptor ao rei, "se, em vez de obrigá-lo a estudar esse longo trabalho na sua totalidade, fizéssemos Sua Alteza Real aprender apenas os fatos mais importantes, que eu poderia reunir numa sinopse para esse fim." A margem desta carta, o rei respondeu: "Deve estudar 'todos' os fatos".

O rapaz era um verdadeiro problema. Nunca se levantava à hora, pela manhã. Não se preocupava com sua aparência pessoal. Não tinha a mínima idéia sobre o que fosse disciplina. Tudo isto exasperava o rei, que organizou um horário para o filho recalcitrante, estipulando como deveria empregar cada hora do dia. "Enquanto o penteiam e lhe arrumam a trança, deve tomar a primeira refeição, de modo que ambas as tarefas estejam terminadas às seis e meia... Não se demore na cama quando chamado; levante-se imediatamente... Depois de dizer as suas orações, deve calçar as meias e os sapatos o mais depressa possível, e também lavar as mãos e o rosto — mas não com sabão". (Isto seria um luxo muito dispendioso).

O moço detestava no pai essas medidas disciplinares. Desejava que o deixassem em paz, entregue à sua indolência. Em segredo, após terminar o trabalho de dia, pegava a flauta e tocava música à vontade. Teimava em ler os livros vindos dos grandes "salons" da França. Travou conhecimento com as obras de Voltaire. Almejava deixar o desolado reino da Prússia pelos suaves

encantos de Versalhes. Com pouca idade ainda, tomou interesse pelo latim. Quando o pai soube que esta língua fora incluída no seu programa de estudos, mandou chamar o preceptor, deu-lhe umas bengaladas e disse-lhe que ensinasse ao rapaz alguma coisa de mais utilidade prática.

— Esse traidor de meu filho! Se um dia eu o apanhar de novo lendo livros em latim ou francês... Eu sou um príncipe prussiano. "Ich spreche Deutsch, und mein Sohn soll immer Deutsch sprechen!" (Eu falo alemão, e meu filho só deve falar alemão).

A princípio deixava-o perplexo a idéia de que pudesse haver gerado tal filho. Muitas vezes, enquanto exercitava os seus soldados ou ia à caça do javali — um de seus esportes favoritos — punha-se a refletir profundamente, procurando o melhor meio de corrigir a detestável inclinação do filho para as coisas da França. Aqueles franceses eram todos uns bonifrates! Caminhavam na ponta dos pés, como professores de dança. Não serviam para nada! Quanto aos seus trajes e maneiras elegantes — pf! Eles tinham paratitas nos chinós. E pensar que um filho seu!...

— Ele é obstinado e perverso, e não tem amor a seu pai! — queixava-se Frederico Guilherme aos amigos. Já lho disse mil vezes: não posso tolerar pessoas efeminadas, de olhar velhaco, que não sabem andar a cavalo nem atirar, que não se lavam direito e pentelam os cabelos de maneira ridícula. E' inútil. O rapaz nunca se emenda.

Que fizera ele para merecer tal filho — ele, que se contentava com sentar-se em duras cadeiras de pau e fazia marchar os seus gigantes de um lado para outro, todos os dias, na Schlossplatz!

O filho escreveu-lhe um bilheteinho após uma cena particularmente violenta. "Peço ao meu querido pai que seja bom para mim. Espero que o meu querido pai deixe de ter por mim aquele ódio cruel que todas as suas ações demonstram; do contrário, não poderei suportar mais isso".

Ao alcançar a idade de dezoito anos, o filho tinha formulado um plano para fugir do palácio na primeira oportunidade; tencionava sair do país e procurar refúgio em alguma parte onde ficasse fora do alcance daquele rigoroso sargento-instrutor que era seu pai. Mantinha-se silencioso à mesa durante as refeições; esquivava com a cabeça os pratos que o pai lhe arremessava; prosseguia, na solidão do seu quarto de dormir, o estudo da filosofia, que Frederico Guilherme chamava "fábrica de vento"; e com um grupo de amigos, jovens oficiais do exército paterno, organizava os planos de fuga para a Inglaterra. Certa noite fez uma apressada visita à mãe para informá-la dos seus designios — uma conferência em voz baixa, um beijo. Depois, um breve adeus a sua irmã Guilhermina. No dia seguinte recebeu ordem de acompanhar o pai numa viagem pela Prússia. Chegaram a Stuttgart, onde se dispuseram a passar a noite. Uma carruagem apareceu silenciosamente diante do portão. Frederico saiu às escondidas do quarto. Seu leal amigo, o prezado Katte, devia estar à sua espera, conforme tinham ajustado. O bom Katte! Era seu camarada desde a infância. Mas onde está ele? Porque não se acha no lugar combinado? Bem, bem, decerto alguma coisa o reteve. Seguramente irá encontrar-se com ele em Hala.

Mas a carruagem de Frederico é detida pelas sentinelas em Francforte. Outra carruagem estaca ao lado da sua. O rei desce e inclina-se ironicamente diante do filho.

— Como, ainda aqui? — pergunta, num tom majestoso e irritado de fingida surpresa. — Pensei que estivesse em Paris há muito tempo.

Como tivera ele conhecimento do seu plano? Espiões? Frederico decide arrear a situação.

— Se eu quisesse, Majestade, — replica ousadamente, — estaria há muito em Paris.

(Continua na pag. 31)

FREDERICO, O GRANDE





ORLANDO
MATTOS

Dinamo Ex-maquina

PARA a vigilância dos três dinamos que forneciam a força motora para a estrada de ferro elétrica e que enclum de seu zumbido e de suas trepidações a usina de Camberwell, fora proposto um contra-mestre, originário do condado de York, chamado James Holroyd. Era um bom electricista, mas também um grande apreciador de uisqui: um sujeito alto e grosseiro, de cabelos ruivos e dentes mal dispostos. Punha em dúvida a existência de Deus, mas aceitava o ciclo de Carnot; tendo lido Shakespeare, achava-o pouco entendido em química...

Holroyd tinha um auxiliar, filho do Oriente misterioso, e cujo nome era Azuma-Zi, mas ao qual ele dava o nome de Pooh-Bah. Preferia ter um negro como auxiliar, porque um negro suporta as pancadas e, além disso, porque um negro não mete o nariz na mecânica para aprender-lhe os recursos. Holroyd nunca tinha notado no que se possa passar de estranho no cérebro de um negro posto repentinamente em contacto com os requintes da nossa civilização: ele devia acabar por aprender isto à sua custa.

Um etnógrafo teria renunciado a definir Azuma-Zi. Ele participava antes do tipo negroide que de outro qualquer, fossem muito embora mais frisados que encarapinhados os seus cabelos e posto que fosse arqueado o seu nariz. Por outro lado, a sua pele era antes parda que negra, e o branco dos olhos antes amarelados. As grandes maçãs salientes e o queixo deprimido davam-lhe à fisionomia o que quer que fosse triangular e viperino. A cabeça era larga atrás, achatada e apertada na frente; dir-se-ia que o seu cérebro não era conformado como o de um europeu. Curta era a sua estatura, mais curta ainda o seu conhecimento da língua inglesa. Falavam-lhe? Ele emitia uma série de ruídos estranhos que não tinham a mínima cotação no mercado; as suas raras palavras inteligíveis, aos arrancos e procuradas a custo, tinham o tom rebarbativo da linguagem heráldica. Holroyd tinha tentado sondar as suas crenças religiosas; mórmente depois de beber, ele fazia-lhe sermões sobre sermões contra a superstição e os missionários; mas Azuma-Zi, mesmo com risco de ser castigado, evitava discutir sobre os seus deuses.

Este, tendo saído com as suas vestes brancas mas sumárias, da carvoeira do "Lord Clive", — que acabava de chegar de Malaca e de mais longe ainda, — achara-se em Londres. Na sua mocidade, tinha ouvido falar da grandeza e das riquezas da metrópole, onde todas as mulheres são brancas e belas, onde até os mendigos das ruas são brancos; e ele chegava com as algibeiras cheias de moedas de ouro recentemente ganhas, para se prostrar ante o altar da civilização. Foi por um dia sombrio que ele desembarcou; o céu estava pesado; uma chuva fina, fustigada pelo vento, caía sobre a calçada enlameada. Ele mergulhou valorosamente nas delícias de Shadwell; de lá voltou em breve, trajado como homem civilizado, mas com a saúde abalada, sem um soldo, como um verdadeiro bruto, sempre mudo a não ser nos casos de absoluta necessidade, destinado a trabalhar por conta de James Holroyd e a ser maltratado por ele no hangar dos dinamos de Camberwell.

Havia em Camberwell três dinamos, com as suas máquinas motoras. Os dois primeiros, datando da origem da usina, eram umas máquinas pequenas; a terceira máquina, mais considerável, era nova.

Holroyd fez a Azuma-Zi, pouco depois da sua chegada, uma conferência filosófica a propósito dessa máquina enorme. No meio da labúrdia, ele teve custo em se fazer compreender.

— Olhe para isto! dizia ele. Qual desses ídolos poderia ser comparado a ela?

E Azuma-Zi olhava. Durante um momento, ele não pôde compreender o sentido das palavras de Holroyd; depois, distinguiu as palavras:

— Matar cem homens... Doze por cento da conta ordinária... Isto é o mesmo que um Deus!

Holroyd tinha orgulho do seu enorme dinamo; ele discorreu com prazer sobre as suas dimensões e a sua força: e o fez tão bem que é fácil imaginar que estranhas idéias as suas palavras, proferidas através do tumulto e das máquinas, deviam ter despertado dentro do cranio negro e frizado de Azuma-Zi. Ele enumerou-lhe, no estilo mais pitoresco, os doze ou treze modos como se podia ser morto pela máquina. Até mesmo uma vez, para fazer-lhe experimentar o seu poder, ele submeteu o pobre diabo a um choque elétrico.

Nos momentos de repouso deixados pelo trabalho, Azuma-Zi sentava-se e contemplava o monstro. De tempos a tempos, as escovas cintilavam e cuspiam faíscas azu-

ladas. Então Holroyd praguejava. Mas, de outro modo, tudo era regulado e rítmado, como os movimentos da respiração. A correia deslizava, ruidosa, por cima da árvore de transmissão, e ouviam-se constantemente as pancadas dos pistões.

E, pois, aquela máquina vivia sempre, sob a vigilância dele e de Holroyd, dentro do vasto hangar. Ela não estava prisioneira nem sujeita, como as outras máquinas que ele tinha visto servindo de propulsores aos navios, — demônios ao serviço do Salomão britânico; esta era uma máquina superior. A comparação impelia-o a desprezar os dois outros dinamos menores. De si para si ele tinha batizado o grande com os nomes de "Rei dos dinamos". Em vez de ser febril, ele era disciplinado. E que tamanho! Que serenidade! Que facilidade no seu trabalho! Não era ele acaso maior e até mais calmo do que os Buddhas que ele tinha visto em Rangoon? E não era inerte como eles. Ele vivia! As grandes bobinas negras rodavam depressa, depressa, depressa; os anéis giravam em volta das escovas; um ruído surdo dominava em tudo. Azuma-Zi experimentava um efeito extraordinário.

Azuma-Zi não gostava muito de trabalhar. Sentava-se para observar o Rei dos Dinamos enquanto Holroyd, fora, no pátio, pedia ao homem do ganho que lhe fosse buscar um pouco de uisqui. Todavia, o lugar de Azuma-Zi não era no hangar, mas sim atrás das máquinas; e, quando Holroyd o surpreendia em falta, administrava-lhe uma sova com uma forte vara de cobre. Isto não o impedia de se ir postar em pé bem junto do colosso, para ver a grande correia de couro resvalar por cima da sua cabeça. Havia naquela correia um pedaço preto que voltava sempre: no meio do barulho, ele gostava de vê-lo voltar sempre. Aquele movimento sem fim arrastava o seu espírito a idéias estranhas. Dizem os sábios que os selvagens atribuem uma alma aos rochedos, às árvores: uma máquina vive mil vezes mais que uma árvore. Azuma-Zi, de fato, tinha-se conservado selvagem, o verniz da civilização não passara, para esse ente simples, de uma blusa, alguns ferimentos no corpo e uma máscara de carvão a encobrir-lhe as mãos e o rosto. Antes dele, seu pai tinha adorado uma pedra caída do céu; quanto aos seus antepassados, tinham talvez salpicado com seu sangue o carro de Djaggernat. Ele, por seu lado, aproveitava todas as ocasiões que lhe deixava Holroyd de tocar e de manipular aquele enorme dinamo que o fascinava. Ele esfregava-o e polia até que as partes metálicas ficassem reluzentes ao sol. Sentia que, em conservá-lo, cumpria uma espécie de dever misterioso. Aproximava-se e tocava de leve sobre as bobinas em marcha. Destarte renegava os deuses que havia adorado outrora! Chegava a crer que a gente de Londres tinha os seus escondidos.

Com o correr do tempo, os seus sentimentos foram-se tornando mais nítidos, tomaram forma de idéias, inspiraram-lhe atos. Uma bela manhã, ao entrar no hangar cheio de rumor, ele se prostrou diante do Rei dos Dinamos; depois, quando Holroyd se ausentou, foi dizer em segredo à máquina barulhenta que ele era seu escravo.

— Tem piedade de mim! Salva-me das mãos de Holroyd!

No mesmo instante, aconteceu que um ralo de luz penetrou pelo respiradouro aberto do hangar fragoroso: o Rei, que girava com um rumor de trovão, resplandeceu em uma auréola de ouro pálido; Azuma-Zi conheceu que o seu culto era agradável à deusa. Desde então, ele não se sentiu mais tão isolado como antes; e, aliás, ele se havia sentido bem só em Londres... Mesmo quando terminava o seu tempo de trabalho, o que não acontecia muito a miúdo, ele vinha vaguear pelo hangar.

Quando, daí a pouco, Holroyd o maltratava, ele ia ter logo onde estava o Rei dos Dinamos e murmurava-lhe:

— Estás vendo, ó deus!
Um ronco enfurecido da máquina parecia responder-lhe. A partir desse momento, ele teve a impressão de que,

a cada entrada de Holroyd no hangar, a voz do dinamo tomava outro timbre.

— O deus está esperando a hora, dizia de si para si Azuma-Zi. A iniquidade do insensato ainda não atingiu o seu termo.

Ele aguardou pacientemente a hora do julgamento. Certo dia, verificou-se um curto-circuito: Holroyd, no decurso das pesquisas — isto se passava em uma tarde, — recebeu, por imprudência, um choque bastante considerável. De detrás da máquina, Azuma-Zi viu-o dar um salto e praguejar contra a bobina culpada.

— Ei-lo avisado, pensou ele. Na verdade, o deus é muito indulgente!

Desde o princípio, Holroyd havia dado ao "seu negro", sobre o funcionamento do dinamo, as noções elementares que deviam permitir-lhes substituí-lo de momento na vigilância da sala das máquinas. Quando notou o modo como Azuma-Zi girava em redor da máquina, tornou-se desconfiado; ocorreu-lhe ao espírito uma idéia vaga de que o outro ruminava qualquer coisa. Então, censurando-lhe o ter engraxado as bobinas com um óleo que em certo lugar havia corrido o verniz, ele decretou o seguinte, — e a ordem foi dada em uma vozinha que dominava o tumulto das máquinas:

— Se te aproximares alguma vez do dinamo grande, Pooh-Bah, tens que te haver comigo!

Demais, o simples fato de Azuma-Zi gostar de estar perto da máquina era um motivo suficiente para que dela o afastassem.

Azuma-Zi obedeceu momentaneamente; mas, dentro em pouco, surpreenderam-no de novo a prostrar-se diante do deus Dinamo. Desta vez Holroyd torceu-lhe o braço e, como lhe fizesse uma volta para se afastar, deu-lhe um pontapé. Daí a pouco, quando Azuma-Zi se achava em pé atrás da máquina, considerando de costas aquele a quem odiava, o ruído das rodas tomou um ritmo novo e pareceu proferir quatro palavras da sua língua materna.

Quando lhe passou pela mente a idéia de imolar Holroyd no altar do seu deus, essa idéia encheu-o de uma confusão extraordinária e de uma grande exaltação.

... Nessa noite, achavam-se os dois homens sós no hangar, não tendo por companhia senão as suas duas silhuetas negras. O hangar era iluminado por uma enorme lampada de arco, cuja luz bruxoante e trêmula, despidia reflexos purpúreos. Os dinamos projetavam sombras negras; os reguladores giravam, ora iluminados, ora na escuridão; os pistões davam pancadas surdas e regulares. O mundo exterior, avistado pela extremidade aberta do hangar, parecia espantosamente vago e afastado. O silêncio parecia completo, porquanto o estrondo das máquinas abafava todos os ruídos de fora. Ao longe, entrevia-se a palissada negra do pátio, atrás da qual desenhavam-se alguns vultos de casas; lá no alto, aparecia o céu de um azul profundo semeado de pequenas estrelas desmaiadas. Súbito, Azuma-Zi atravessou o meio do hangar por cima do qual passavam as correias de couro e prostrou-se na sombra, perto da máquina grande. Holroyd ouviu o estalido de uma lingueta; o movimento do aparelho mudou.

Que fazes aí, com esta alavanca? bradou ele, surpreendido. Eu já não te disse...

Então notou a expressão fixa dos olhos de Azuma-Zi, que saía da sombra e vinha em direcção a ele. Um momento mais e os dois homens agarravam-se corpo a corpo com furor, diante do grande dinamo.

(Continua na pág. 53)

Livros

NOVOS

por JOÃO LUSO

ALUCINAÇÃO, romance de Antônio Tibiriçá — Empresa Editora Universal — São Paulo, 1946.

Sem dúvida o Sr. Antônio Tibiriçá ficou satisfeito com o êxito do seu primeiro romance, pois que, em *Alucinação*, volta ao mesmo gênero de assunto e aos mesmos processos de exposição, convictamente e com uma espécie de altivez bem rara nos romancistas, nos escritores em geral. Como da outra vez nos declara agora não ter tido "a mínima pretensão de produzir uma obra literária". Assim é próprio se coloca, como Anatole France situou Georges Ohnet, fora da literatura. O que realmente visou foi um romance que agradasse e divertisse pela "movimentação das cenas"; calcadas estas no "realismo que a experiência da vida nos ensina". Para isso, partiu de um motivo logo, em si mesmo, de prender os leitores amigos de enredos palpitantes e audazes, servidos por um estilo como este, ao qual o autor, para bem lhe manter a feição "realista", sacrificou "às vezes, até a concordância gramatical".

Trata-se, para começar, de uma bela moça chamada Celina, recentemente saída do colégio e com as mais declaradas tendências para fazer na vida o contrário de tudo o que lá lhe ensinaram. Não lhe é, porém, fácil dar largas aos impulsos de emancipação moral... e material. A mãe, senhora notoriamente virtuosa, e o pai, este principalmente, com a rigidez dos seus princípios e a inquebrantável tempera do seu caráter, a cada momento fiscalizam e refreiam a menina, não a deixando, como se costuma dizer, pôr pé em ramo verde. Já ela está apaixonada ao extremo por um patifório que, a pretexto de formado em medicina, vive à custa de uma pobre criatura, a quem, quando julga necessário, espanca metódicamente. E então que faz Celina? Não segue simplesmente o exemplo daquela heroína de Artur Azevedo:

Alucinação

ROMANCE REALISTA DE
ANTÔNIO TIBIRIÇÁ

ODIVALDO VIANNA

PÁG. 21

Paraná, Tago — São e São Paulo

O tipo da donzela brasileira

Que ama Fulano e casa com Sicrano.

Vai praticamente mais longe. Consente em casar com Sicrano — ricoço ingênuo em amores mas hábil em negócios — para, no dia seguinte, correr, de automóvel, aos braços de Fulano, o médico nas horas vagas e nas outras irulão. Há cenas terríveis entre as duas rivais que, realmente, têm iguais direitos, porque ambas amam e, directa ou indirectamente, pagam. Fulano casa por sua vez com a herdeira única de uns judeus abastíssimos e Celina despenha-se na libertinagem. De vez em quando, encontram-se e recomçam. Finalmente, ele pela viuvez e ela pela separação amigável, ficam ambos livres... para se casarem no Uruguai. E os pais de Celina já se não opõem a coisa alguma, por ter ela verificado que, sob o disfarce da austeridade e do pudor, eram ambos depravadíssimos.

Toda essa ignomínia, porém, tem o seu termo, para lhe suceder a mais nobre das afeições. Desencadeia-se a guerra; Fulano vai, como médico, para as trincheiras da Itália, onde Celina servirá como enfermeira. Terminado o conflito, dão um passeio pela Europa, outro, pelos Estados Unidos, depois do que voltam a São Paulo, felicíssimos. E talvez se possa aplicar ainda a este caso o preceito clássico: *Tout est bien qui finit bien*.

ANFITEATRO AMAZÔNICO, de Raimundo Moraes — Edições Melhoramentos — São Paulo, 1946.

Ninguém deixa de respeitar a profusa sabedoria e a definitiva autoridade do Sr. Raimundo Moraes em relação a condições, aspectos, quaesquer questões ou assuntos que se prendam à região amazônica.

São terras imensas, que ele percorreu, por assim dizer, palmo a palmo, não apenas como turista, colecionador de lugares, distâncias e horários, ou artista, amante de panoramas, contemplador apaixonado das opulências e graças da natureza — mas, em verdade, como aquele que tudo quer estudar, compreender e ficar conhecendo. O sistema de certezas de noções em geral que o autor do *Anfiteatro amazônico* andou colhendo por aquelas paragens — e também nas obras de alguns viajantes ilustres e sapientes escritores que o precederam — põe-lhe diante dos olhos o mapa completo da zona gigantesca. Diz-lhe de momento e sem hesitação os variantes de perspectiva e de colorido; as gradações da luz e a densidade das sombras; as cambiantes de clima, quando a vegetação se altera ou se estabelecem as correntes da variação; a ameaça das téras e a música das aves; e por toda a parte a exalação, o cheiro, a alma, a essência mesma do torrão. Ainda quando discute problemas de ordem exclusivamente científica — e alguns até agora mal enfrentados ou falsamente resolvidos — o Sr. Raimundo Moraes, mantém os profanos em tais matérias presos por um interesse moral, sentimental que se não fatiga nunca.

E' que a leitura destes capítulos nos transporta para cada ambiente e nos faz respirar uma espécie de amor às coisas narradas ou controvertidas. Leva-nos à presença dos elementos naturais que deram inspiração ou servem de objecto à sua doutrina; e breve sentimos que tudo aquilo é também um tanto nossos e da decisão das causas que lhe dizem respeito alguma coisa depende do nosso próprio destino. Na sua função de mestre, o Sr. Raimundo Moraes se torna o mais generoso, mais afectuoso dos companheiros.

Com os outros peritos ou entendidos é que, por vezes, assumem atitudes desassombradas até ao quinau e à palmatória. Assim quando nos revela, em obediência à verdade adquirida; que Euclides da Cunha julgou erradamente; e quando, mais adiante, nos fala, com duro desdém, dos "erros literários nas empenhadas narrativas dos eleitos do Senhor..." Pelo livro fora, não faltam as passagens em que ele desfaz enganos ou condena provas de ignorância. No capítulo *Tabús amazônicos* vem a origem e a explicação da persistência, ainda hoje, de tendências absurdas e mais ou menos monstruosas abusões. E depois de *O rio das seis mil milhas*, o *Rio caluniado* constitui, de algum modo, a psicologia sucedendo à imagem, tudo impregnado de saber e irradiando poesia.

Quem realmente não querará ir ao Amazonas, e lá, voltar de vez em quando, em companhia do Sr. Raimundo Moraes?

SINFONIA NEGRA, histórias e fantasias de Américo Facó — Livraria Editora Zélio Valverde S/A. — Rio de Janeiro. — 1946.

O primeiro trabalho do livro é uma "estilização" do velho conto de laireira sobre o princípio do mundo, com a explicação do motivo por que desde logo houve duas raças: a branca e a negra. Foi Deus que criou a primeira; e o Diabo, com a sua inferioridade imitadora, só conseguiu engendrar a segunda. Naturalmente, bem diversa foi a noção "política" adaptada pelos negros. Também os amarelos criaram a sua e, diga-se a verdade, além de mais pitoresca, bem mais lógica do que a dos nossos narradores de ao pé do fogo: Para dar homens ao mundo que acabava de tirar do nada, modelou Deus, em barro, três figuras que em seguida levou ao forno, a fim de receberem a competente cozedura. Tratou então de verificar qual o tempo exato da operação, para a obra sair a melhor possível. Tirou a primeira figura que ainda não estava no ponto e por isso ficou pálida, desmaiada: a chamada raça branca; a segunda, com mais algum demora ao calor, assumiu a consistência e o tom perfeitos: a raça amarela; a terceira, que permaneceu demasiadamente lá dentro, veio esturrada, carbonizada: a raça negra. O Sr. Américo Facó imprimiu a história sem autor, que se tornou de toda a gente, de toda a nossa gente, variantes de fabulação e predicados de estilo que a tornaram legitimamente sua. E essas primeiras páginas constituem um dos encantos do livro.

Todo o livro é encantador. Converte em beleza e graça os episódios mais singelos ou rasteiros e também os mais solenes ou trágicos. Casos de senzala e de lido, de terreiro e de tronco... Alguns, se expostos de outra maneira, nos encheriam de ódio, e revolta, nos levariam a uma dolorosa piedade, nos fariam, pelo corpo os arrepios das súbitas, surpreendentes comoções... Como vemos nestas páginas, com a sua formosura e o seu espírito, generosamente nos enternecem. Às vezes, dão a impressão de serem realmente contados por qualquer preto de enxada ou qualquer preta de cozinha — que fosse privilegiadamente, artista. E uma nota domina em quase todas as cenas, sejam de tragédia ou de farsa: o amor. Como as negras amam, ou se fazem amar, ou aceitam servilmente o amor, ou por ele se sacrificam e até morrem... O Sr. Facó percorreu toda a psicologia e em especial o sentimentalismo da espécie. E duas vezes, de tão sensibilizado tão enternecido fez versos. De uma dessas poesias, *Mãe Preta*, com singular e precioso jogo de rimas ou consonâncias, reproduzimos as últimas estrofes:

*Era dele, por ele, o teu cuidado,
Era só dele o atento pensamento,
Os sorrisos, os risos de alegrias,
Os íntimos receios, os enleios,
Ou as penas apenas disfarçadas...*

*Onde agora a memória desse tempo?
Onde um traço no espaço percorrido?
Nada sabe o presente indiferente:
Perdeu-se a mocidade na saudade,
E a vida fez-se lento desalento.*

*Triste saudade, soledade da alma,
Vã miragem de imagens enganosas,
Ermão sem termo de íntimas distâncias,
Tanto insiste a alma triste por fugir-lhe
Quanto arde por, achá-la em toda parte!*

*Velhinha, tão sózinha, que te resta?
Que pode o fido coração ferido?
Deu-se, perdeu-se todo o teu carinho!
É tu mesma, que o deste, não soubeste
Que isso foi bem roubado, não bem dado...*

*Ou talvez não: amor dá-se por dar-se.
A mãe que ao filho afaga a si se paga
Da ternura e doçura de fazê-lo:
Se mais amor houvera mais lhe dera,
E mais quisesse tê-lo para dar-lhe.*

RECEBEMOS:

Boletim de Belas Artes, n.º 25, correspondente a janeiro deste ano, o qual oferece, além de reproduções de quadros célebres, ensaios críticos assinados por Carlos da Silva Araújo e Carlos Rubens e uma entrevista com o artista cantor Corbiniano, Villaca a propósito do recente falecimento, em Paris, do famoso desenhista de Montmartre Poulbot.

Do Ministério de Informação da República Francesa, Escritório Central para a América do Sul, os seguintes opúsculos:

A educação popular na França.

A reforma do ensino na França.

O ensino médico na França.

A França espera uma nova constituição.



Suntuoso modelo para jantar, apresentado por Loretta Young, da Paramount. É de jersey branco, com faixas "drapê" na blusa. Cintura drapeada, saia com pregas soltas. Ao redor do decote e nas mangas, rico bordado de ouro, pedras e pérolas.

QUEIXAM-SE as moças de hoje de que os homens são pouco românticos, da falta de poesia no amor, do desinteresse que muitas vezes eles demonstram por elas, sem, no entanto, reconhecerem que a causa de tudo isso está nelas mesmas.

É sabido que o homem sempre gostou de conquistar. Seu temperamento exige que lute para obter aquilo que deseja; e, humano como é, a "presa" deixa de lhe interessar quando vem facilmente ao seu encontro. A mulher de hoje tirou ao homem o sabor da conquista. É ela quem toma a iniciativa, é ela quem acaba por fazer a conquista.

Ora, um homem conquistado nunca será um conquistador. Não há nele aquele orgulho, aquela vaidade de ter conseguido com sua inteligência e astúcia, demolir as muralhas que o separavam do seu objetivo. Não sente a mesma satisfação que poderia sentir se tivesse saído venci-

dor numa batalha árdua e difícil. A sua vitória é a derrota da sua força, do seu domínio, e essa vitória ele detesta.

Vem daí a falta de romance e de entusiasmo, o "esfriar" rápido de um amor...

Nesse ponto estão, portanto, inteiramente erradas as pequenas modernas que julgam estar sendo francas quando dizem ao rapaz que vêm pela primeira vez: "gosto de ti".

Interpretam mal a expressão "franqueza" e se expõem a serem mal interpretadas...

Seria muito melhor para vocês (não me digam "isso era

naquele tempo"), se se tornassem menos "agressivas", que aguardassem pacientemente o momento em que "ele" se declarasse...

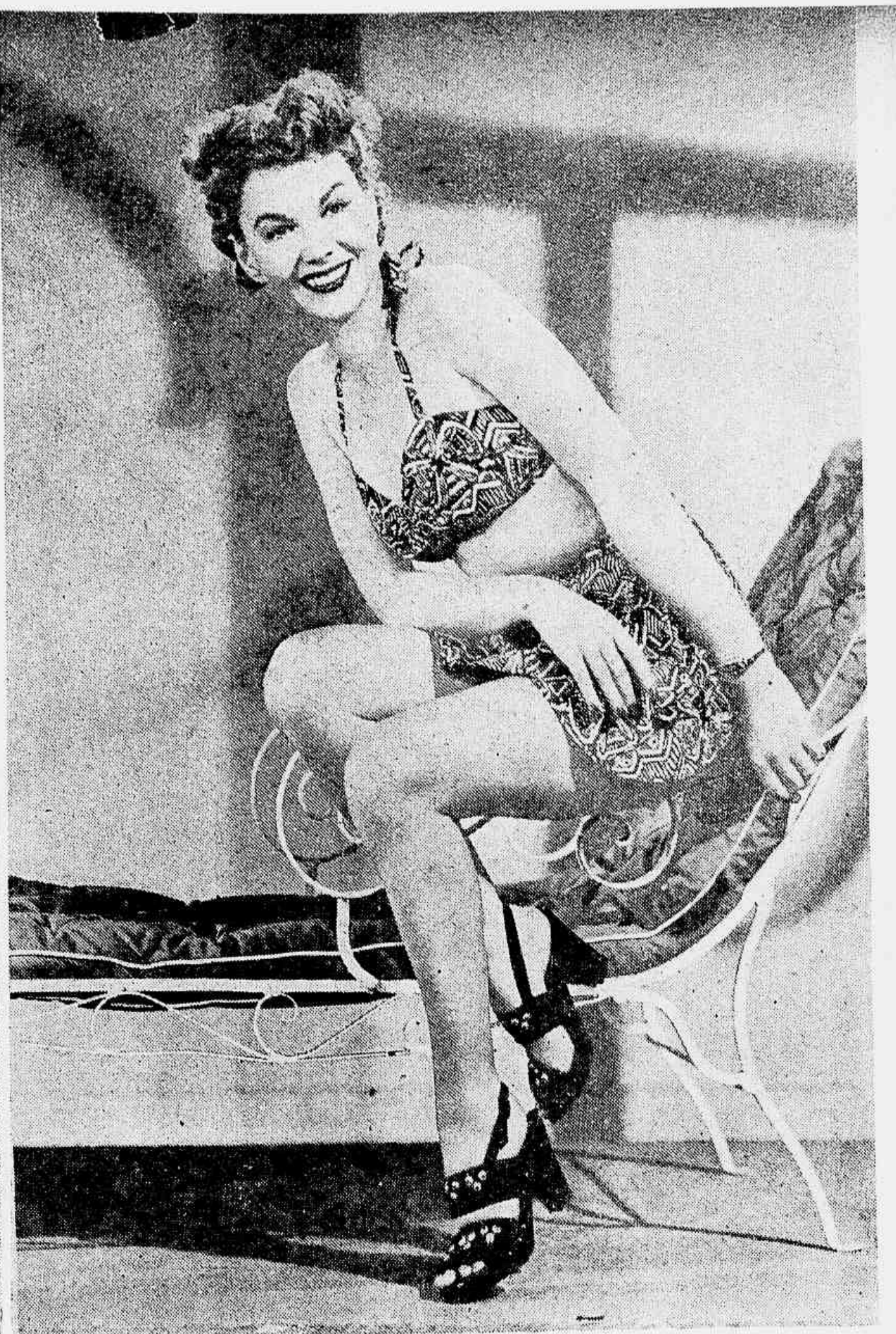
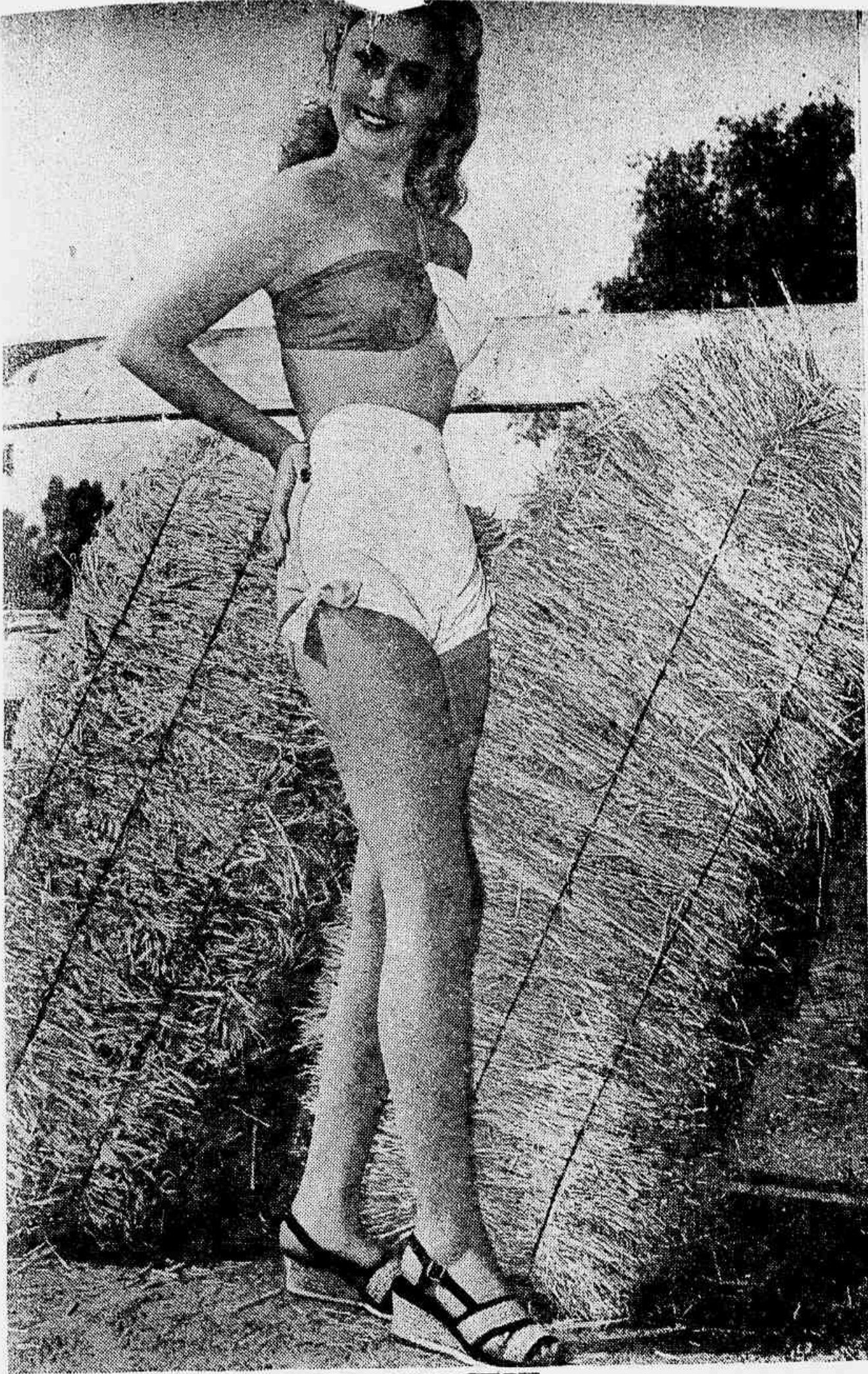
Que sorrissem misteriosamente quando "ele" procurasse conhecer os seus sentimentos... Que se mostrassem reservadas e discretas nas suas expansões...

E então, à medida que se fossem conhecendo melhor, quando você tivesse a certeza dos sentimentos e da sinceridade mútuas, aí então você poderia dizer: "sim, eu gosto de ti"...

KITTY

NOS BASTIDORES FEMININOS





PODE o gabinete de meteorologia informar que a temperatura vai descer; pode até nevar, mas nós continuamos a afirmar que vai fazer calor, muito calor!... Basta olharmos para estas beldades que aqui se encontram... Na página à esquerda: Esta pequena "atômica" é Myrna Dell, da RKO. Seu "duas-pecas" é de "piqué" lustrado branco e verde. E continua subindo... Esta é Jane Frazee, também da Republic num "duas-pecas" de linho estampado, de inspiração azteca. Ao alto à esquerda, Adele Mara é uma das "sensações" da Republic. Aqui a vemos num "maillot" de duas peças e duas cores, que realça ainda mais a sensacional plástica de Miss Mara. Quanto ao "maillot", é de jersey branco e verde. Tem lacinhos, franzidinhos, etc... Em baixo: — Agora Adele Mara nos convida a uma partida de dados... Aceitamos, ou não?

QUE CALOR!





O S modelos para a noite são sempre muito bem recebidos pelas nossas leitoras, principalmente quando são atraentes como os que aqui apresentamos. Da esquerda para a direita: Em jersey vermelho é executado este encantador modelo que Catherine McLeod, da Republic, veste. A blusa é decotada sobre os ombros, com franzidos. Saia "godet" com pregas soltas. Sobre a faixa que liga a saia à blusa, cinto dourado com me-

QUATRO MODELOS



dalhões. Muito "chic" este modelo de crepe de seda branco com transpasse na blusa e pano caindo em cascata no lado esquerdo. Cinto de metal dourado. Usa-o Catherine McLeod. Também de muita elegância é este pjama próprio para receber em casa, de seda preta com cinto de cores vivas. Sugestão de Jane Frzee, da Republic. Finalmente, Francis Gifford, num elegantíssimo modelo em seda negra com brocados em ouro e pedrarias.

PARA A NOITE





PARA MANHÃ

A esquerda: "Tailleur" de linho branco com bolsos duplos e saia com "machos" laterais. Blusa havaiana. Criação de André Lou. A direita: "Duas-peças" em seda estampada. Mangas "presunto", bolsos drapeados. Gola de "piqué" branco. Saia com um grupo de pregas no lado esquerdo. Criação de Charmy.



RENÉE PATTON



JEAN FARELL

À esquerda : Em seda cinza é executado modelo de Renée Patton. Blusão com pala recortada. Bolsos aplicados sob a cintura. Saia com pregas de um só lado. À direita : "Tailleur" de linho havana, de Jean Farrell. Observem a originalidade dos bolsos. O casaco fecha com seis botões. Saia com machos na frente.

PARA A TARDE



DOIS CHAPEÓS DE JANIS CARTER

COMBINAR o chapéu com o penteado, é uma arte que requer muito talento. E é também o sonho de todas as mulheres elegantes. A elas, Janis Carter, "estrelinha" da Colúmbia oferece estas duas sugestões. Ao alto: — Cabelo para cima com "cachinhos" no alto da cabeça. Combinando com o penteado, "turbant" de veludo preto com penas de galo. Em baixo: Com esse interessante penteado, Miss Carter usa um "breton" de jersey cinzento com fita de "gros-grain" marinho.



OS ALTO FALANTES DA AVENIDA

A contribuição da Prefeitura do Distrito Federal para os festejos carnavalescos deste ano foi de uma pobreza franciscana. A iluminação "extraordinária" da Avenida esteve digna das batalhas de confeti suburbanas. Os painéis colocados nos postes de iluminação compareceram como um atestado flagrante de mau gosto. O que nos levou, porém, a tecer estes comentários foi o serviço de alto falantes, instalado em todo o percurso da Avenida Rio Branco. Se ele, ao menos, se limitasse a transmitir ao público as recomendações da polícia para conter os excessos dos carnavalescos, os casos de extravio de crianças, os locais onde se poderia contar com um posto de assistência médica ou, ainda, as acertadíssimas previsões do tempo do nosso irrepreensível Serviço de Meteorologia, nada teríamos a observar. Mas, é que ele enveredou, também, pelo terreno das irradiações das músicas do repertório carnavalesco e, justamente a maneira como isso foi feito é que merece uma censura de nossa parte. Além de não transmitir as músicas que, a essa altura, já haviam sido eleitas pelo povo contribuindo, dessa forma, para irritar os ouvidos de quem ali se encontrasse nos raros períodos de estageme, essa forma de propaganda servia, apenas, para atrapalhar as melodias cantadas pelos integrantes dos cordões e blocos que por ali desfilavam. E o mais grave de tudo é que se via a boca pequena que esse serviço oficial estava sob o controle de uma empresa particular que, por sinal, era a única interessada em impor de qualquer forma a irradiação do seu vastíssimo repertório de... insucessos.

F. CORRÊA DA SILVA

CHIKUITA BANANA

(THE BANANA SONG)

Fox de Lew Mackenzie, Garth Montgomery e William Wirges.

I'm Chiquita Banana and I've come to say,
I come from little island down equator way;
I sail on big banana boat from Caribee,
To see if I can help good neighbor police;
I bring a song about bananas,
I sing it low, I sing it hi-yie;
I make big hit with 'Mericanos,
Singing song about bananas.
I could sing about the moonlight,
On the ve-y very tropical equator;
But no, I sing about bananas
And the refrigerator.

DON'T FENCE ME IN

Fox de Cole Porter

Oh, give me land, lots of land under
starry skies above.
Don't fence me in
Let me ride thru the wide open
country that I love.
Don't fence me in
Let me be by myself in the evening
breeze,
Listen go the murmur of the cotton-
wood tree,
Send me off forever, but I ask you
please.
Don't fence me in.
Just turn me loose, let me straddle
my old saddle
Underneath the western skies.
On my cayuse, let me wander over
yonder
Till I see the mountain rise.
I want to ride to the ridge where the
West commences,
Gaze at the moon till I lose my senses,
Can't look at hobbies and I can't
stand fences,
Don't fence me in.

THE MAN I LOVE

(Do filme da Warner Bros "The Man I Love")
Fox de George Gershwin e Ira Gers-
win.

Someday he'll come along, the man I
love;
And he'll be big and strong, the man
I love;

And when he comes my way,
I'll do my best to make him stay.
Maybe I shall meet him Sunday,
Maybe Monday maybe not;
Still I'm sure to meet him one day,
Maybe Tuesday will be my good news
day.

He'll build a little home, just meant
for two,
From which I'll never roam, who
would, would you?
And so all else above,
I'm waiting for the man I love.

BUENAS NOCHES, MI AMOR

Cancion-blue de Gabriel Ruiz

Buenas noches mi amor,
me despierto de ti
que en el sueño tu piensas
que estás cerca de mí.
Buenas noches mi amor,
me despierto de ti
que en el sueño tu piensas
que estás cerca de mí.

Ya mañana en la cita
te hablaré de mi amor
y a somedo a tu mirar
serás mi bien la vida mía.

Buenas noches mi amor,
me despierto de ti
que al mirarnos mañana
me quieras mucho más.

"NA HORA DA AVE-MARIA"

Samba de Paquito e
Luiz Soberano

Eu vou partir
Na hora sublime da Ave-Maria
Venho me despedir
Seguarei com o morrer do dia
Som os olhos razos da lua
E o coração cheio de mágoa
Eu lhe digo adeus
Para sempre adeus

CORO: — Adeus, adeus, adeus
O' linda imagem dos olhos
meus

Num deserto
Meus dias findarei
Só assim eu lhe esquecerei
Você não me ama
Você não me adora
Por isso minha alma sentida
Reclama, lamenta e chora,
ADEUS, ADEUS, ADEUS
O' LINDA IMAGEM DOS OLHOS MEUS.



PARA todos os tipos e para todas as horas, estas belezas da "Republic" oferecem novas sugestões de penteados. Ao alto à esquerda: Para começar temos Stephanie Bacheler, com um penteado próprio para rostos ovais. O cabelo é levantado dos lados, com onda sobre a testa e "pagem" atrás. À direita: Para

NOVOS PENTEADOS

um rosto triangular, Janet Martin sugere este penteado para a noite que lembra as figuras antigas. Uma fita "chamalote" é enrolada

juntamente com o cabelo formando corôa. Em baixo à esquerda: para os rostos mais jovens, Adrian Booth sugere ondas profundas sobre a testa e cabelo solto atrás. À direita: Novamente Janet Martin, agora num penteado para o alto com "boucles" de tamanhos diferentes e grande onda sobre a testa.



AS "inprimés" dão sempre um aspecto mais alegre à mulher. No verão, principalmente, ele desempenha papel importante, dando mais vida e jovialidade à silhueta feminina. Aqui vocês encontrarão alguns deliciosos modelos que nos vêm diretamente de Paris: Este modelo de Agnès Drécol tem drapeados na blusa e pregas na saia. É sem mangas, com uma pequena capa sobre os ombros. Em dois tons do mesmo tecido é executado este modelo de Martial et Armand. Saia franzida. Em estampado branco e vermelho é este modelo de Catherine Parel. A blusa tem grande decto e drapeados ajustados na frente. Saia também drapeada dando a idéia de avental.



MODELOS
para
TARDE

**ÊLE ERA UM PIANISTA
BÊBADO QUE ENLOUQUE-
CIA AS MULHERES!**



Dan DURYEA June VINCENT

Peter LORRE

em



"ANJO DIABÓLICO"

**Black
Angel**

com **BRODERICK CRAWFORD**
CONSTANCE DOWLING WALLACE FORD
HOBERT CAVANAUGH FREDDIE STEEL

Direção de
ROY WILLIAM NEILL

Produção de
TOM MCKNIGHT e ROY WILLIAM NEILL

**O QUE VEEM AS MULHE-
RES NUM TIPO ASSIM?
NUNCA SABEREMOS...
PORQUE NENHUMA
CONFESSARÁ!**

Nem se pergunta*



só uso Kolynos!

diz
Ann Rutherford

famosa estrela de Samuel Goldwin
que aparece em "A VIDA SECRETA DE WALTER MITTY"

Por que? Porque sabe que o sorriso radiante é chave que abre todas as portas... Um centímetro apenas deste agradável creme dental concentrado se transforma em uma abundante e ativa espuma que deixa os dentes limpos e brilhantes, a boca toda deliciosamente fresca e perfumada. As mulheres mais atraentes do mundo sabem que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia

K-405-PH

McConn

TENTAÇÃO

(Continuação da pág. 29)

sem despregar a boca do canudo. Com efeito, fazia um calor! Augusto desejou também uma laranjada: com muito, com muito gelo, recomendou.

Aflitivo. Parecia que Bárbara, apesar de brasileira, desdenhava do país. Ele não poderia amar uma mulher que desdenhasse do seu país.

De repente, Augusto tomou a resolução de romper com o feitiço; puxou da carteira um retrato e estendeu-o:

— Minha noiva.

Bárbara exclamou com candura:

— Que moreninha simpática!

Augusto baixou a cabeça para não ver mais os olhos cinzentos de Bárbara, em que uma luz verde e remota parecia zombar de sua pessoa simples.

Felizmente, o Rio estava próximo. Voltaram para o carro-salão. O tio de Bárbara continuava lendo o jornal.

A despedida, no cais, foi rápida e decisiva.

— Bárbara! Eu adoro-a!

— "Don't be silly!"

— Preciso encontrá-la de novo.

— Então venha me ver em casa. "By by!"

★

Telefonaria à noiva?

Andou até tarde, naquela noite, pelas ruas cariocas. Telefonar à noiva parecia-lhe renunciar ao maravilhoso e ao imprevisto.

Curiosa, aquela Bárbara Gray. Devia ser uma mulher absorvente. Que flúido!

Agitavam-se nele extraordinários impulsos para romper com a vida regular. Tomar um vapor e sumir na Argentina. Seria estupendo ser desgraçado em Buenos Aires, por paixão, pela sobrinha do inglês. Fantasias: a sobrinha do inglês morava ali mesmo. A ser desgraçado, valia mais a pena ser desgraçado no próprio país. Não era preciso a evasão. Mas se ela voltasse a Londres, por exemplo? Soho Square! Árvores tristes; fachadas escuras, confidenciais. Greek Street! Pequenas luzes à porta dos restaurantes chineses e italianos. "O senhor conhece Londres? É um mundo!" Naturalmente, um mundo. Trafalgar Square e a multidão, como um grande rio despejado num vasto delta, rolando para Fall Mall, o Strand, Charing Cross! Claro, ele conhecia Londres no cinema. Mas, que importava o conhecimento das metrópoles européias? Para ser feliz (até mesmo para ser um homem célebre), não era necessário sair de um burgo insignificante: Julio Verne fora sempre um provinciano.

Telefonaria à noiva?

Agitava-se nele um demônio inquieto insinuando a sedução da cidade, com seu mar, suas montanhas, sua noite excitante: cheiro violento das praias, aceno de vapores que passam no horizonte. Tudo na sua vida agora parecia mesquinho: Baependi, e o fóro, e a Câmara Municipal, e as festas na matriz, e os sobrados patriarcais em que as moças depois do jantar, esperam a passagem do juiz para dizer com romantismo: "Boa tarde!" Antes romper com tudo e arriscar. Arriscar uma bela vida aventureira. no tombadilho de um barco, descobrindo oceanos, desembarcando em cais estrangeiros, amando mulheres de diferentes nacionalidades (a filha de um domador de feras? a mulher de um fabricante de porcelanas, a viúva de um general que se suicidou depois de uma batalha perdida), endividando-se, complicando-se, rebandando, até pedir um dia a repatriação num consulado longínquo, e gastando o dinheiro do socorro pátrio, e acabando num hospital da cidade portuária, saudoso tristíssimo, angélico, arrependido!

Era isso: não podia beber mais de dois visques. Que rua era aquela? Rua de Santa Luzia. Uma serenidade quente vinha do mar. O bafo do vento viciado

dava saudades das montanhas de Minas: honestas e frias. Duas negrinhas riam numa esquina, fazendo sinais aos autoônives (que passavam). A iluminação da cinelândia projetava no céu borrões ofuscantes de tinta amarela. Caminhou para o hotel como que suspenso em asas vaporosas: não podia beber mais de dois visques. Dava nisso... Dava nisso...

★

No dia seguinte, o inglês ficou indeciso quando viu no portão aquele rapaz alto e magro, que ele parecia ter encontrado num trem. Estava de cachimbo (naturalmente), a cuidar do jardim, empunhando uma ancinho minucioso. Bárbara veio correndo e simplificou tudo:

— Titio, é aquele moço de Barra do Pirai.

O inglês fez um sim com a cabeça e com o cachimbo; ficou fora, no jardim. Augusto penetrou acanhado no salão de damasco vermelho.

Sentou-se. Esteve um longo tempo imerso em reflexões, sem saber que dizer, que pedir.

Enfim, percebeu que tinha as mãos de Bárbara entre as suas. Desculpou-se, enterrou as mãos nos bolsos do paletó.

— Como vai sua noiva? perguntou ela imprevista.

Augusto ficou confuso. Confessou que ainda não telefonara: ela não sabia que ele já chegara ao Rio.

Ficaram em silêncio. Ouvia-se o rumor do ancinho raspando a terra dos gramados. Um bentevi retardatário pôs-se a piar no quintal vizinho.

Não compreendeu, de repente, porque é que tinha junto à sua aquela boca de lábios ansiosos, aquela pele queimada de sol, com reflexos alourados; as pintinhas das sardas também pediam beijos, uma por uma...

O bentevi piava, piava.

★

Augusto encerrou-se no hotel, à espera de Bárbara. Partiria com ela, não sabia para onde. Oferecera-lhe a sua vida, toda a sua vida.

Ao fim de dois dias ela telefonou, contente e irônica:

— Mas, fazer da sua vida o que? Se a gente fosse aceitar a vida de todos os homens sem juízo! "Don't be silly!" Venha me ver em casa, à mesma hora. "By by!"

★

— Como é? Você por aqui, Augusto?

— Ó, Costinha! Dê cá um abraço!

— Quando chegou?

— Cheguei há uns dias.

— Me disseram que você estava noivo?

— Quem é que disse?

— Não sei. Não me lembro.

Augusto sorriu esquivo. Costinha parecia exigir uma resposta precisa. Insistiu:

— Até creio que conheço a moça...

A filha do Serpa Rodrigues, não é? (Augusto fez que sim com a cabeça.) Mas onde é que você pescou essa noiva bonita e rica? Que homem de sorte!

Discreto, Augusto murmurou apenas:

— Conhecemo-nos em Caxambú.

— Pois felicito-o! exclamou Costinha, apertando Augusto em novo abraço. Minha mulher andou com ela no colégio. Moça distintíssima! Vamos tomar um café.

Costinha arrastou Augusto para o Café Vitória. Estava desejosíssimo de dar pormenores sobre a sua luta no Rio: uma verdadeira luta, sim! E os filhos nascendo, um cada ano. Estava agora com um escritório de publicidade. O Serpa Rodrigues era um camaradão. Arranjava-lhe sempre muitos anúncios — e bem pagos. Tipo generoso, aquele. Afinal de contas, quando a gente está na Faculdade de Direito, tem uma porção de sonhos, mas depois, na vida prática, vai verificando que as coisas não são como a gente quer. Tornara-se fatalista

Augusto acenou que não. Costinha reagiu, caloroso:

— Estou convencido! A vida é que leva a gente, não é a gente que leva a vida! Augusto sorriu com ceticismo: o bastante para Costinha exaltar-se mais. E inútil tentar me convencer do contrário! Um belo dia a gente se vê morando numa casinha da Estação de Marechal Hermes, com uma mulher feia, quatro filhos, seis meses de alugueis atrasados; como também pode amanhecer diretor de banco, instalado em Copacabana, com três automóveis. Não, Augusto: a gente não sabe nunca porque as coisas sucedem. Vamos todos aos trambolhões. Pois você pode lá encontrar explicação para o João Meira — o João Meira, aquele cretino, que acabou lente de direito civil no Pará e de repente, por um bamburrio, deram com ele como governador do Estado! O João Meira!...

Com efeito, Augusto achou um tanto absurdo que o João Meira, pouco inteligente, nada culto, fosse governador de Estado — e sobretudo lente de Direito Civil. Em todo caso, ele devia ter qualidades que não se revelaram senão mais tarde...

— Que qualidades? Soube deixar-se levar. Depois, casou-se com filha de político, pegou a ocasião por um fio de cabelo e zás. Eis aí!

— Mas você, Costinha: onde estão os seus versos? Você na Faculdade fazia tão belos sonetos!

— Sonetos? (Costinha arregalou os olhos escandalizados.) Olhe, no princípio do mês preciso de três contos para pagar uma promissória. Que é que adiantam os sonetos? Três contos, ouviu Augusto? Três contos! E fale-me em sonetos!

Augusto decidiu intervir na vida do colega com um conselho tímido:

— Fale uma coisa: não lhe diz nada fazer concurso para juiz em Minas?

Costinha bebeu um trago de café e curvou-se para Augusto, em confidência:

— Você sabe da minha vida particular? (Augusto fez que não; naturalmente que não.) Pois olhe, afundei aí num caso... Nem queira saber! Um caso de amor. (Fez uma pausa e concluiu, com amargura.) Dei uma cabeçada. Apaixonei-me por uma chilena. Levei o diabo!

Parou, bebeu mais um gole de café:

— Amor, Augusto, é isso. A gente mete os pés pelas mãos. E dizer-se que a minha Arminda é tão boa mulher! Mas, que quer você? Um belo dia enjoei da vida regular, de família, de tudo: e quando vi estava a bordo do "Asturias". O pior é que a chilena voltou e está agora nas minhas costas.

— Quer dizer que você tem duas mulheres?

Costinha disse que sim, erguendo os braços com desânimo.

— Portanto, Augusto, você compreenderá... Não posso deixar o Rio. Não venci na vida, mas tenho isto, pelo menos: o amor.

Augusto calculou que os três contos da promissória deviam ser para pagar o apartamento da chilena. Pobre vida... Que desorganização!

— Você sabe, Augusto, qual é a minha desgraça? (Augusto esperou a explicação.) Sabe? Não sabe? (Costinha fez sinal ao garçom para que lhe virasse outro café na xícara e concluiu:) O demônio do romantismo.

— Ah! exclamou Augusto, com um tom de reprovção na voz.

— Não me leve a mal a franqueza: mas vocês, os rapazes de espírito prático...

— Liga logo: os medíocres.

Costinha protestou: não! não era isso!

— ... eu digo apenas: os rapazes de espírito prático. Sim, vocês estão destinados a vencer na vida. Nunca são mordidos por esse demônio sarcástico e perverso, que na hora de assinar o contrato para um negócio, por exemplo, faz passar na frente da gente uma mulher de olhos verdes, pretos ou azuis. Lá se vai

contrato, negócio, tudo: e toca a correr atrás do maravilhoso!

— A chilena...

— Foi isso. Foi precisamente isso. Imagine você que eu ia ser nomeado para a Carteira Jurídica do Banco do Brasil. Um lugarão: quatro contos por mês. Pois não lhe conto nada. Um belo dia, encontro a chilena que saía do gabinete do diretor, o Mendes. Conheceu o Mendes? A chilena era dele. Não resisti: dei em cima. Foi a conta. O Mendes veio a saber da coisa e barrou-me a nomeação. Naturalmente!

Augusto sorriu com ironia:

— É a isso que você chama romantismo, Costinha?

— Chame como quiser, Augusto. O fato é que deve haver um demônio da fantasia que me tem atrapalhado a vida. Não importa. Tenho pelo menos a consolação de ver que os meus velhos amigos, como você, sabem triunfar. Olhe, o Serpa Rodrigues tem mais de três mil contos.

Diante do gesto de repulsa de Augusto, Costinha bateu-lhe nas costas, emendou-se:

— Sei. Conheço o seu caráter. Mas em todo caso, que diabo, quando uma moça além de bonita, pode trazer à gente uma situação estável e uma boa fortuna...

Augusto puxou do relógio: sete horas. Poderia telefonar a Madalena, dizer-lhe que havia chegado naquele dia. Com efeito! Estava perdendo a cabeça. Enxertar na sua vida aquele episódio passageiro, atribuir-lhe importância, esquecer a noiva, as coisas "práticas" como dizia o Costinha! Não se tratava de coisas "práticas", mas de bom senso, de juízo sólido.

— Olhe, Augusto, você sabe que o atual diretor do Banco do Brasil é íntimo do seu futuro sogro?

Augusto não sabia. Quem era o diretor?

— Um Espinola, de Sergipe. Manda um pedaço no Banco. O presidente faz o que ele quer. Se o Serpa Rodrigues tomar interesse, é tiro e queda: estou aqui, estou na Carteira Jurídica.

No Largo da Carioca os automóveis passavam buzinando, com uma velocidade imprudente. Garotos apregoavam os jornais da noite. Famílias apressadas corriam para tomar um bonde, com emburros e crianças. Boa cidade para viver bem, com calma, sem atribulações...

Costinha olhava fixo. Esperava uma resposta.

— Então? Você é capaz de me prestar esse serviço?

Augusto puxou outra vez o relógio: já o trem tinha chegado, ele podia fingir que acabava de desembarcar.

— Bom (tornou Costinha, vexado), não quero incomodá-lo. Se você não pode pedir...

Augusto levantou-se:

— Como não, Costinha! Para você, tudo!

Não havia de ser causa de uma moça leviana, como aquela Bárbara Gray, que ele demoliria o seu futuro. A vida era larga, fácil, opulenta: milhões de possibilidades andavam à flor da corrente. Levantou-se, agarrou Costinha pelo braço e caiu na rua. Para Costinha, tudo: os três contos, o pedido ao Serpa Rodrigues... tudo!

Sentiu um contentamento completo. Acabaria fazendo a vontade a Madalena: largava a magistratura em Minas e vinha para o Rio montar escritório de advogado. Seria uma pedra sólida no edifício da ordem pública. O futuro pertencia-lhe.

Costinha ficou muito admirado de ver que Augusto atravessava a rua de S. José aos pulinhos, como um menino que se diverte saltando poças da chuva num chão esburacado. Que demônio o teria mordido de repente?

★

Toda a finança do Rio de Janeiro desfilou pela casa de Serpa Rodrigues no dia do casamento de Madalena.

(Continua na pág. 51)

D'PREMIER' DOS VINHOS

Finco

PROPORCIONAM

PRAZER E SAUDE

OS TRADICIONAIS

VINHOS RAMOS-PINTO

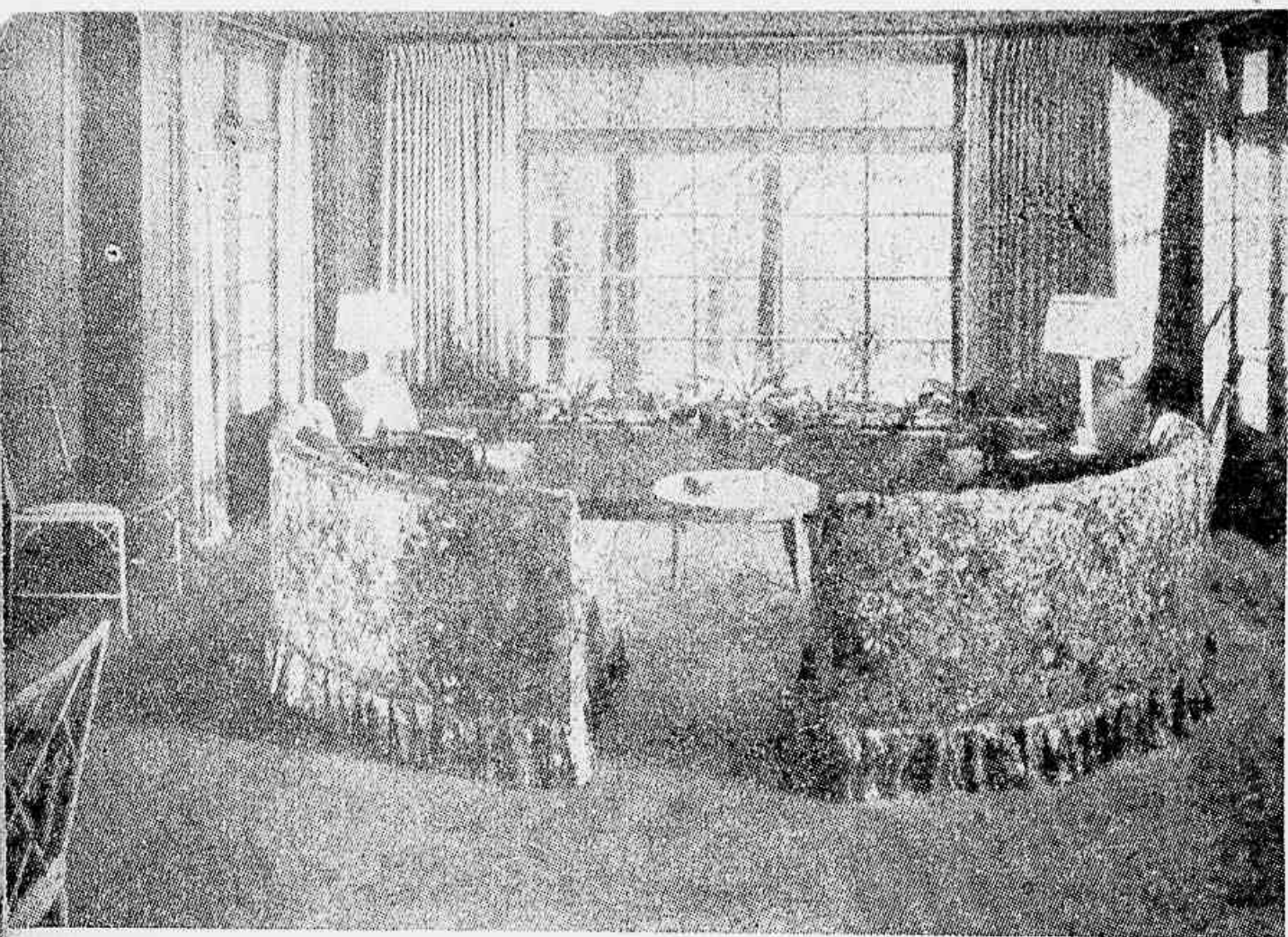
QUINADO MOS-PINTO

SEMPRE PREFERIDOS

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIA /**

**DÔRES /
de CABEÇA**

TRANSPIROL

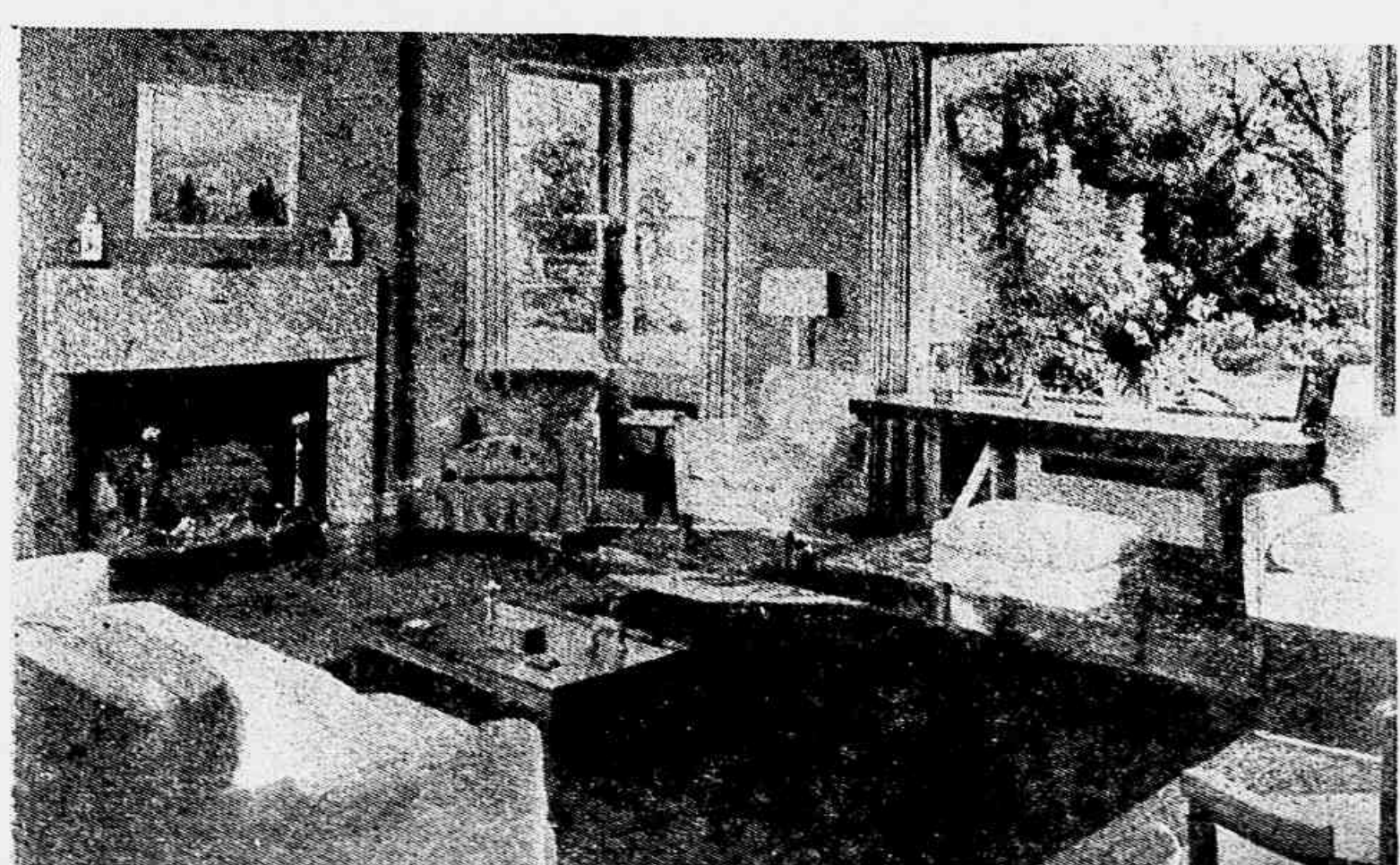
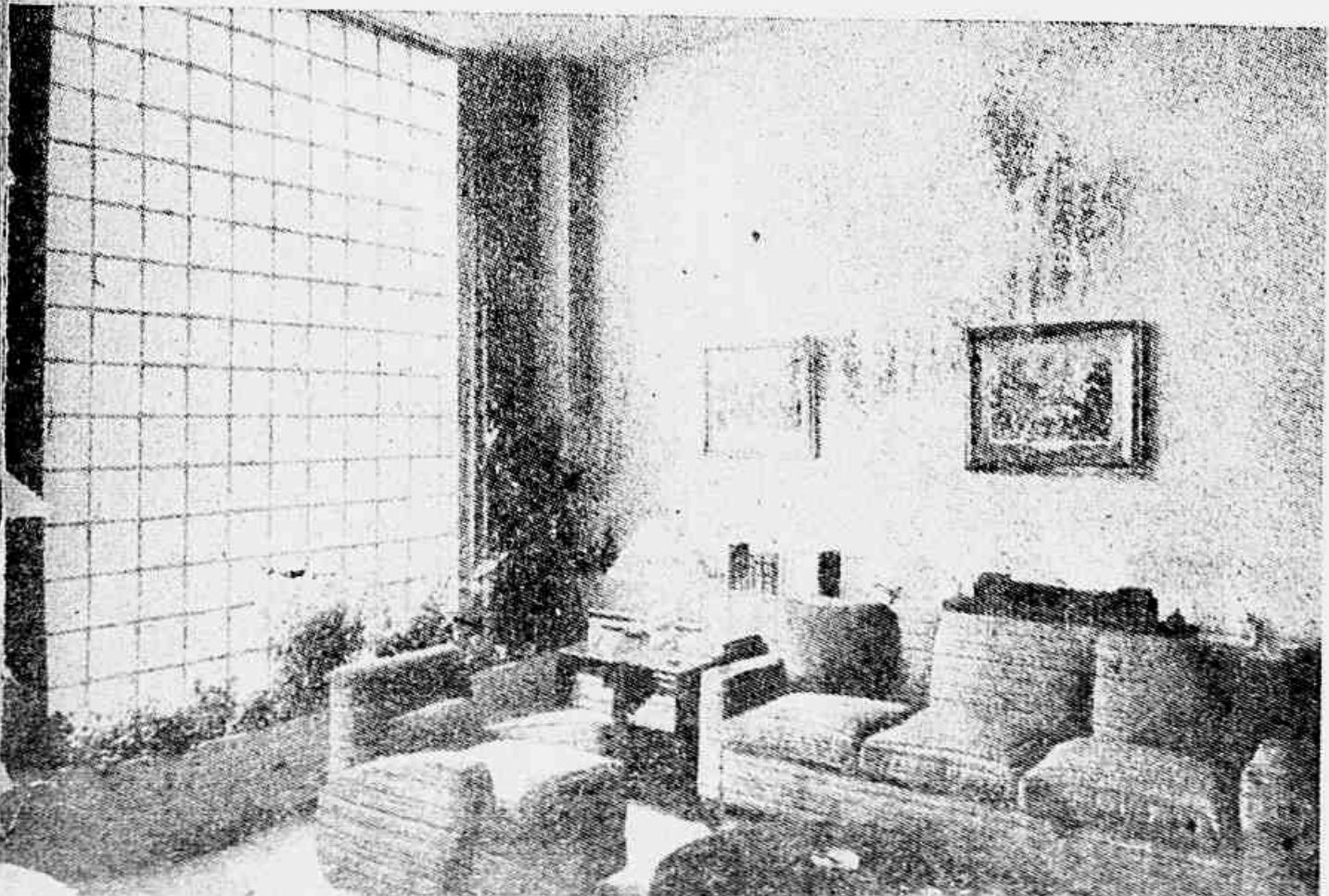


AMBIENTES MODERNOS

Os arquitetos e decoradores modernos, procuram aproveitar, o mais possível o espaço, a vista, a luz, etc. Fazem assim com que viver dentro de casa, não seja mais um sacrifício e sim um prazer. Aqui apresentamos algumas sugestões para ambientes modernos. Ao alto, à direita: Simples, sóbrio e elegante. O chão é de tacos grandes, lustrosos, sem tapete. Os móveis são de tecido esponjoso branco ou bege claro. O sofá é colocado contra a escrivaninha que faz também de estante. As janelas são largas, provendo o máximo de luz. Lareira embutida em parede de tijolo. À esquerda: Se a paisagem é bela, porque não admirá-la? E, com essa intenção foram colocados dois divãs de forma ovalada, de frente para a larga janela. Na parte interna da janela, há uma jardineira. À esquerda: Ambiente luxuoso e distinto é o que se vê neste "living" aqui estampado.

O interessante "nicho" embutido na parede e a magnífica lareira pintados de branco, formam admirável contraste com o escuro da parede.

Os sofás de veludo verde com franjas, a mesinha chinesa, as lampadas, os objetos de arte, tudo enfim contribui para dar maior encanto e harmonia a este canto de salão. Cortinas em tecido brilhante, com franjas de seda. Na parte interna, "voil" franzido. Em baixo, à esquerda: Outra inovação, parede de vidro. Isto proporciona o máximo de claridade ao "living". Em baixo, há também uma jardineira. Móveis moderníssimos, de linhas retas. O estofado é de listras de cores contrastantes. À direita: Uma janela larga, não só fornece mais luz a esta sala, como também proporciona a agradável vista do jardim. O sofá é colocado no meio da sala e de maneira a tirar proveito da lareira e da vista.



ROUGE LIQUIDO
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA PARTE
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
RAINHA DA HUNGRIA

Bárbara estava fechada na memória de Augusto, como que dentro de um armário — desses armários de quarto escuro, onde nunca é preciso entrar. Integrado agora na família Serpa Rodrigues, Augusto se sentiu a salvo de qualquer desfalecimento. A tendência secreta para a irregularidade, que irrompera violenta com a aventura de Bárbara, estava agora definitivamente morta. Tinha que ser em todo o resto da sua vida, um homem sério. Paciência! Era melhor isso que fazer as burradas do Costinha, sempre às voltas com os tais olhos verdes ou azuis, que ora davam com ele em Santiago do Chile, ora na Estação de Marechal Hermes.

★

Sobressalto: que fazenda era essa que Serpa Rodrigues oferecera à filha, como presente de núpcias?

— Em Bananal, meu bem. Papai comprou de um inglês exquísito, que tem uma mulher maluca... Maluca e bonita... falam muito dela.

Augusto baixou a cabeça, esmagado. Sua primeira noite com Madalena estava prejudicada por aquelas revelações. Então Bárbara não era sobrinha do inglês, era mulher dele?

— Mas porque em Bananal, Madalena? Porque em Bananal, onde seu pai nunca pôs os pés?

— Caprichos do papai, Você sabe, nessas coisas femininas ele tem suas fraquezas... O inglês quer vender tudo e voltar para a Inglaterra.

— E a mulher fica?

— Não sei, papai é que sabe... Caprichos! Mas não falemos disso agora, meu bem. Você não querendo, nós vendemos a fazenda e compramos outra em Minas.

Augusto teve um gesto de revolta e cobriu a cabeça com a colcha. Ficou a espiar o quarto através da renda, como se tudo — inclusive o corpo de Madalena — estivesse coberto de uma neblina de absurdo. O demônio da fantasia — da fantasia de Serpa Rodrigues, desta vez — vinha persegui-lo até dentro da sua nova família, da sua nova existência?

Madalena apagou a luz. Na obscuridade, o rosto sardento e o cabelo cor de cobre de Bárbara pareceram aproximar-se das narinas de Augusto. Não era obscuridade, era damasco vermelho que o rodeava. De fora vinha um arrastar de passos: ancinho enorme raspando a terra de um canteiro. No seu cérebro seco e lúcido havia uma expectativa: Augusto queria escutar o pio do bentevi, chamando, chamando...

A vida de Frederico...

(Continuação da pág. 33)

Mas o rei não está disposto a tolerar a petulância do filho.

— Percebes bem o que significa a tua brincadeira? Tentaste sair do meu reino. És um desertor. Tentaste ir para a Inglaterra — a adversária política da nossa nação. És um traidor. Um traidor!

Subitamente alteia a voz de modo terrível. Ergue a bengala para bater-lhe. Em redor deles os oficiais do séquito estremecem, sabendo bem o que devem esperar. Frederico mantém-se firme. Recebe o golpe, como já recebeu muitos outros semelhantes, com tranqüila indiferença. O pai grita e sacode-lhe o punho diante do rosto.

— Confessa toda a conspiração, ponto por ponto! Confessa, diabos te levem, senão...

Desembainha a espada. Avança um passo com olhar sinistro. Um velho oficial lança-se entre pai e filho.

— Matai-me a mim em seu lugar, Majestade — suplica-lhe. Lembrai-vos de

que ele é o herdeiro do trono prussiano.

Frederico Guilherme, após um momento de hesitação, embainha de novo a espada. Volta-se então para um ajudante de ordens.

— Encerra-o na torre de Kustrin. Ele é prisioneiro do estado. — E ao virar-se para partir, se tens amor à vida, não o deixes escapar.

Fez-se como o rei ordenara. O príncipe sentia-se inclinado a encarar o incidente com um humorismo amargo. Então seu pai estava disposto a chegar até aquele ponto para detê-lo! Bem, já se acostumara a tais cenas. Mas o diabo do velho tinha exagerado ao chamar-lhe traidor. Bem, bem; a sua raiva havia de passar. Entrementes, não lhe desagradava a idéia de ser encerrado nessa graciosa cidade de Kustrin. Viveria a sua vida — vida de prisioneiro, é certo, mas "sua" — a muitas milhas da residência do pai. Trouxera consigo uma flauta e livros... Teria o rei descoberto os pormenores do plano? O pobre Katte ver-se-ia em maus lençóis se Frederico Guilherme soubesse da sua cumplicidade. O rapaz certamente perderia o posto no exército. O prin-

cipe estremeceu. E tudo porque ele, aproveitando-se da bondade de Katte, o persuadira a prestar-lhe ajuda. O plano todo fora uma inspiração sua, desde o princípio. Parecia-lhe extremamente engraçado fugir com Katte sob a proteção da noite. Melhor do que todos os romances que tinha lido. Aquilo é que havia de ser aventura — aquilo é que seria vida! Como se tinham divertido. ele e Katte, discutindo os planos secretos! Tornar-se-iam a sensação da Europa...

E então, enquanto o jovem príncipe estava tranqüilamente sentado, tocando flauta e perdendo-se em sonhos, sobreveio o súbito choque — a terrível catástrofe. Pôs de lado a flauta e precipitou-se para a janela da prisão. O rei tinha descoberto a cumplicidade de Katte. O tribunal militar declarou-o culpado de conspiração, por instigar e auxiliar uma traição contra o país que como soldado jurara defender... O rei dera ordem para que o decapitassem. E agora faziam Katte passar sob a janela, à vista do outro traidor, o recalcitrante Frederico.

— Não, não, meu pai está brincando;

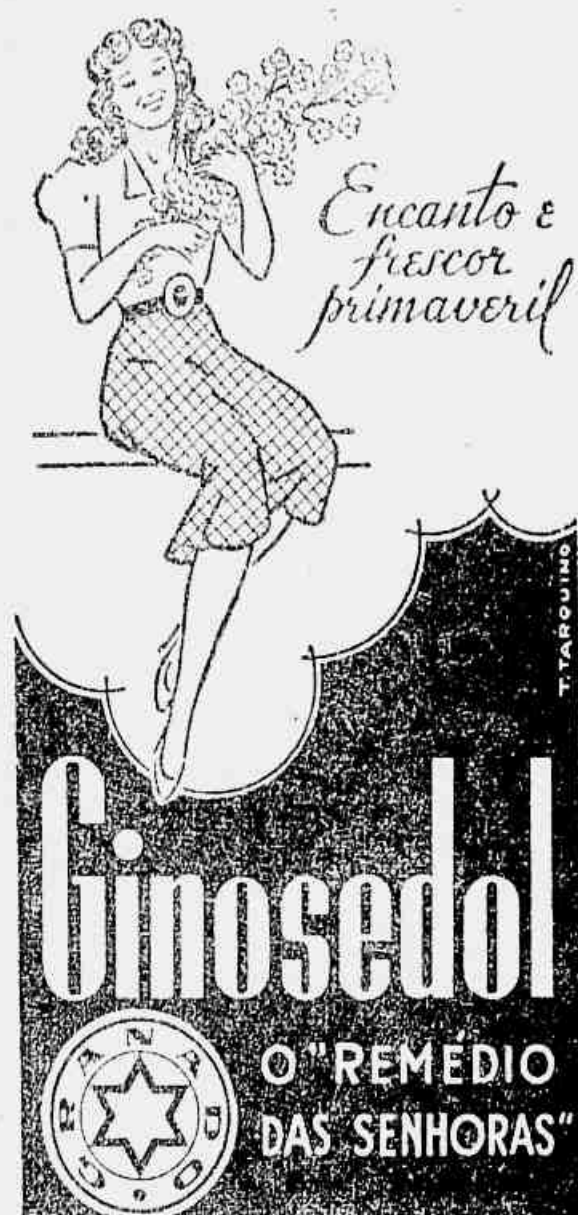
é só para me assustar! — exclamou Frederico, com os olhos marejados de lágrimas. Seu pai tinha um feroz senso de humor. O príncipe parou de chorar e pôs-se a rir. Então era assim que iam castiga-los pela sua travessura — levando-os a um passo da morte, para que, com o susto, nunca mais se esquecessem. Katte ergueu os olhos e sorriu-lhe, enquanto o levavam embora. "Adeus Alteza", gritou jovialmente. Poucos minutos depois estava morto. O príncipe voltou cambaleando para junto dos seus livros e da sua flauta. Caiu de joelhos. Ouviu-se uma pancada à porta. Entrou um criado e deu-lhe as notícias chegadas de Berlim. O rei ordenara que ele se apresentasse ante um conselho de guerra para ser submetido a julgamento por crime capital.

★

Frederico não morreu. O tribunal de Berlim declarou-se incompetente para julgar por crime capital o príncipe herdeiro da Prússia. Deram-se ordens para

O sonho que se tornou realidade!...





PO DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mine. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA PARTE

**CABELLOS
BRANCOS**
CASPA
**Queda
dos
Cabellos**
**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

Uma orquídea extraor- dinária

(Conclusão do número anterior)

As quatro horas e meia, a prima preparou o chá de costume. Mas Wedderburn, não entrou para tomar o seu.

— Está ainda em adoração diante da sua horrível planta, disse ela consigo, e esperou mais alguns minutos. Provavelmente o seu relógio parou, vou procurá-lo.

Ela seguiu diretamente para a estufa, e, abrindo a porta, chamou-o. Não obteve resposta. Notou que a atmosfera estava pesada e carregada de um cheiro muito forte. Depois reparou qualquer coisa estendida entre os canos de água quente.

a sua libertação. Mas foi obrigado a permanecer dentro da cidade, vivendo numa casa comum na qualidade de simples cidadão, e trabalhando para ganhar a vida como qualquer outro súbdito do rei. Foi destituído do seu posto militar, que lhe pertencia por direito de nascimento. O rei ordenou aos soldados que se abstivessem de fazer-lhe continência. Devia trabalhar como escravo e enviar mensalmente ao pai um relatório das suas despesas. Não lhe era permitido sair do recinto da cidade. Devia tomar as suas refeições sozinho.

Frederico submeteu-se com docilidade a essas disposições. Duas vezes por mês escrevia uma carta a seu "Querido Pai", pedindo-lhe perdão do grave delito que cometera. Solicitava licença para regressar a Berlim e ao palácio do pai. As suas súplicas o velho Frederico Guilherme respondia: "Se eu tivesse feito o que tu fizeste, andaria escondendo a cara de vergonha".

Uma transformação gradual operava-se no rapaz. Perdera muito da sua antiga brandura e alacridade juvenil. A morte de Katte fora um choque tremendo para a sua delicada constituição moral. Até então tinha sempre resolvido os problemas do seu pequeno mundo com algumas notas sopradas na flauta. Mas, de chofre, todo aquele mundo de sonhos desabara. E, sentado sozinho à mesa durante as refeições, ou andando pelas ruas semi-desertas da povoação, à noite, Frederico meditava sobre as experiências terrrificantes que, nos últimos tempos, a sua nova atitude realista lhe apresentava nitidamente ao espírito. Aos vinte anos de idade tinha sido tratado como traidor e vira-se na iminência de perder a vida. Tinham-lhe destruído a infância com um

só golpe desapiedado. Enterrava as unhas na carne quando, de noite, jazia desperto na cama, fitando os olhos no teto baixo. De uma coisa estava certo e repetia-a constantemente a si mesmo, até que ficasse gravada no mais profundo do seu ser. Era um credo prático que o ajudara a suportar a grande dor de perder o amigo — um credo que de então em diante havia de acompanhá-lo sempre. "Neste nosso mundo não devemos ter demasiado amor a nada".

★

Em 1740 o atarracado e rubicundo rei-sargento partiu desta para melhor. Durante os últimos anos da sua existência tinha havido uma reaproximação entre pai e filho, e as derradeiras palavras que o severo sargento-instrutor dirigiu ao moço macilento foram de caloroso tributo. "Morro contente", murmurou o velho, "tenho por fim a certeza de que deixo em meu lugar um filho e sucessor verdadeiramente digno". O filho apertou com força os lábios, como se quisesse reprimir as palavras que lhe acudiam à mente. O velho Frederico Guilherme cumprira bem os seus deveres disciplinares. Empenhara-se em criar um Titã, e conseguira finalmente seu objetivo. Tinha aniquilado o espírito lamurioso de Frederico e em seu lugar moldara um homem de verdade — não um homenzarão de seis pés de altura, é certo (Frederico era um pouco mais baixo que o normal), mas um homem de gigantesca estatura moral.

O novo rei da Prússia tinha vinte e quatro anos, era cínico e pertinaz. Logo que subiu ao trono pôs fim ao hábito paterno de recrutar homens altos para a

guarda e de encorajar os casamentos entre aqueles dos seus súbditos que, dotados de grande corpulência, tinham todas as probabilidades de produzir robustos soldados para o futuro exército prussiano. "Que eu saiba", dizia Frederico sardonicamente, "Alexandre não era alto, nem César".

Toda a Europa tinha agora a atenção voltada para a Prússia, afim de observar como ia portar-se o novo rei. Sabia-se que Frederico era um estudioso. Seu amor aos clássicos franceses e aos antigos sistemas filosóficos, sua paixão pela poesia e pela música, tinham-se espalhado nas asas da fama por todas as capitais européas. Sabia-se, além disso, que era ardente admirador do poeta satírico francês Voltaire, o homem da língua atrevida e da pena pungente. Ali estava um novo fenômeno em política — um rei-filósofo, o tipo de soberano que os utopistas sonhavam. Ali estava um monarca que podia implantar a justiça, a sabedoria e a moderação no seu reino. Ali estava o homem ideal para a experiência — um homem de pensamento, nascido de estirpe real. Ali estava o sonho que Platão concebera ao escrever a sua República: um país governado por uma aristocracia da inteligência, de acordo com as leis da razão. Ali estava o rei perfeito, prestes a construir o estado perfeito. Os olhares do mundo se concentravam sobre o rei Frederico da Prússia.

Quando da sua ascensão ao trono, Voltaire lhe enviara uma carta de congratulação pelo grande acontecimento. "Alegro-me de saber", escreveu, "que há no mundo um príncipe capaz de pensar como um homem". A esta nobre homenagem respondeu Frederico: "Sim. Mas, por amor de Deus, escreva-me como a um

Dá a pouco Wedderburn tornou a abrir os olhos. Como ele estava visivelmente perturbado, pela estranheza da sua posição, ele explicou-lhe:

— Sentiu-se mal dentro da estufa.

— E a orquídea?

— Cuidarei dela, disse a governante.

Wedderburn tinha perdido grande quantidade de sangue; porém, a não ser isso, nada de muito grave lhe sucedera. Deram-lhe a beber conhaque misturado com um pouco de extrato de carne, e levaram-no para o leito. A governante contou a incrível história ao doutor exagerando-a sobremaneira.

— Venha ver a estufa, acrescentou ela.

O ar fresco de fora tinha penetrado pela porta aberta e o cheiro insalubre havia-se dissipado quase por completo. A maior parte das pequenas raízes aéreas jaziam já murchas sobre os tijolos, no meio de inúmeras manchas escuras. A haste da planta tinha-se quebrado na queda; as flores tornavam-se baças e moles na orla das pétalas. O médico abaixou-se, viu que uma das raízes se agitava debilmente, e hesitou.

No dia seguinte a estranha orquídea continuava no mesmo lugar, mais negra então e prestes a decompor-se. De vez em vez, a porta batia ruidosamente impelida pelo vento da manhã, e toda a coleção das orquídeas de Wedderburn achava-se emurchecida, gelada, aniquilada. Mas Wedderburn estava de pé, radioso, loquaz, e solícito em contar a sua extraordinária aventura.

desembaraçou o corpo inanimado de Wedderburn da pressão daqueles braços que se agarravam à sua vítima com assustadora relutância. Com um último esforço desesperado, ela arrastou para o ar livre o corpo e a planta. Em seguida tratou de tirar uma após outra, as raízes sugadoras. Passado um minuto havia ela já desembaraçado Wedderburn e afastado dele a abominável planta.

Ele estava lívido e apresentava umas doze feridas circulares, donde corria sangue.

Nesse momento um criado vinha entrando no jardim, surpreendido pelo estrépito dos vidros quebrados: viu de repente a governante surgir diante dele, arrastando um corpo inanimado e tendo as mãos sujas de vermelho.

A primeira vista, ele imaginou uma série de cousas incríveis.

— Trás um pouco d'água, gritou ela, e aquela voz chamou-o a si.

Quando ele voltou, trazendo água a toda a pressa, achou-a banhada em lágrimas, muito emocionada com a cabeça de Wedderburn sobre os joelhos, enxugando-lhe o rosto ensanguentado:

— Que foi que aconteceu? perguntou Wedderburn, abrindo a custo os olhos e tornando a fechá-los imediatamente.

— Vai dizer a Annie que venha cá; depois vai chamar o Dr. Haddon dizendo-lhe que o caso é urgente, disse a governante ao criado, assim que o viu voltar com a água.

E acrescentou, vendo-o hesitante: — Na volta, contarei tudo o que se passou.

OUVINDO JOAN FONTAINE EM HOLLYWOOD

(Continuação da pág. 32)

— Qual dos seus filmes mais lhe agradou, até hoje?
— Não faço distinção entre os meus filmes. Em todos, dramas ou comédias, trabalhei com o mesmo espírito, isto é, procurando agradar, fosse comovendo, fosse divertindo. Mas guardo uma impressão muito boa de "Rebecca" que me deu um lugar de destaque no cinema, e de "Suspense", que me valeu um prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. Nunca sonhei que eu viesse a tirar esse prêmio antes de Livvy... Mas creio que ela agora tem muita probabilidade de tirá-lo pelos seus trabalhos em "Só resta uma lágrima" e "Espelho da Alma". Ela é uma grande atriz, — se é que eu, como irmã não sou suspeita para falar! Mas, voltando aos meus filmes, acho que "A valsa do imperador" fará grande sucesso pelo seu fundo romântico e pelo seu grande luxo, assim como "A história de Ivy" pelo "suspense" que contém. São duas histórias que eu li e aprovei antes de filmar, para evitar dissabores como o de "Gaivota negra", em que eu entrei de olhos fechados...

Joan Fontaine tinha razão no seu prognóstico a respeito de sua irmã Olivia. No momento em que pomos esta correspondência no correio aéreo já está decidido que a intérprete de "Só resta uma lágrima" caberá o "Oscar" de 1946 destinado à melhor atriz do ano. Pela primeira vez, aliás duas irmãs são premiadas pela severa Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

DEUS EX-MÁQUINA

(Continuação da pág. 35)

— Tríplíce estúpido de negro! vociferou Holroyd em voz entrecortada, sentindo apertar-lhe o pescoço a mão do asiático. Não toques nesses anéis de contacto!

Mas, em um abrir e fechar de olhos, ele tropeçava e caía de costas sobre o deus dos dinamos. Instintivamente, largou o adversário para evitar o contacto da máquina.

O expresso, mandado a toda pressa da estação para saber o que se havia passado na usina, foi encontrar Azuma-Zi no cubículo do porteiro, perto da entrada.

O asiático tentou dar uma explicação qualquer; mas o mensageiro não logrou compreender o seu inglês incoerente e correu ao hangar: as máquinas continuavam a funcionar estrepitosamente e nada parecia transtornado. Sentia-se todavia um forte cheiro de cabelos queimados. Depois ele avistou uma massa estranha e retorcida agarrada no grande dinamo. Aproximando-se reconheceu os restos convulsionados de Holroyd.

O homem ficou estupefato e hesitou um instante. Depois, olhando para o rosto da vítima fechou os olhos horrorizado. Voltou-se antes de reabri-los para não ver mais Holroyd, e saiu do hangar em busca de instruções e socorros.

homem e, como eu, aprenda a desprezar títulos, nomes, e toda a pompa exterior!"

Em outra ocasião Frederico esclareceu as suas idéias sobre a religião no estado perfeito. "No meu reino cada qual pode ir para o céu pelo caminho que preferir".

Mas enquanto escrevia isso, o fantasma paterno saía do túmulo e se erguia diante dele. O sonho da sua juventude se desvanecera por completo — aqueles dias em que se recusava a tomar parte nos exercícios da Schlossplatz e rejeitava o uniforme de soldado: "Neste mundo não se deve ter demasiado amor a nada".

O gigante nascera da inocência ferida do menino. Katte! Katte! Mas Katte já não se achava ali. O único ser que Frederico amara estava morto e enterrado. "E, se não se pode amar, deve-se odiar..." Aumentou o efetivo do exército para cem mil homens, quase o dobro do número que seu pai comandara, e lançou-o, brutal e inesperadamente, sobre uma pequena faixa do território austríaco chamada Silésia, arrebatando essa província à jovem rainha de vinte e três anos que acabava de subir ao trono austríaco.

A técnica da invasão da Austria, foi, em alguns aspectos, semelhante à das invasões européias da época atual. Os soldados prussianos distribuíam folhetos entre os silésianos, assegurando que não viam como inimigos mas sim como amigos — para castigá-los pelas suas faltas. A Europa ficou estupefata. Não que os outros reis fossem incapazes de esbulhar a jovem rainha, Maria Teresa, de seus territórios. A diplomacia européia do século dezoito não era mais civilizada que a do século vinte. O que espantou os outros potentados foi a energia com que o

jovem e culto poeta levava a cabo o seu golpe militar. A energia, e a cinica brutalidade.

Quanto a Frederico, ficou encantado com o seu êxito. Apanhara deprevenido o exército austríaco, que, postado a muitas milhas da Silésia, não pudera sequer efetuar combate. "A conquista inteira" declarava Frederico, "só me custou dois oficiais e vinte soldados".

Mas a Silésia era uma região rica em minerais, e os austríacos não estavam dispostos a perdê-la sem ao menos uma tentativa para recuperá-la. De sorte que, após terem rondado os prussianos enfileirados durante o inverno, as tropas escolhidas de Maria Teresa, as melhores da Europa, atacaram os exércitos de Frederico ao chegar a primavera. Quando ouviu o troar da artilharia e avistou a fumaça do combate, o jovem conquistador prussiano sentiu o coração gelar-se-lhe no peito. Do alto dum outeiro viu a sua infantaria ceder ante o furioso ataque austríaco e recuar em desordem. O terror da sua infância empolgou-o — a antiga aversão à aventura militar, ao espetáculo dos mortos e feridos amontoados na lama. Voltou as costas, montou no seu cavalo e partiu numa corrida cega, desesperada, pelas trevas da dentro. Passou a noite numa hospedaria, incógnito, o rosto pálido, lutando com terríveis recordações. Na manhã seguinte chegou-lhe a notícia de que a cavalaria prussiana tinha transformado a humilhante derrota numa vitória gloriosa. Foi a última vez que ele fugiu do campo de batalha.

Poderia agora retirar as tropas e dar paz à sua nação. Poderia encetar a edificação da cidade dos seus sonhos, deixando aos outros reis as mesquinhas disputas européias. Mas o tropel dos exércitos conquistadores em marcha fas-

Quando Azuma-Zi viu Holroyd morrer comprimido pelo grande dinamo, ficou um pouco assustado pensando nas consequências da sua ação. No entanto, experimentava um estranho sentimento de orgulho: sabia-se objeto das predileções do deus. O seu plano estava já resolvido, quando ele encontrou o homem da estação e o diretor científico que, chegados a toda a pressa ao local, concluíram logo que se tratava de um suicídio manifesto. O perito mal prestou atenção ao negro, a não ser para lhe fazer algumas perguntas. Teria acaso visto Holroyd matar-se? Azuma-Zi explicou que ele estava afastado, junto do aquecedor, no momento em que percebeu uma mudança no rumor do dinamo; assim pois nada tinha podido ver. O inquérito não foi difícil de efetuar; não havia a menor sombra de dúvida.

Os restos convulsos de Holroyd, que o eletricitista afastou da máquina, foram solitamente cobertos pelo porteiro com um pano de mesa manchado de café. Alguém teve a feliz inspiração de ir buscar um médico. Quanto ao perito, esse só tratava de tornar a pôr a máquina em movimento, porquanto havia sete ou oito trens parados no caminho, dentro dos túneis escuros da linha da estrada de ferro. Azuma-Zi, respondendo, ou não respondendo, por não compreender, às perguntas que lhe dirigiam pessoas cujas funções ou cuja importância tinham levado ao hangar, foi dentro em pouco enviado pelo diretor à câmara de aquecimento.

Em breve, o corpo foi retirado e o interesse do público diminuiu em proporção. Azuma-Zi ficou muito tranqüilo junto da sua fornalha, vendo sem cessar um espectro debater-se violentamente no brazeiro, depois cair imóvel. Uma hora após o atentado, alguém, entrando no hangar, ter-lhe-ia notado o mesmo aspecto que teria, se nada de extraordinário se tivesse dado. Dentro em pouco, deitando do seu compartimento uma vista dolhos furtiva, o asiático viu o "Rei dos dinamos" girando e zumbindo perto dos seus irmãos mais novos: os volantes continuavam a agitar o ar, o vapor nos pistões dava pancadas surdas e repetidas, como se se estivesse em uma hora menos adiantada da noite. Em conclusão, no ponto de vista mecânico, aquilo não tinha passado de um acidente insignificante, como o simples desvio momentâneo de uma corrente. Mas agora, o vulto massivo de Holroyd fora substituído pelo do diretor científico, mais esguio, e projetando no chão uma sombra mais delgada. Este andava da direita para a esquerda no espaço iluminado, sobre o ladrilho vibrante, por debaixo das correias que ligavam as máquinas aos dinamos.

— Não sou um bom servidor, ó deus? perguntou do seu canto Azuma-Zi.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 63 - 1º LOJA

cinava-o. Era o filho de seu pai, afinal de contas. O estudioso degenerara em soldado. Outra batalha com os austríacos; outra vitória. "Quem iria imaginar", escrevia, cheio de júbilo, "que a Providência escolheria um poeta para subverter o sistema político da Europa?"

Um poeta, na verdade. Um homem de imaginação superior — mas imaginação embebida em sangue. Estava destinado a criar uma epopéia estupenda e terrível — uma epopéia de conquistas, brutalidades, ódios, sofrimentos e morte.

Seus velhos amigos ficaram espantados com a mudança que se efetuara no caráter do rei. Antigamente ele bracejava com simpatia e bondade. Agora, o seu riso era escarninho e ofensivo. O rosto se lhe tornara sombrio e cruel. Tinha uma chama latente no olhar. Sua boca estava mais delgada, mais fortemente comprimida que nunca. Passava a maior parte do tempo a cavalo. Trazia as botas sempre salpicadas com a lama do campo de manobras. Seu casaco andava coberto de manchas de rapé. O tricórnio, que não tirava nem para dormir, adquirira um tom cinzento sujo, de tão desbotado. Tinha as faces enrugadas e encovadas como as dum homem ossudo em cinquenta anos. Entretanto, não chegara ainda aos trinta. "A mínima contradição, o seu rosto ficava horrível de ver-se".

O rei mergulhara no maelstrom da guerra. "Antes renunciaria às minhas salas do que à Silésia", declarava a rainha da Austria a seus ministros. Frederico resolveu desfechar um golpe fulminante contra Viena, afim de aniquilar os planos de desforra dos austríacos. Mas primeiramente devia ser tomada a cidade de Praga, na Boêmia. Essa localidade era a chave da capital da Austria. Frederico enviou em direção a Praga dois exércitos,

E a voz da grande máquina retumbou, alta e clara. Quando ele estava olhando para ela, a estranha fascinação cujo efeito se havia atenuado um pouco, após a morte de Holroyd, retomou sobre ele todo o seu poder. Nunca Azuma-Zi tinha visto um homem morrer tão depressa e tão impiedosamente. A grande máquina estrepitosa tinha trucidado a sua vítima sem que o seu movimento regular tivesse um segundo de hesitação. Sim, certamente, aquele deus era muito poderoso!

O engenheiro, sem de nada suspeitar, estava em pé e voltava-lhe as costas; estava escrevendo em um pedaço de papel. A sua sombra alongava-se aos pés do monstro.

— O deus dos dinamos tem ainda fome? O seu escravo está pronto a servi-lo!

Azuma-Zi deu um passo furtivo para diante, depois parou. O engenheiro cessou de escrever e, atravessando o hangar, foi até o dinamo mais distante e principiou a examinar as escovas. Azuma-Zi hesitou, depois esgueirou-se por detrás dele na sombra até a alavanca; ali esperou. Dentro em pouco ouviram-se os passos do engenheiro: este vinha de volta. Sem ver o asiático, agachado a menos de dez passos, ele retomou a sua posição precedente. Então, subitamente, o grande dinamo assobiou; em menos de um instante, Azuma-Zi tinha já saído do seu retiro obscuro. Primeiramente, o engenheiro foi agarrado e arastado em direção ao dinamo; mas, dando pancadas com os joelhos e com as mãos, e abaixando contra o chão a cabeça do seu agressor, conseguiu libertar-se. Dando um salto para trás, ele afastou-se da máquina. O negro agarrou-o pela segunda vez e apertou-lhe sobre o peito a cabeça encarpada. O engenheiro teve a idéia de agarrar nos dentes uma das orelhas do negro e de mordê-la com toda a fúria. O asiático deu um urro terrível. Rolaram ambos pelo chão e o negro tentou estrangular o adversário. Este fazia inúteis esforços para agarrar qualquer coisa e bater com os pés, quando, por felicidade, ouviu-se perto dali um rumor de passos rápidos. No mesmo instante, Azuma-Zi abandonou a presa e precipitou-se sobre o dinamo; um ruído desusado interrompeu o costumeado estrepito; o funcionário da companhia, que vinha entrando, ficou boquiaberto vendo Azuma-Zi tomar nas mãos ambas as pontas nuas dos condutores. O negro fez uma abominável contorsão, depois ficou imóvel, suspenso na máquina e com o rosto violentamente convulsionado.

— Foi uma extraordinária felicidade que alguém houvesse chegado a tempo! exclamou o engenheiro.

E olhava para o cadáver ainda trêmulo:

— Parece-me que não é nada agradável morrer desta maneira; mas, pelo menos, não custa muito!

O empregado tinha os olhos fixos no corpo. Houve uma pausa.

— Pobre Holroyd! disse o engenheiro. Agora é que compreendo.

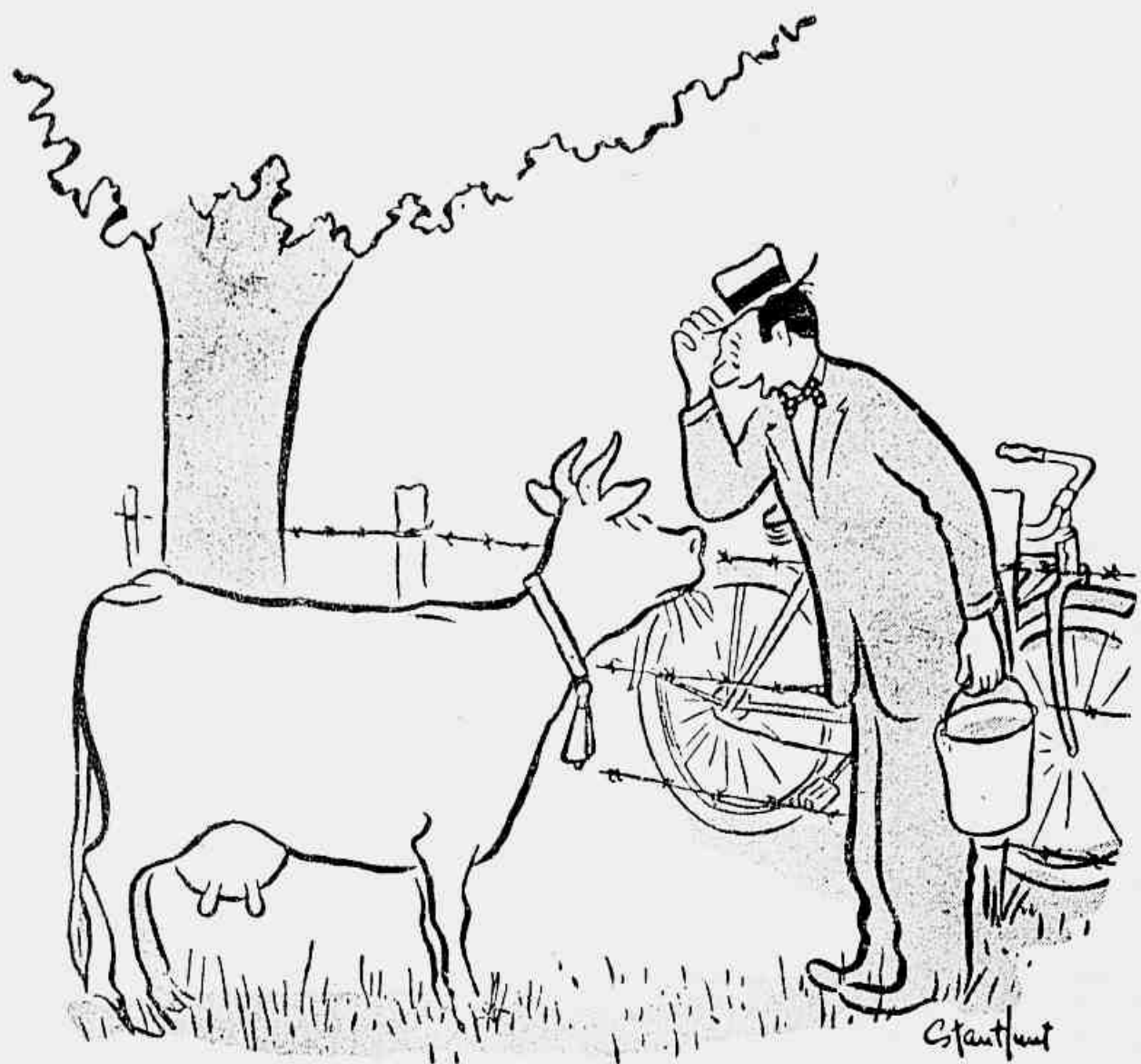
Depois, quase maquinalmente, ele chegou até a manivela e tornou a enviar a corrente derivada aos fios da estrada de ferro. Apenas ele fez isso, logo o corpo, já calcinado, destacou-se da máquina e caiu com o rosto voltado para o chão.

Assim acabou prematuramente o culto do deus Dinamo. Foi essa porventura a mais efêmera de todas as religiões. Todavia, ela se pode vangloriar de ter tido o seu martir e o seu sacrifício humano.

um dos quais ia comandado por ele próprio. O frio inverno apanhou-o na Boêmia, enquanto punha sítio à cidade. Os rigores da estação devastaram-lhe o exército. As comunicações com os centros de abastecimento estavam destruídas. Os soldados morriam de frio e fome. Mas o rei filósofo obstinava-se em atacar. Os homens começaram a resmungar de maneira ameaçadora. Houve deserções. Os generais disseram ao rei que seria suicídio permanecer mais uma semana na Boêmia. Frederico deu a ordem de retirada.

Mas sua vida não conhece repouso. O rei tem um demônio que o impõe sempre para a frente. Chegará novamente a primavera. Mais uma tremenda batalha contra os austríacos. Frederico atravessa o campo a galope depois da vitória de Hohenfriedberg. Sorri de satisfação ao ver a quantidade de cadáveres austríacos espalhados ao longo do caminho. Semanas de maquinacões entre a França, aliada da Prússia, e a Inglaterra, associada da Austria. Intrigas, negociações, mentiras; e a arraia-miúda a sucumbir diante do canhão em todas as frentes. Mas o estudioso não morreu de todo no soldado. De vez em quando ainda acha tempo para pensar em outras coisas, além da intriga e do homicídio. Após uma retirada, escreve ele do acampamento a seu ministro: "Perdi tudo. Tenho a bondade de comprar-me um Boileau — o elegante volume em oitavo, com anotações. E também a "Introdução à História Universal" de Bossuet, e as "Questões Tuscultas" de Cicero..." Naquele momento trinta mil compatriotas seus jaziam feridos no campo de batalha.

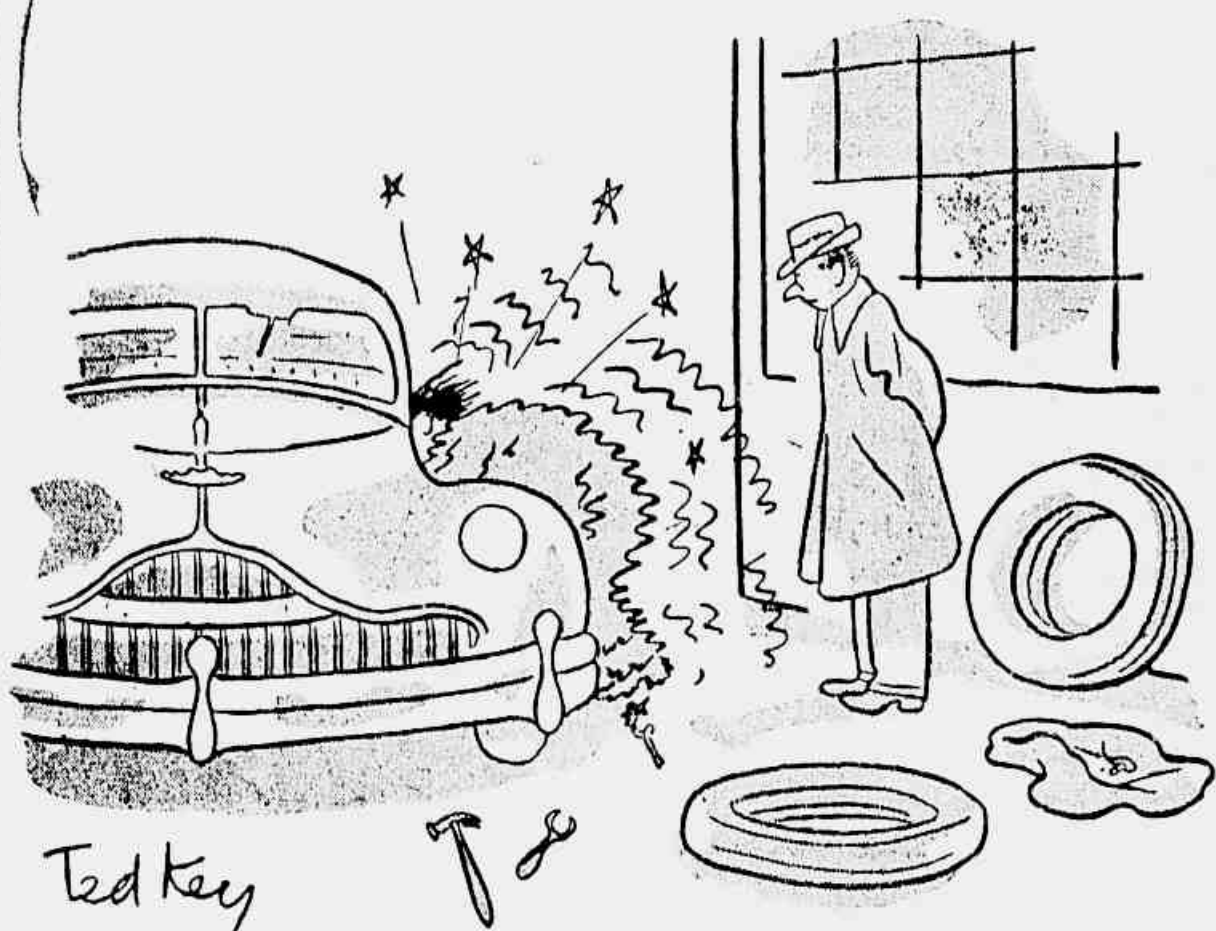
(Continua na pág. 57)



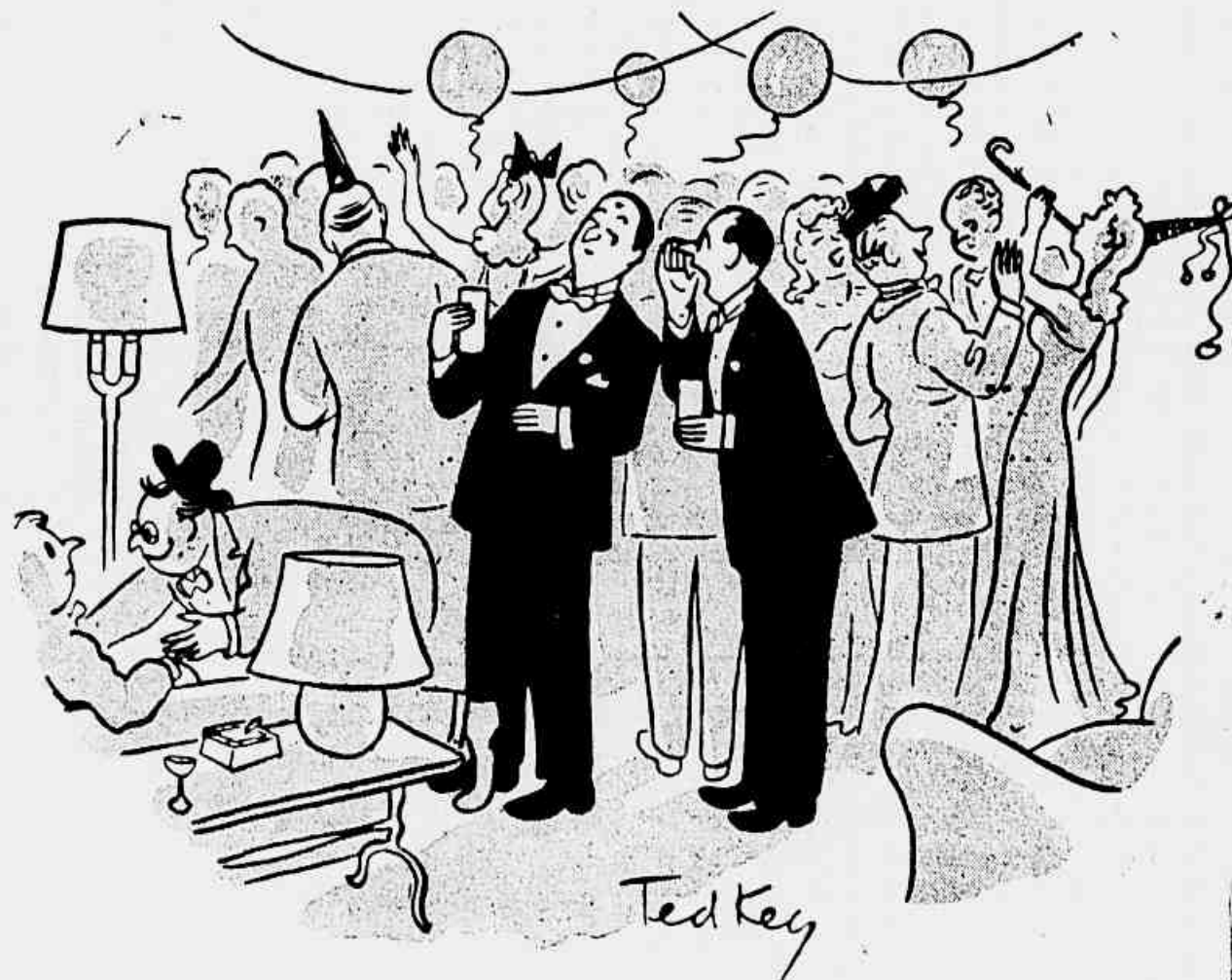
— Dá licença ?



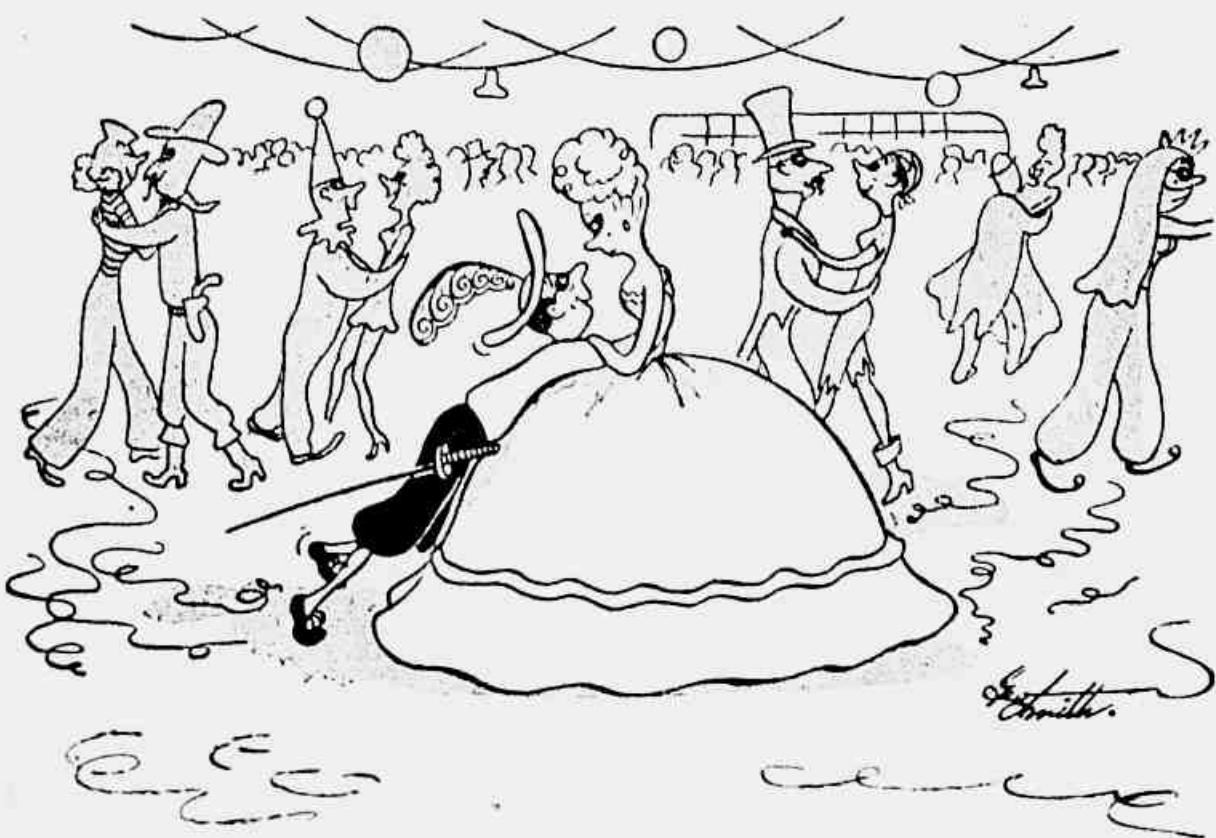
— Bem... É um vestido que tem a vantagem de evitar os mosquitos...



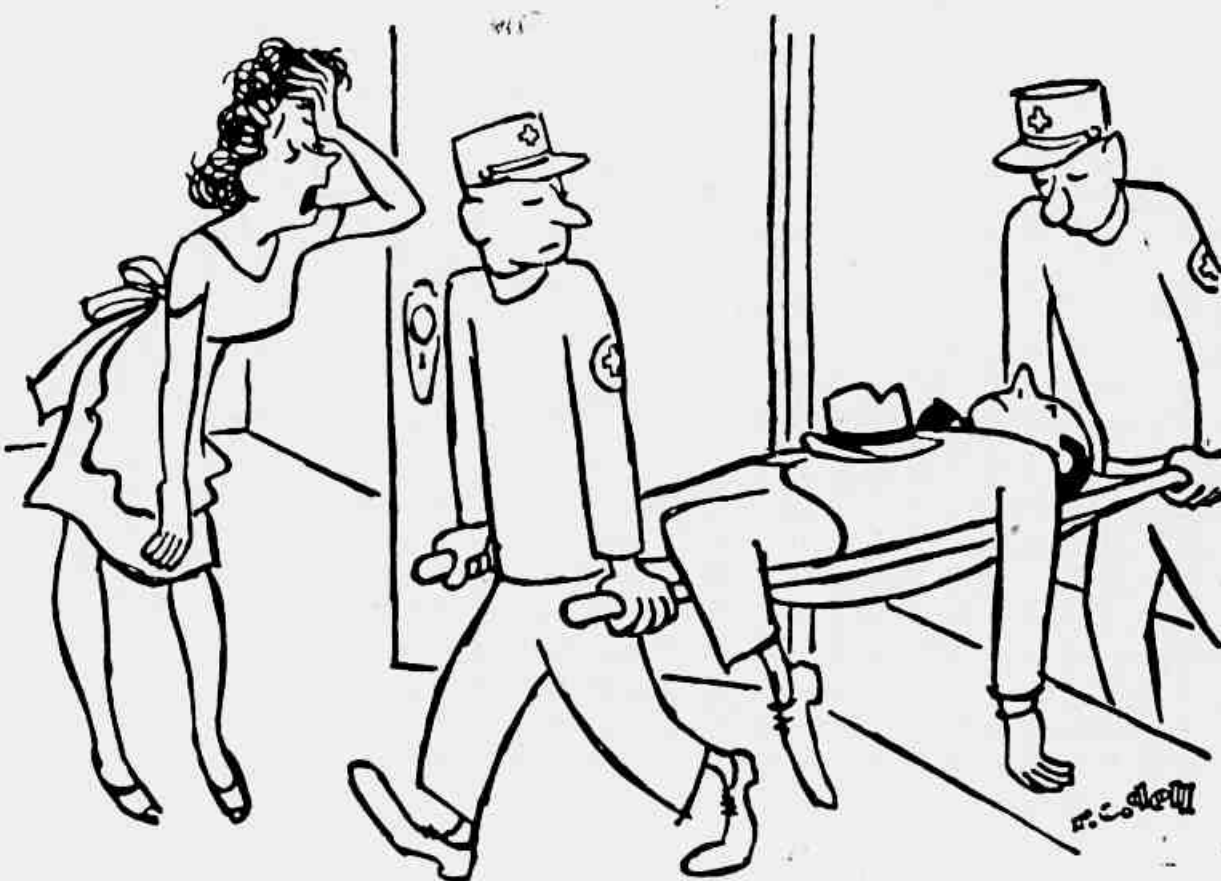
— A bateria já vi que não é...



— Passar o carnaval em casa é muito melhor do que ir para uma dessas "boites" barulhentas...



— A senhora não prefere se sentar um pouco...

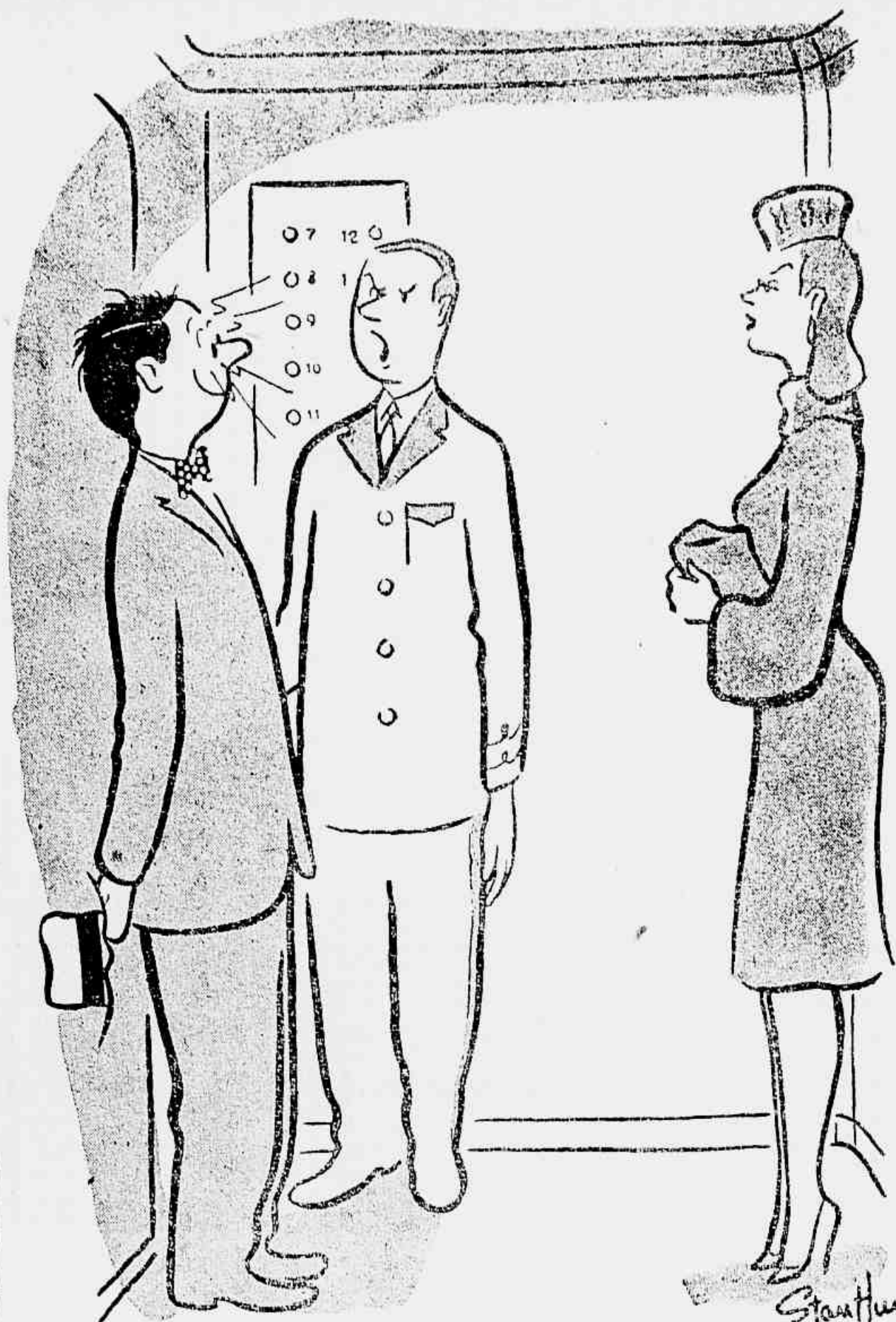


— Oh, ainda bem que você chegou, querido ! Se soubesse o dia infernal que eu tive hoje...



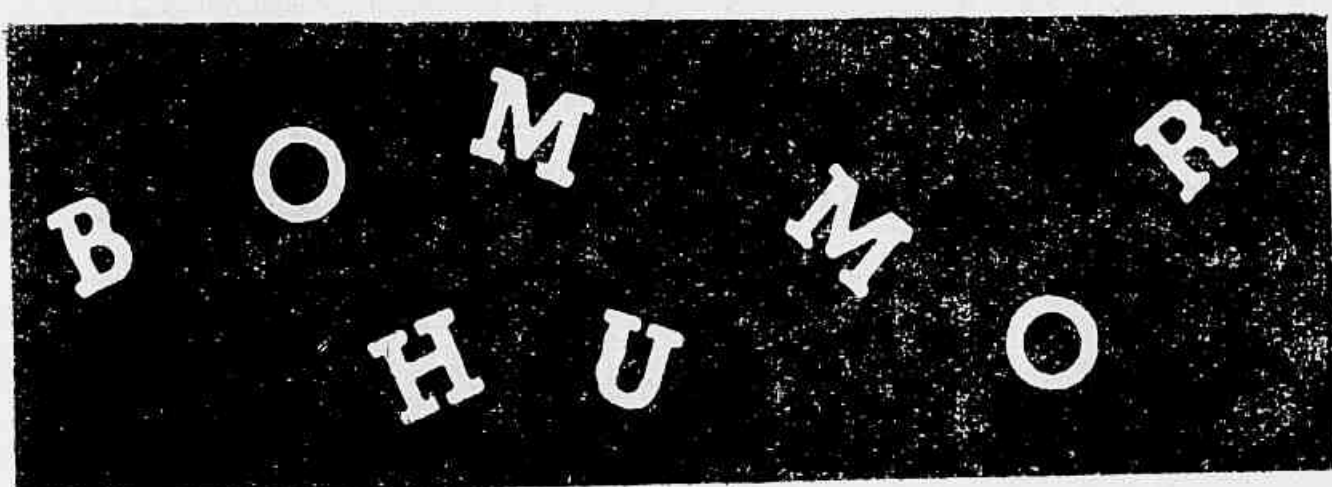
Roy L. Fox

— Pode me emprestar um pouquinho de qualquer coisa?



Stan Han

— Olhem para a frente do elevador, por favor!



LUNDBERG

— Ah, é o gerente? Não, não precisa mudar... Agora estou muito satisfeito com a cama...



Frank Owen

— Quando eu penso que vocês me fizeram brigar com o antigo açougueiro porque nos vendia carne dura...



CHARLES KULLMAN



EUGENE ORMANDY

O ANO MUSICAL

Música em recinto fechado e ao céu aberto — Tenores e outros bichos — Decepções e revelações — Regentes importados e regentes sem importancia — Rumos e perspectivas — Um balanço das atividades musicais de 1946

De ROBERTO LYRA FILHO * Especial para REVISTA DA SEMANA

PASSAR em revista o ano musical, salientando os seus pontos mais altos, é tarefa difícil porque implica uma seleção quase impossível. Em primeiro lugar, o cronista não assistiu a todos os espetáculos e é bem possível que tenha perdido alguns dos melhores. Além disso, um esquecimento desculpável pode resultar na omissão de um nome que mereça louvores especiais. E', portanto, sómente consciente dessas restrições que se pode falar sobre a vida musical, no Rio de Janeiro, nesse ano que findou, deixando uns restos de temporada lírica invadirem os domínios de 1947. Cortemos essa cauda e passemos a apreciar as realizações de 1946.

Contemplando, de longe, o panorama musical do ano, não é difícil tirar uma conclusão pessimista. Tudo o que se concretizou em alguma forma louvável foi por iniciativa particular e, se bem que esta se apresentasse digna de elogios, não se verifica, por enquanto, um movimento bastante forte no sentido de criar aqui um meio musical propício ao aparecimento dos talentos que têm que desbravar invios caminhos a custa de sofrimentos e decepções. Que existe, presentemente, no Brasil, grande número de compositores que poderiam fazer já fizeram, aliás, coisas admiráveis, é um fato; que parte da responsabilidade da situação em que se encontram é culpa exclusiva de uma classe desunida, é outro fato. Porém não deixa de se ajuntar à lista uma consideração, igualmente inegável, é o terceiro fato que perturba as consciências: o es-

forço sincero, desinteressado, em prol da arte, se já encontra apoio, por parte do público, até certo ponto, está lutando, desesperadamente, contra aquilo que um professor inglês denomina o esnobismo da anti-cultura e que consiste no orgulho da ignorância que campeia, livremente, com toda a sua rudeza. Traçado o círculo vicioso do "não toco porque o público não gosta" — se o público não conhece, como é que pode gostar? — perdem-se as iniciativas num cipoal de obstáculos. E a doce paz do Senhor envolve esse emaranhado. Disso extraiu-se uma filosofia: deixa como está para ver como é que fica... Pobre Brasil!

ORQUESTRA SINFÔNICA E OUTRAS TRAPALHADAS

Os poderosos interesses que intervieram na organização da presente temporada constituem um dos aspectos mais desagradáveis do ano musical. Não estamos negando que eles sempre tenham exercido a sua influência, mais ou menos encobertos. O fato, porém, é que, com a reorganização, pelo novo prefeito, da distribuição das diferentes concessões, a Orquestra Sinfônica Brasileira — não vamos entrar, aqui nos motivos — citou os seus motivos e tomou conta da temporada de concertos. Estes não estiveram à altura do anunciado. A presença de bons maestros — Charles Munch, William Steinberg — foi amplamente compensada por outros tantos "abacaxis" alguns, por sinal, que de cartaz, verbi-

gracia, o excelentíssimo senhor Eugene Ormandy, irascível inimigo dos brasileiros.

A temporada de bailados, a cargo do Coronel de Basil, se alguma novidade trouxe, foi o escândalo em torno de Iara, um bailado em que Francisco Mignone misturou ingredientes mais ou menos exóticos e que valeu mais pelos cenários de Portinari do que pela confusão pseudo-folclórica do senhor Guilherme de Almeida. Como se isso não bastasse, descobriram-se discussões tremendas, em que um jovem pintor brasileiro alegava que tinha apresentado ao diretor da companhia um libreto e cenários os quais este mesmo senhor entregara ao poeta Guilherme de Almeida para que ele desse — como resultado da ordem: misture e mande! — aquela trapalhada em vários quadros que constituiu um único e inesquecível pesadelo, recebido, nos Estados Unidos, com a maior frieza pelo público e com severas descomposturas dos críticos. E eles nem sabiam metade da história...

Um outro concerto bom. Não esqueçamos a revelação Kapell, pianista americano, um rapaz moço, de um talento brilhante, culto, dotado de uma fina sensibilidade, dominando uma técnica extraordinária. Magnífico.

TENORES E OUTROS BICHOS

Esposa de Gatti Casazza, aquele empresário responsável pela importação de muito ta-

A VIDA DE FREDERICO...

(Continuação da pág. 53)

Cinco anos de morticínios, tratados feitos de má fé e violados, manobras diplomáticas, traições, embustes. Embora seja um homem moço, de pouco mais de trinta anos, Frederico se acha completamente esgotado por tantas lutas. Ele não é um soldado comum. Entra num período de reflexão e arrependimento. Mais uma vez, o filósofo ergue a cabeça. "Quem somos nós, míseros átomos hu-

manos, para fazermos projetos que custam tanto sangue!" As delgadas linhas da sua boca vão perdendo a severidade. Caminha entre risonhos vinhedos, absorvido nos seus pensamentos. Lá, onde o solo é mais rico, construiu uma tumba para lhe abrigar o corpo quando as preocupações da guerra e os problemas da filosofia estiverem terminados. Em frente à tumba, ordenou a seus operários que edificassem outra casa — uma casa, não para a morte, mas para a vida — com uma vasta biblioteca, terraços e retiros destinados ao estudo. "Quando eu estiver aqui" diz a um amigo, "sentir-me-ei finalmente livre de cuidados". E, de fato, deu a casa o nome de "Sem Cuidados" ou, no idioma francês que tanto amava, "Sans-Souci".

*

Paz. Lazer para pensar na vida e pensar-lhe os valores na tranquila quietação do estudo e na companhia dos poetas. Convidou Voltaire a ir viver com ele e entretê-lo com o seu espírito. O magro e sardônico francês, em consequência dos seus inálgos gracejos acerca do Estado, malquistara-se com o monarca e a nobreza da França. Tinha mesmo passado alguns anos no exílio, com uma amante que o incitava a nobres escritos e ignóbeis amores. Mas um galã mais jovem entrara em cena, e as relações entre o filósofo e a dama se foram tornando cada vez mais espirituais e menos físicas. Entretanto, os dois continuavam íntimos. A mulher brindava os seus encantos ao jovem galã e sua inspiração ao já maduro homem de letras. Então, súbitamente, ela morreu. O velho cínico ficou prostrado de dor. E agora, sem amante e sem pátria, Voltaire prestou ouvido às instâncias do rei da Prússia, que lhe vinha desde vários anos oferecendo a hospitalidade do seu palácio. Aceitou o convite e trocou o túmulo da sua amada pela mesa de Frederico. Havia muito que o jovem soberano era um entusiasta das obras do francês.

O encontro entre o rei-filósofo e o rei dos filósofos é memorável, e digna de nota as suas futuras relações. Voltaire recebe uma pensão, casa e comida grátis, carruagens para passear, e a Estrela da Ordem do Mérito. Suas obrigações são: divertir o rei à mesa com sua conversação sem par, coisa até então inédita na Prússia; corrigir os poemas e dramas do rei, que se julga um verdadeiro literato;

dirigir a aristocracia intelectual da corte prussiana; e apregoar aos quatro ventos, como só Voltaire sabe fazê-lo, o nome de Frederico. Com uma só palavra, uma única penada, o pequeno e descarnado ensaísta, dramaturgo e filósofo pode levar um nome à imortalidade ou condená-lo à ruína eterna. Seu gênio para a sátira e o comentário cínico, sua razão impiedosa, seu estilo vigoroso, límpido e eloquente, são proverbiais. Ele é o Espírito do Riso revestido de forma humana.

Entretanto, só a sua língua irônica é imortal. As outras partes do corpo sentem os efeitos da idade. Facilmente se resfria. Treme com a estação. Depois de passadas algumas noites no palácio, queixa-se a Frederico de que os criados não lhe deram velas suficientes para alumiá-lo o quarto. Arrepenha contra o café que lhe servem, a escassez da manteiga, a mesquinha quantidade de açúcar. Frederico graceja, declarando-se espantado de ver tão grande homem afligir-se com tais ninharias. E assim, cercados de agradável companhia, passam as refeições trocando ditos espirituosos. Só Voltaire é capaz de competir com o rei nesse pontil. Antes da sua chegada ninguém podia aparar os botes da língua de Frederico. Este está encantado com o pequeno filósofo francês; contudo, não se sente à vontade em sua presença. Não lhe agrada o constante cintilar dos olhos de Voltaire a cada manifestação solene de realza. Sente que o francês está zombando dele interiormente. Se Frederico, com a espada, aterrorizou as cabeças coroadas da Europa, Voltaire com a pena infundiu-lhe terror no coração. Seus sarcasmos picam como enxofre. Aquele homem é o discípulo do diabo. Que lhe pode importar um simples rei?

Voltaire escreve a um amigo de Paris, e diz que está redigindo a carta "ao som dos tambores, das trombetas e de incessantes detonações de armas de fogo, que me ensurdecem os pacíficos ouvidos. Isto só é bom para Frederico o Grande. Ele se dedica aos seus exércitos de manhã, e a Apolo de tarde... Forma batalhões e compõe versos". Mas quando Frederico lhe levava suas poesias para serem revistas, Voltaire resmungava consigo: "Não se cansará nunca de trazer-me a sua roupa suja para lavar?" Sem jamais esquecer que era acima de tudo um francês, intrometeu-se na política, tentando influir em Frederico para que ajudasse

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

os exércitos de Luiz XV na luta contra o poderio naval inglês. Frederico ficou ressentido com a ousadia de Voltaire. Este devia ocupar-se apenas do seu trabalho literário e não meter o nariz em coisas que só competiam aos reis. Admoestou-o rispidamente. "O gentil-homem a serviço de Luiz XV far-me-á o favor de ceder o lugar ao grande poeta". A pendência entre o filósofo e o rei permaneceu muitos meses latente. Em realidade, a Prússia não era um refúgio para pensadores. De sorte que um dia o imperador não corado da inteligência apertou a mão ao pequeno rei da Prússia, que estava passando revista aos soldados no campo de paradas de Potsdam.

— Até à vista, Majestade!

— Adeus, Demônio.

E Voltaire deixou a Prússia para nunca mais voltar.

*

Nem a Prússia era o país da Utopia, nem Frederico um verdadeiro rei-filósofo. Quanto mais velho ele ficava, mais forte era o seu desprezo da humanidade. — Andem, marotos! Querem viver eternamente? — gritava aos soldados, lançando-os mais uma vez na voragem da guerra.

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



SOFRE DO FIGADO?

TOM F

BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

lento europeu para o Metropolitan, a ferina Frances Alda escreveu um livro de memórias em que alude a homens, mulheres e... tenores. Fica esse "troisième sexe" — honni soit qui mal y pense... — classificado à parte. Esteve representado, durante a temporada lírica, pelo nosso velho conhecido Charles Kullman, cuja voz traz evidentes sinais de cansaço, mais aliviado, porém, do que em outras temporadas em que cantou sem descanso quase todos os papéis de tenor. Tagliavini, anunciado como um segundo Gigli, mostrou-se, de fato, um tenor dono de voz belíssima, porém, que deveria ser entregue a um professor de canto com muitas recomendações de que aproveitasse as qualidades demonstradas pelo discípulo. Preso a essa questão de muita arte e pouca voz ou muita voz e pouca arte — Kullman, como exemplo da primeira categoria; Tagliavini, como exemplo da segunda — o Metropolitan, segundo notícias recentes, acolheu este com estrondosos aplausos. Nós, por outro lado, há alguns anos, tratamos com frieza uma favorita dos americanos — Jarmila Novotna.

Arte e voz — duas qualidades que faltavam a Gino Becchi, anunciado, não obstante, como o Titta Ruffo número dois. Diante des-

sa comparação foi ainda mais dura a queda do italiano.

Não foi ele, porém, a única decepção. Duas decadências tremendas vieram trazer aos brasileiros a melancólica constatação de que o "sic transit" continua funcionando no mundo artístico. Maria Caniglia, na temporada lírica, e Gina Cigna, com o Carro de Tespis.

Por outro lado, sem os benefícios da farta propaganda, tivemos duas autênticas revelações: Elizabetta Barbato e Mario Filipeschi, um tenor e um soprano dramático. A ela só falta corrigir, com calma, o que na parte cênica, ainda resta de hesitação ou de nervosismo, ganhando aquela serenidade que o longo tirocínio confere.

Um aspecto pitoresco foi a intervenção, na mesma temporada, de um Gigli que nada tem de comum com o Beniamino. Antes pelo contrário...

Fora disso, "tout fut bien".

RUMOS E PERSPECTIVAS

Lado a lado com o registo que temos dado a realizações tidas e mantidas como as mais importantes, temos feito questão de assinalar tudo o que surgiu com o cunho de iniciativa desinteressada e louvável, no sentido de garantir o desenvolvimento e o progresso. Assim, desde que tenhamos tido notícias de valores novos, grupos novos, sangue novo a entrar nas fileiras artísticas temos distinguido a cada um desses com palavras de incentivo.

AS MOCINHAS E AS SENHORAS NA IDADE CRÍTICA

DUAS FASES DIFERENTES, MAS IMPORTANTES NA VIDA DAS MULHERES

Não deve e não pode passar despercebida aos bons pais a fase compreendida entre os 13 e os 16 anos — por que passam suas filhas quando se tornam verdadeiramente mulheres. Nesse período — quando o fluxo menstrual começa a aparecer — são comuns as perturbações que trazem para as jovens uma série de grandes sofrimentos físicos e morais. Essas perturbações resultam do desequilíbrio orgânico próprio da idade e se manifestam pela falta, diminuição ou atraso das regras. Administrar-lhes sem perda de tempo o Regulador Xavier N.º 2 é dever de todos os pais que amam de fato suas filhas e que não querem vê-las doentes, tristes e, o que é pior, atacadas por moléstias que, por terem sido descuidadas, se tornam crônicas e incuráveis. Nem menores nem menos perigosos são os males que geralmente afligem a mulher na idade crítica — aos 45 anos mais ou menos — e que, mal tratados ou tratados por meio de remédios ineficazes, lhe acarretam sofrimentos tão torturantes que essa idade crítica se lhe transforma numa verdadeira idade dolorosa.

Entretanto tais males, que em geral se manifestam pela abundância ou repetição das regras e pelas hemorragias, encontram remédio fácil e de absoluta eficácia no Regulador Xavier N.º 1.

O Regulador Xavier usado em seu número adequado dá às mocinhas e às senhoras na idade crítica o bem estar e a saúde indispensáveis para as labutas e as alegrias da vida.

porque acreditamos firmemente que com eles está a responsabilidade de transformarmos esse ambiente de arte burocratizada, que se estratifica anualmente em temporadas mediocres.

INSTITUTO ROENTGEN

RADIOTERAPIA SUPERFICIAL E PROFUNDA
DRS. ALVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 - São Paulo



Os soberanos da Europa estavam espantados e aterrados com o rei da Prússia. A Áustria abandonou sua inveterada prevenção contra a França e formou uma aliança com esta. A Baviera e a Rússia aderiram ao pacto. A única aliada da Prússia, a Inglaterra, estava muito ocupada com seus inimigos na América e na Índia para lhe prestar qualquer ajuda em homens, mas enviou-lhe uma pensão anual para auxiliá-lo a manter o seu exército e proteger o ducado inglês de Hanover. Os monarcas europeus estavam dispostos a lutar. Queriam dar cabo ao arrogante Frederico e dividir a Prússia em pedacinhos, para que esta nunca mais pudesse reerguer-se. Mas Frederico fez frente a todos. Encontrava-se em toda parte ao mesmo tempo. A superioridade dos exércitos inimigos era de mais de dois contra um, mas ele efetuava súbitas cargas de cavalaria, imprevistas marchas forçadas, ataques fulminantes, revolucionando completamente a arte militar da Europa. Compensava a desvantagem numérica lançando seus homens em diagonal sobre a frente inimiga e atacando um ponto determinando sem expor o próprio flanco. Adestrava a cavalaria para movimentar-se rapidamente em grandes massas compactas, e assim conseguia envolver a pesada e vagarosa infantaria dos franceses e austríacos. "Viva e deixa os outros viverem", escrevia hipócritamente nas cartas que enviava ao palácio. Mas aí do prussiano que procurasse abrigar-se ante a acometida do inimigo! Frederico sofria tremendas derrotas. Submetia-se seus generais a conselho de guerra. Numa ocasião perdeu metade do exército; noutra, a maior parte dos oficiais do estado maior. Sentiu-se aliviado com esta última perda, que diminuía o perigo duma conjuração militar contra ele.

Os prussianos queriam regressar para seus campos e recomeçar uma vida normal, pacífica. "Os prussianos podem dizer o que quiserem. Eu "faço" o que quero", alardeava o rei filósofo. A população total dos países inimigos subia a cem milhões; a da Prússia mal chegava a cinco milhões. Além de tudo, também a Suécia se dispunha a entrar na aliança franco-austríaca e invadir a Prússia pelo norte. Frederico era um leão encurralado. Os franceses, fortes de cem mil homens, cruzam o Reno. Os austríacos repellem-no em Kollin. Uma geração quase inteira de prussianos jaz enterrada na lama. Frederico projeta suicidar-se. Recebe uma carta do seu velho amigo, o outro filósofo, aquele homem tão diferente, e tão maior do que ele. Nesta miséria, procura Voltaire consolar o moço de cuja mesa já compartilhou e cujos olhos brilhavam outrora de admiração em sua presença. Uma ocasião altercaram violentamente — mas isso parece ter sido há tanto tempo! Voltaire conta mais de oitenta anos e está preparado para a morte. Mais uns conselhos ao jovem discípulo, mais uma palavra sussurrada a um filósofo e amigo. Seu apelo não é dirigido ao veterano de cem batalhas, mas ao discípulo, ao camarada do grêmio da boa-vontade entre os homens. Sofreu o rei uma terrível derrota militar? Que importa? Está ameaçado de perder seu reino? E que tem isso? Ah! Frederico, "um homem que é apenas rei pode julgar-se muito infeliz ao perder os seus domínios, mas um rei que é também filósofo devia saber passar sem as suas terras". Assim escrevia Voltaire. "Quão ridículo é afligirmo-nos com os mesquinhos problemas dos reis, quando tu e eu somos homens! Vem, eu te mostrarei o caminho que, através da infinita sabedoria, conduz à paz..."

Mas a voz de Voltaire é uma voz agonizante que se desvanece no tempo. Perde-se entre o clangor das trombetas de guerra e as detonações dos mosquetes. O mestre já não existe; montado no seu corcel, o discípulo dirige as cargas de cavalaria contra os franceses, austríacos e suecos. Obtem vitórias e mais vitórias, mas a sua nação sofre derrotas e mais

derrotas. A população está dizimada. A miséria estendeu as asas por toda parte. A própria civilização européia se acha ameaçada. Mas é preciso que Frederico continue colhendo os seus triunfos; ele senta-se na sela, conduz os seus homens, perde duzentos e cinquenta mil soldados, perde o seu maior amigo entre os generais. Todos os veteranos jazem enterrados em obscuras campas; muitos jovens também. Quem ficará para lhe servir

de companheiro, para distraí-lo à mesa, quando terminar esta guerra dos Sete Anos?

Mas a sua fome de guerra ainda não está saciada. Mais campanhas, mais batalhas! E ele sempre montado no seu cavalo, embora as pernas lhe estejam ficando velhas e fracas, embora dois cavalos tenham sido mortos debaixo dele numa única escaramuça. Posta-se no fragor da pugna a escutar os gritos dos ago-

O CASTIGO DAS MULHERES LINGUARUDAS

A baleia, sua história e seus costumes* O castelo adormecido no bosque (romance)

* Dez contos ilustrados * Países e povos *

Botânica * Para distrair em casa * Arte

* Lendas * Breviário da dona de casa *

Comentários de 1946 * Frases feitas *

Ciência ao alcance de todos * Curiosidades e Quebra-Cabeças *

A cozinha na antiguidade * Os matusalens do oceano *

A vida amorosa das abelhas * O radar do morcego *

Os anéis de Saturno * Origens das festividades cristãs *

As Freiras de Odivelas e a má fama de São Martinho *

Calendário permanente * Festas móveis

até 1958 * Centenários de 1947 * Ano de arte *

Ano aeronáutico * Ano científico

* Ano católico * Os mortos do ano.



São estes alguns dos mil assuntos do

ALMANAQUE EU SEI TUDO

para 1947, à venda em todo o Brasil por
Cr \$ 12,00. Pedidos à COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Rua Maranguape,
15. Rio. Atende-se pelo reembolso postal.

nizantes — música para os seus ouvidos. Os mortos e moribundos têm algo de grotesco e, ao mesmo tempo, de confortante. Os outros reis, os futuros historiadores, hão de chamar-lhe Frederico o Grande! Enquanto a cavalaria passa perto dele numa carga, Frederico toma a sua caixa de rapé. Um projétil perdido despedaça-a. Suas roupas são crivadas por uma saraivada de metralha. "Não haverá uma bala que me alcance?" resmunga sardonicamente. Pois com certeza gostaria de morrer. Paz — a paz eterna, após o estrondar da peleja — eis o que busca: o túmulo entre os férteis vinhedos, junto ao palácio de Sans-Souci. Voltaire já lá está, na terra bendita — lendo, sem dúvida, novas páginas de sabedoria, nas bibliotecas do Paraíso, ou sentado à mesa dos deuses, a todos vencendo em argúcia. E vede, há uma cadeira reservada para ele, Frederico, em frente ao assento do velho filósofo francês. Voltaire está guardando as suas melhores injúrias para lançar-lhe quando chegar...

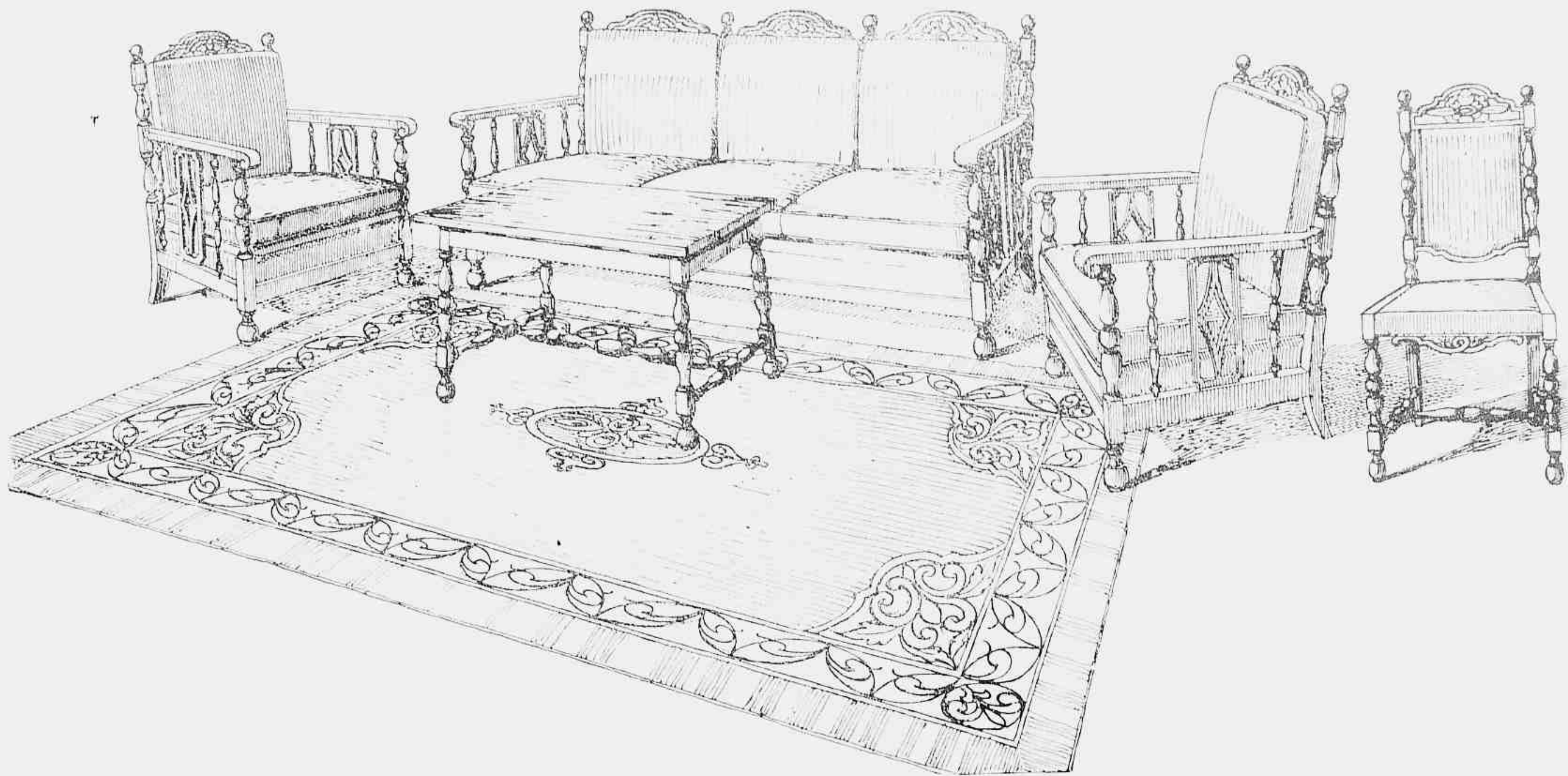
Mais uma carga da infantaria, um assalto às baterias inimigas, e a vitória final. E então, uma trégua efêmera como todas as tréguas deste nosso mundinho assinada pelos governos da Inglaterra, França, Áustria, Rússia. A Inglaterra expulsou os franceses do Novo Mundo e varreu os sete mares. E Frederico obteve para si um pouco de glória. Mas a verdadeira paz não vem.

Seus olhos maternos se dirigem de esguelha para um pedaço da Polónia, que não faria má figura sob a bandeira prussiana. Forma um pacto com as imperatrizes da Rússia e da Áustria — duas mulheres pouco infensas a tais espoliações. Apossam-se da Polónia e a dividem entre si. Frederico recebe um bom pedaço. Novos acontecimentos saborosos para os futuros livros de história. Mas nada de paz, ainda. Um homenzinho imundo, de quase sessenta anos, sempre com o velho tricórnio adornado por uma pluma suja, casaco manchado dos espirros, calças com nós de rapé, olhos mesquinhos, faces macilentas — um perfeito egoísta que se julgava uma autoridade em todos os assuntos. Tinha o ventre inflado pelas calimbras. Parecia que uma simples lufada de vento destruiria aquela carcaça arruinada...

Em todas as côrtes européias chamavam-lhe um segundo César, o maior guerreiro da época. Como! essa criaturinha velha e encarquilhada era o terror dos exércitos da Europa? Esse celibatário sem descendência, que, impotente aos vinte e três anos, nunca pôde tolerar as carícias de uma mulher? Esse homem de corpo tão gasto como as suas roupas — piolhento, mal-cheiroso, de faces besuntadas de rouge para dissimular a crosta de sujeira? Bah, fujamos desse cadáver ambulante — dessa posta de carne em decomposição!

Anos atrás, quando era moço e sabia sonhar... Naquele tempo ele não apodrecia em cima dum cavalo... Animava-o então a bondade. E aquelas noites horribéis que passara, como prisioneiro do pai em Kustrin, quando aprendera a sofrer... E desde então, tinha sofrido sempre... "Cansado... de habitar um corpo gasto e condenado ao sofrimento..." Seus lábios não tardam a ficar deformados pela gota; os dedos lhe incham tanto que já não pode tocar flauta. Um dia, não pôde mais alçar o corpo fatigado até a seia. Ficou sentado na sua tenda, no campo de adestramento de Potsdam, onde os soldados realizavam as manobras de verão. Quando a noite vinha, o rei olhava com terror a escuridão, temendo ser sufocado pela tosse. E uma noite, não diferente das outras em muitos respaldos, Frederico gemeu pedindo auxílio. Um soldado jovem e possante deitou sobre os joelhos o corpo mirrado e bateu-lhe nas costas para restituir-lhe o fôlego. Segurava o rei com força afim de evitar que fosse ao chão como um saco vazio. Duas horas o segurou o soldado em silêncio. Nem um sussurro se ouvia. E a alma do velhinho escapou-se mansamente...

(Do livro "Vidas de estadistas famosos".



LIVING - ROOM

No cliché acima reproduzimos um modelo de sala de estar, que, apesar de ornamentada com sobriedade apresenta entretanto um aspecto luxuoso e elegante. Não há aqui prodigalidade de enfeites e objetos de arte. A mesinha do centro é quadrada. O sofá e as poltronas, de almofadas soltas, têm o encosto estofado do mesmo material. Um amplo tapete completa a decoração do ambiente.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA DE CIGARROS

Souza Cruz